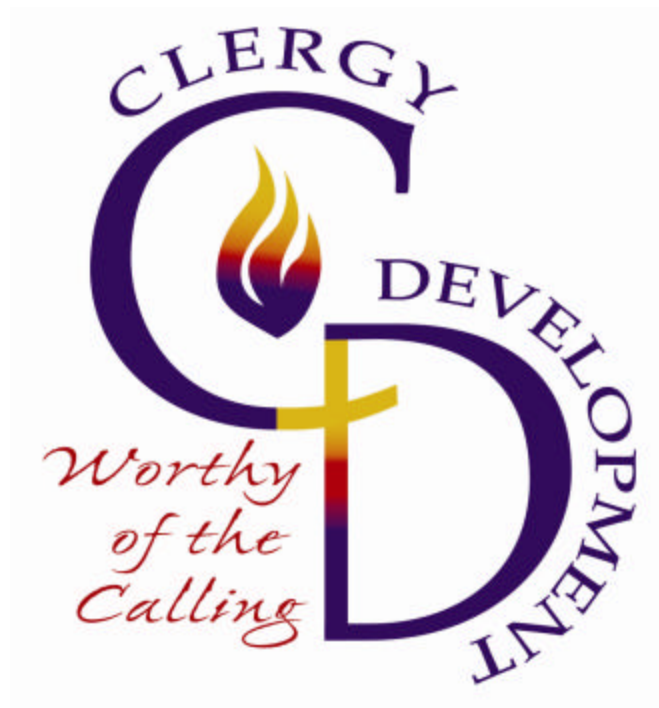

Guia do Estudante

Explorando A Teologia de John Wesley



Desenvolvimento Clérigo
Igreja do Nazareno
Kansas City, Missouri
816-333-7000 ext. 2468; 800-306-7651 (USA)
2002

Copyright ©2002 Nazarene Publishing House, Kansas City, MO USA. Criado por Desenvolvimento Clérigo Igreja do Nazareno, Kansas City, MO USA. Todos os direitos reservados.

Todas as citações bíblicas são da Bíblia de Referência Thompson, Edição Contemporânea. Copyright 1990, por Editora Vida, Rua Júlio de Castilho, 280 03059-000 – São Paulo, SP.

Notificação aos Provedores de Educação:

Este é um contrato. Faz uso deste material mediante aceitação de todos os termos e condições deste Acordo. Este Acordo cobre todos os Guias de Professor, Guias de Estudante e materiais de instrução incluídos neste Módulo.

Mediante a sua aceitação deste Acordo, o Desenvolvimento Clérigo lhe conferirá uma licença não-exclusiva ao uso destes materiais curriculares, conquanto que tenha concordado com o seguinte:

1. Uso dos Módulos.
 - Pode distribuir este Módulo electrónicamente aos estudantes ou outros profedores de educação.
 - Pode fazer e distribuir cópias electrónicas ou em papel aos estudantes para fins de instrução, conquanto que cada cópia contenha este Acordo e o mesmo copyright e outras notificações proprietárias relativas a este Módulo. Se fizer baixar o Módulo da Internet ou outra fonte semelhante, tem que incluir a notificação de copyright do Desenvolvimento Clérigo deste Módulo com qualquer distribuição electrónica e em qualquer distribuição que inclua este Módulo.
 - Pode traduzir, adaptar e/ou modificar os exemplos e materiais de instrução com a finalidade de fazer a instrução culturalmente relevante para os seus estudantes. Contudo, tem de concordar em não vender esse material modificado sem a autorização expressa e escrita do Desenvolvimento Clérigo.
2. Copyright. O Módulo é propriedade do Desenvolvimento Clérigo e está protegido pela Lei de Copyright dos Estados Unidos e pelas provisões do Tratado Internacional. A excepção do que se disse acima, este Acordo não lhe confere quaisquer direitos de propriedade intelectual sobre este Módulo.
3. Restrições
 - Não pode vender cópias deste Módulo em formato algum, excepto para recuperar o custo mínimo de reprodução electrónica ou de fotocópias.
 - Não pode modificar o palavrado ou a intenção original do Módulo para uso comercial.
4. Direitos não publicados reservados de acordo com as leis de copyright dos Estados Unidos.

Clergy Development
Church of the Nazarene
6401 The Paseo
Kansas City, MO 64131
USA

O **Curso Modular de Estudo** é um currículo dirigido para resultados que foi preconizado para implementar o paradigma educacional definido pelo Breckenridge Consultations. O Desenvolvimento Clérigo é responsável pela manutenção e distribuição o Curso Modular de Estudo para a Igreja do Nazareno.

São **Membros do comité de desenvolvimento** do Curso Modular de Estudo:

Michael W. Vail, Ph.D., Editor do Currículo da Série
Ron Blake, Director, Desenvolvimento Clérigo
Jerry D. Lambert, Comissário, Junta Internacional de Educação
Al Truesdale, Ph.D., Seminário Teológico Nazareno (reformado)
Robert L. Woodruff, Ph.D., Coordenador Educacional da Missão Mundial
David Busic, Pastor, Igreja do Nazareno Central, Lenexa, KS
Michael W. Stipp, Desenvolvimento Clérigo

Prefácio de Série escrito por Al Truesdale

Composição sobre o Diário escrita por Rick Ryding

Os principais contribuintes para cada módulo estão indicados no Guia do Professor.

Tradução de João M. Monteiro

Prefácio da Série

Uma visão para o Ministério Cristão: Educação Ministerial na Igreja do Nazareno

O propósito principal de toda a pessoa—e de facto, de toda a criação—é adorar, amar e servir a Deus. Deus se revelou nos Seus actos da criação e redenção. Como o Redentor, Deus chamou à existência um povo, a Igreja, o qual incorpora, celebra e declara o Seu nome e Seus caminhos. A vida de Deus com o Seu povo e o mundo constitui a História de Deus. Essa história é registada principalmente no Velho e Novo Testamentos, e continua a ser contada pelo Cristo ressurrecto que vive e reina como Cabeça da Sua Igreja. A Igreja vive para declarar toda a História de Deus. Isto ela faz de várias maneiras—nas vidas dos seus membros, os quais estão continuamente sendo transformados por Cristo, através da pregação, dos sacramentos, do testemunho oral, e na missão. Todos os membros do Corpo de Cristo são chamados a exercer um ministério de testemunho e serviço. Ninguém é excluído.

De acordo com a sua própria sabedoria, Deus chama alguns para cumprir o ministério da proclamação do evangelho e do cuidado do povo de Deus, através do ministério ordenado. Deus é o autor inicial nesta chamada, não o homem. Na Igreja do Nazareno acreditamos que Deus chama, e a pessoa responde. Não é a pessoa quem escolhe o ministério Cristão. Todos quantos são chamados para o ministério ordenado continuam a maravilhar-se com o facto de que Deus os chamou. Eles devem continuar a sentir-se humildes e maravilhados com o facto de que Deus os escolheu. Como declara o Manual da Igreja do Nazareno, “nós reconhecemos e mantemos que o Cabeça da Igreja chama alguns homens e mulheres para o trabalho mais oficial e público do ministério.” E depois acrescenta, “Como igreja, iluminada pelo Espírito Santo, reconhecemos a chamada do Senhor (Manual, Igreja do Nazareno, parágrafo 400).

Um ministro Cristão ordenado tem como responsabilidade principal declarar de várias maneiras toda a História de Deus cumprida em Jesus de Nazaré. A sua tarefa é “apascentar o rebanho de Deus . . . não por força, mas voluntariamente, não por torpe ganância, mas de boa vontade. Não como dominadores dos que vos foram confiados, mas servindo de exemplo ao rebanho” (1 Pedro 5:2-3). O ministro cumpre este dever sob a supervisão de Cristo, o sumo Pastor (1 Pedro 5:4). Tal ministério só pode ser cumprido depois de um período de cuidadosa preparação. Na realidade, dadas as contínuas demandas feitas ao ministro, a “preparação” nunca cessa.

A pessoa que entra para o ministério Cristão torna-se de forma bem nítida, um mordomo do evangelho de Deus (Tito 1:7). O mordomo é aquele a quem se confiou o cuidado daquilo que pertence a mais alguém. Pode ser alguém que cuida de uma outra pessoa, ou que gere a propriedade de alguém mais. Todos os Cristãos são mordomos da graça de Deus. Mas para além disso, num sentido muito peculiar, o ministro Cristão é um mordomo do “mistério de Deus,” que é Cristo, o Redentor, o Messias de Deus. Com fidelidade o ministro é chamado a “com intrepidez fazer conhecido o mistério do evangelho” (Efésios 6:19). Como Paulo, ele deve pregar fielmente “as riquezas insondáveis de Cristo, e demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus, que a tudo criou. E foi assim para que agora, pela igreja, a mltiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nas regiões celestiais” (Efésios 3:8-10).

No cumprimento desta comissão há muito espaço para diligência e vigilância, mas não existe lugar para preguiça ou privilégio (Tito 1:5-9). Os bons mordomos reconhecem que são mordomos apenas, não donos, e que prestarão contas da sua mordomia ao mestre. A principal paixão do mordomo é a fidelidade ao seu dever e ao Senhor que lho deu. O ministério Cristão, propriamente dito, nunca deve ser visto como um “emprego.” É antes um ministério—um ministério distintamente Cristão. Não existe responsabilidade nem gozo maior do que de tornar-se mordomo da História de Deus na Igreja de Cristo. Aquele que abraça a chamada de Deus para o ministério da ordenação coloca-se na companhia dos apóstolos, dos Pais da Igreja, dos Reformadores Protestantes, e de muitos à volta do mundo hoje que com gozo servem de mordomos do evangelho de Deus.

É claro, aquele que não reconhece ou que compreende mas rejeita a plenitude e inclusividade da mordomia do ministro, não deve entrar pelo caminho que conduz à ordenação. Num sentido bem peculiar, o ministro Cristão deve em toda a maneira servir de modelo do evangelho de Deus. Ele ou ela deve “fugir” do amor ao dinheiro. Antes, deve “combater o bom combate da fé” e “tomar posse da vida eterna, para a qual foste chamado” (1 Timóteo 6:11-12).

Assim a Igreja do Nazareno acredita que “o ministro de Cristo deve ser em tudo o exemplo para o seu rebanho—na pontualidade, discrição, diligência, dedicação; ‘na pureza, no saber, na longanimidade, no Espírito Santo, no amor não fingido, na palavra da verdade, no poder de Deus; pelas armas da justiça à direita e à esquerda’ (2 Coríntios 6:6-7)” (Manual, Igreja do Nazareno, parágrafo 401.1). O ministro de Cristo deve ser “irrepreensível, como despenseiro de Deus, não soberbo, nem irascível, nem dado ao vinho, nem espancador, nem cobiçoso de torpe ganância. Deve ser hospitaleiro, amigo do bem, sóbrio, justo, piedoso, temperante. Deve reter firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para admoestar na sã doutrina como para convencer os contradizentes.” (Tito 1:7-9).

A fim de ser bom mordomo da História de Deus, temos, entre outras coisas, que dedicar-nos ao estudo cuidadoso e sistemático, tanto antes como depois da ordenação. Isso acontece não por força mas por amor a Deus, ao Seu povo, e ao mundo que Ele está procurando redimir, e ainda por inescapável sentido de responsabilidade. Não é exagero afirmar que a atitude com que se encara a preparação para o ministério revela muito sobre o que se pensa de Deus, do evangelho, e da Igreja de Cristo. O Deus que se fez encarnado em Jesus e que preparou o caminho da salvação para todos deu o melhor de Si mesmo na vida, morte, e ressurreição do Seu Filho. Para ser bom mordomo, o ministro Cristão tem que responder na mesma medida. Jesus contou numerosas parábolas de mordomos que não reconheceram a importância do que lhes tinha sido confiado (Mateus 21:33-44; 25:14-30; Marcos 13:34-37; Lucas 12:35-40; 19:11-27; 20:9-18).

A preparação—a instrução em todas as suas dimensões—para o ministério na Igreja de Cristo deve ser assumida plenamente à luz da responsabilidade que o ministério envolve perante Deus e o Seu povo. Isso requer que se tire proveito dos melhores recursos educacionais disponíveis.

A Igreja do Nazareno reconhece e aceita plenamente a grandeza da responsabilidade associada com o ministério Cristão ordenado. Uma evidência deste nosso reconhecimento da nossa responsabilidade perante Deus está nos requisitos que temos para a ordenação e prática do ministério. Nós acreditamos que a chamada e

prática do ministério são um dom, não um direito ou privilégio. Cremos que Deus espera do ministro os mais altos padrões religiosos, morais, pessoais e profissionais. Não temos qualquer reserva em esperar que esses padrões sejam observados desde o momento da chamada até à morte. Acreditamos que o ministério Cristão deve em primeiro lugar ser uma forma de adoração. A prática do ministério é tanto um sacrifício a Deus como um serviço à Sua Igreja. Pelo milagre da graça, a obra do ministério pode tornar-se um meio da graça para o povo de Deus (Romanos 12: 1-3). A educação para o ministério é também uma forma de adoração.

Os módulos que integram o Curso de Estudos que podem conduzir à candidatura a ordenação foram cuidadosamente desenvolvidos para preparar a pessoa para o tipo de ministério aqui descrito. O propósito comum deles é oferecer uma preparação compreensiva para a entrada no ministério Cristão ordenado. Eles reflectem a sabedoria da Igreja, a sua experiência e responsabilidade perante Deus. Eles revelam o alto nível de valor que a Igreja do Nazareno dá ao evangelho, ao povo de Deus, ao mundo pelo qual Cristo deu a Sua vida, e ao ministério Cristão. São necessários três a quatro anos para completar os módulos, mas ninguém deve sentir-se pressionado a cumprir este prazo.

O estudo cuidadoso que os módulos exigem deve revelar que perante Deus e a Sua Igreja a pessoa aceita a responsabilidade de mordomia associada ao ministério ordenado.

Reconhecimentos

Cada um dos módulos é a acumulação dos esforços de muitas pessoas. Alguém escreve o manuscrito original, outros oferecem sugestões para melhorar o conteúdo e tornar o material mais compreensível, e finalmente o editor formata o módulo para publicação. Este módulo não é diferente. Muitas pessoas participaram no seu desenvolvimento. Todo o esforço foi empenhado no sentido de fielmente representar a intenção original dos principais contribuintes.

Contribuinte Principal

A principal contribuinte deste módulo é a Dra. Diane Leclerc. A Dra. Leclerc é professora de Teologia Histórica e Homilética no Northwest Nazarene University, onde ela tem leccionado desde 1998. Ela é ministra ordenada na Igreja do Nazareno, tendo pastoreado duas congregações, nos estados de Maine e Idaho. Ela obteve a sua licenciatura em Religião no Eastern Nazarene College, o Mestrado em Divindade no Seminário Teológico Nazareno, e tanto o seu Mestrado em Filosofia como o seu Doutorado no Drew University.

Ela tem artigos publicados no *Wesleyan Theological Journal*, e contribuições em dois livros, incluindo *Heart Religion in Methodist Tradition and Related Movements*. O seu livro *Singleness of Heart: Gender, Sin, and Holiness in Historical Perspective* ganhou o Prémio de Livro do Ano da Wesleyan Theological Society em 2002. Ela é membro activo na Wesleyan Theological Society e na Wesleyan-Holiness Women Clergy Association. Ela reside em Nampa, Idaho, com o marido e filho.

Comentarista

Este módulo foi revisto por pelo menos um especialista em conteúdo para assegurar que o conteúdo não reflecte um único, restrito ponto de vista ou opinião. O comentarista fez sugestões que a principal contribuinte pôde integrar nest módulo.

O comentarista para este módulo é o Rev. Clair MacMillan. Clair MacMillan cresceu em casa de pastor Nazareno em Ottawa, Ontário, Canadá, filho do Rev. Kenneth MacMillan e esposa Myrtle. Tendo-se formado no Olivet Nazarene University (licenciatura em Religião em 1970; e Mestrado em Teologia em 1987), ele continuou os estudos na Mount Allison University, seguindo uma série de matérias e projectos de pesquisa em Sociologia e Antropologia Social.

Nestas duas últimas décadas, Clair tem estado activamente envolvido na reforma do processo de preparação ministerial no Canadá. Como membro do Concelho Nacional Canadiano "Gales Commission on the Ministry," ele contribuiu com várias monografias, incluindo "An Alternate Path to the Ministry," "The Guide to Ministerial Preparation in Canada," "The Nazarene Experience in Canada," e "The Differentiation of Religion and Theology." Ele é o principal autor da obra *SourceBook for Ministerial Preparation in Canada*.

Clair tem servido como pastor Nazareno por 32 anos e actualmente serve como presidente do Concelho Nacional da Igreja do Nazareno do Canadá. Ele e a esposa Donna vivem em Moncton, New Brunswick, Canadá.

Conteúdo

Prefácio da Série	3
Reconhecimentos	6
Programa de Estudo	8
Lição 1: A Biografia Teológica de Wesley—de Epworth a Aldersgate	17
Lição 2: A Biografia Teológica de Wesley —de Aldersgate à Morte de Wesley	31
Lição 3: As Fontes Teológicas de Wesley	42
Lição 4: Epistemologia e Revelação	47
Lição 5: O Quadrilátero—Escritura e Tradição	61
Lição 6: O Quadrilátero—Experiência e Razão	73
Lição 7: O Deus Trino Criador	78
Lição 8: A Pessoa de Cristo e a Pessoa do Espírito	89
Lição 9: A Humanidade e O Pecado	102
Lição 10: O Caminho da Salvação, Parte 1.....	111
Lição 11: O Caminho da Salvação, Parte 2.....	116
Lição 12: Os Meios da Graça e os Sacramentos	131
Lição 13: Últimas Coisas	135
Lição 14: A Vida na Comunidade Cristã.....	158
Lição 15: A Vida no Mundo	163
Glossário	169

Programa de Estudo

Explorando a Teologia de John Wesley

Instituição Acadêmica, Contexto, ou Educador:

Localização do Curso:

Datas:

Nome do Professor:

Endereço do Professor, Telefone, e Email:

Declaração de Alvos do Módulo:

A Igreja do Nazareno é uma igreja na tradição Wesleyana de santidade. Com esta designação, afirmamos que a teologia de John Wesley sustenta e informa tanto as nossas conclusões teológicas como o nosso método teológico. Enquanto que Wesley deve ser visto como um mentor e não um “guru” (como certa vez sugeriu Mildred Bangs Wynkoop), é essencial que na nossa identidade denominacional nós ensinemos, preguemos e ministremos como Wesleyanos. Tradição “Wesleyana de santidade” também significa que colocamos a santidade como a hermenêutica pela qual interpretamos a vida e pensamento de Wesley, e reconhecemos que o movimento de santidade do século 19—do qual se formou a Igreja do Nazareno—foi uma tentativa de permanecer fiel à ênfase de Wesley no “caminho da salvação.” Na definição de Wesley a salvação é mais do que um momento de tempo: ela inclui um processo vitalício de santidade interior e exterior, bem como as experiências decisivas do novo nascimento e santificação.

O nosso conceito de santidade nunca deve ser divorciado da teologia de Wesley mais amplamente definida. Isto é crucial à entrada do século 21, quando um absolutismo fundamentalista por um lado e o relativismo religioso por outro parecem ser as únicas opções. A “santidade de coração e vida” é importante para qualquer geração. É extremamente importante que aqueles que se estão preparando para o ministério ordenado na Igreja do Nazareno possam captar, tomar posse, e utilizar o dinamismo do paradigma teológico de Wesley. Este curso foi organizado com a identidade denominacional dos Nazarenos em mente.

Para compreender a teologia de Wesley, duas influências importantes têm que ser reconhecidas: a história pessoal de Wesley e as suas fontes teológicas. O curso examinará a vida de Wesley no seu contexto histórico—a Inglaterra no século 18. Também examinará a dependência de Wesley bem como a sua apropriação de certas tradições teológicas. Wesley sofre grande influência da Igreja Primitiva (principalmente fontes ante-Nicenas e Orientais), do misticismo Católico (da Idade Média), da Reforma Protestante (a reacção de Tiago Arminio a ela, bem como a apropriação Moraviana dela), e do Anglicanismo (que se seguiu ao Acordo Elizabetano).

Para compreender as conclusões teológicas de Wesley, é vital compreender a sua metodologia teológica. O quadrilátero Wesleyano (como ficou conhecido) mantém a primazia das Escrituras. Com efeito, Wesley era “homem dum livro só.” E contudo, Wesley acreditou que as Escrituras devem ser interpretadas dinamicamente:

- As Escrituras têm sido interpretadas pela tradição—uma história de interpretação que requer alguma fidelidade.
- Elas testificam de uma experiência de Cristo e do evangelho Cristão que tem um carácter dinâmico e colectivo.
- Elas devem ser compreendidas, organizadas e efectivamente comunicadas com a ajuda da razão.

O alvo final do método quadrilátero não é apenas de natureza teológico/doutrinal, mas também informa directamente a formação espiritual—um facto que de novo coloca uma resposta à graça no centro de todo o “sistema” Wesleyano. A metodologia de Wesley bem como o seu dogma informam a perspectiva Wesleyana do dia de hoje. Esta perspectiva interpreta a vida, ministério e relacionamentos através de uma lente distintamente Wesleyana. Esta lente será contrastada com outros pontos de vista e outras tradições, como o paradigma Calvinista em especial.

O curso lidará com uma categoria sistemática de cada vez, notando tanto a fidelidade de Wesley à tradição como o seu próprio pensamento construtivo e criativo. Ênfase especial irá para os temas soteriológicos que têm implicações práticas. Por exemplo, uma teologia de adoração levará a esta pergunta: “Qual é o estilo Wesleyano de adoração?” A doutrina da antropologia teológica sugere a pergunta, “À luz dos conceitos da imagem de Deus e da graça proveniente, como é que devemos tratar as pessoas?” Os estudantes poderão demonstrar tanto o conhecimento do conteúdo deste curso, como as capacidades pessoais e profissionais que emergem da teologia e formação espiritual da tradição Wesleyana. O “coração aquecido” do Wesleyanismo é o coração do ministério Nazareno. Assim, este curso torna-se crucial para a educação teológica de ministros da Igreja do Nazareno, bem como para a denominação no seu todo.

Pressupostos Educacionais

1. A obra do Espírito Santo é essencial para qualquer processo de educação Cristã a qualquer nível. Nós procuraremos e esperaremos consistentemente a presença do Espírito no nosso meio e dentro de nós.
2. O ensinamento e a aprendizagem Cristãos ocorrem da melhor maneira quando em comunidade (pessoas estudando e trabalhando juntas). A comunidade é um dom do Espírito, mas pode ser fortalecida ou então atrapalhada pelo esforço humano. Comunidades têm valores comuns, histórias, práticas, e alvos. Esforços deliberados serão envidados para fortalecer a comunidade no contexto deste curso. Haverá trabalho de grupo em cada lição.
3. Cada participante adulto possui conhecimento e experiências que pode compartilhar com a classe. Nós aprendemos não só com o professor e com as leituras, mas também uns com os outros. Cada participante é tido não apenas como estudante mas também como professor. É por esta razão que muitos dos exercícios neste módulo são de natureza cooperativa e colaborativa.
4. O diário é um meio ideal de reunir a teoria à prática, quando os estudantes sintetizam os princípios e conteúdo das lições com as suas próprias experiências, preferências e ideias.

Alvos do Módulo

Este módulo visa contribuir para o desenvolvimento das seguintes capacidades, consoante o U.S. Sourcebook for Ministerial Development.

OBJECTIVOS DO PROGRAMA

- CN20 Capacidade de reflectir teologicamente sobre a vida e o ministério
- CN21 Capacidade de demonstrar conhecimento das fontes de reflexão teológica, seu desenvolvimento histórico, e expressões contemporâneas
- CN22 Capacidade de articular as características distintivas da teologia Wesleyana
- CN23 Capacidade de identificar e articular a doutrina da santidade numa perspectiva Wesleyana
- CN25 Capacidade de identificar e descrever o significado de importantes figuras, temas, e eventos do período Patrístico, Medieval, Reformista, Puritano, Pietista, Wesleyano, e Moderno, na história da Igreja
- CN26 Capacidade de descrever a implementação por parte da igreja da sua missão durante os vários períodos da história da Igreja
- CP10 Capacidade de sintetizar, analisar, discorrer logicamente, discernir, avaliar, resolver problemas, e acomodar ambiguidade
- CP11 Capacidade de avaliar a validade de argumentos e identificar os seus pressupostos e consequências
- CX5 Capacidade de descrever e interpretar a relação entre a cultura e o comportamento individual
- CX10 Capacidade de compreender e articular as bases Bíblicas e teológicas da missão Cristã

DECLARAÇÕES DE PROPÓSITO

- Interpretar o pensamento de John Wesley e descobrir maneiras como tal pensamento pode informar a agenda teológica da Igreja do Nazareno no século 21
- Fazer uso efectivo dos métodos de Wesley na busca da santidade pessoal e social
- Aplicar princípios Wesleyanos adequados a culturas diferentes da nossa
- Incorporar os princípios Wesleyanos de formação espiritual no nosso próprio enriquecimento
- Compreender a metodologia teológica de Wesley (a função do quadrilátero Wesleyano)
- Compreender e articular o conceito de Wesley de um Deus triuno e da primazia da doutrina do soteriologia
- Aplicar a perspectiva Wesleyana à nossa vida, ministério, relacionamentos e chamada

Recomendação de Leitura

Familiarize-se com o Wesley Center for Applied Theology. Pode encontrá-lo no site <http://wesley.nnu.edu>

Requisitos do Curso

1. **Assistência, atenção e participação** são especialmente importantes. Os estudantes são responsáveis por todas as tarefas de casa e trabalhos na aula. Uma boa parte do trabalho neste curso é trabalho de grupo. Esse tipo de trabalho cooperativo em pequenos grupos não pode ser reproduzido. Assim, a assistência é imperativa. Mesmo se leituras ou trabalhos extras forem feitos, a falta de participação no trabalho de grupo diminui o valor do diálogo, debate, e aprendizagem comum. Quando o estudante faltar a uma lição, o professor exigirá trabalho extra para compensar. Se duas ou mais aulas forem faltadas, o estudante terá que repetir o módulo na sua inteireza.

Trabalho em Grupo. Nada é mais importante neste curso do que o trabalho em grupo. Os membros da classe serão distribuídos em pequenos grupos de dois a quatro estudantes cada, em que cada membro servirá de parceiro aos colegas no estudo, exploração e discussão do material.

2. Trabalho de Casa

Diário: O único trabalho de duração “semestral” no curso é o seu diário. Ele deverá ser usado regularmente, senão diariamente. Em pelo menos uma ocasião durante o curso o professor verificará os diários. Com cada lição vem uma tarefa que tem a ver com o diário.

O diário deve tornar-se o amigo e tesouro do estudante, com descobertas, devoções, e ideias. É aqui que se dá a integração da teoria com a prática. A natureza espiritual deste diário ajuda a impedir que o curso se torne meramente acadêmico, com os estudantes sendo desafiados repetidas vezes a aplicar os princípios estudados aos seus próprios corações e contexto ministerial.

Este diário não é uma simples crônica. Antes, é um diário guiado ou orientado para a reflexão e escrita sobre a experiência educacional e as suas implicações.

Os criadores deste currículo estão cientes do perigo em que muitas vezes os estudantes caem, de aprender “acerca” da Bíblia, ou “acerca” da vida espiritual, em vez de aprenderem no sentido de conhecer e internalizar a Bíblia e os princípios espirituais. A experiência do diário garante o elemento “Ser” da fórmula “Ser, Saber, e Fazer” como parte integrante do curso. Seja fiel a todas as tarefas que têm a ver com o diário.

Trabalho Diário: Trabalhos de casa são uma componente regular deste módulo. O trabalho é diário. Enquanto que as aulas só acontecem uma vez por semana, o trabalho do estudante no módulo deve ocorrer numa base “diária.” As tarefas são importantes, e por vezes pesadas. Mesmo quando as tarefas não forem discutidas nas respectivas aulas, ainda assim devem ser entregues. Isso dá ao professor informação regular sobre o progresso que o estudante está a fazer na aula. Normalmente, o trabalho deve ser entregue no começo de cada aula.

Todas as tarefas devem ser completadas.

Esboço do Curso e Horário

A classe se reunirá por 15 lições de 90 minutos cada, para um total de 22 horas e meia, de acordo com o plano seguinte:

Data	Horário	
		1. Biografia Teológica de Wesley—de Epworth a Aldersgate
		2. Biografia Teológica de Wesley—de Aldersgate à sua Morte
		3. As Fontes Teológicas de Wesley
		4. Epistemologia e Revelação
		5. O Quadrilátero—Escritura e Tradição
		6. O Quadrilátero — Experiência e Razão
		7. O Deus Trino Criador
		8. A Pessoa de Cristo e a Pessoa do Espírito
		9. Humanidade e Pecado
		10. O Caminho da Salvação, Parte 1
		11. O Caminho da Salvação, Parte 2
		12. Os Meios da Graça e os Sacramentos
		13. Últimas Coisas
		14. A Vida na Comunidade Cristã
		15. A Vida no Mundo

Avaliação do Curso

O professor, o curso em si, e o progresso feito pelos alunos serão todos avaliados. A avaliação será feita de várias maneiras.

O progresso dos alunos será avaliado com o objectivo de melhorar a experiência de aprendizagem. Isso será feito através de:

1. Observação cuidadosa do trabalho de grupo, tomando nota da competência dos relatórios, o equilíbrio dos debates, a qualidade das relações, o nível de cooperação, e o cumprimento dos deveres
2. Leitura cuidadosa dos trabalhos de casa
3. Verificação dos diários

A avaliação dos materiais do curso não pode ser levada a cabo durante as aulas em si. Alguns dos objectivos levarão anos para serem alcançados. Na medida em que os estudantes tiverem encontrado o poder transformador de Deus com maior profundidade do que antes; aprendido e abraçado práticas e disciplinas devocionais; e incorporado o que de melhor existe neste curso nos seus ministérios, então o impacto deste empreendimento educacional será deveras duradouro. É nosso desejo que isso aconteça.

Informação Adicional

Um esforço razoável será feito para assistir a todos os estudantes. Qualquer estudante que tenha impedimentos físicos, dificuldades de aprendizagem, ou outras condições que possam tornar difícil o alcance dos objectivos da classe deve marcar um encontro com o professor logo que possível para determinar que arranjos especiais podem ser feitos. Qualquer estudante que esteja tendo dificuldade em compreender as tarefas, palestras ou outras actividades do curso deve falar com o professor para fazer os necessários arranjos.

Disponibilidade do Professor

Todo o esforço será feito em boa fé no sentido de servir os estudantes tanto dentro como fora da sala de aula.

O Diário: Um Instrumento para Reflexão Pessoal e Integração

No centro da sua preparação para o ministério está a participação no Curso de Estudos. Para completar cada módulo, você precisará escutar as preleções, ler vários livros, participar em discussões, e escrever trabalhos. O alvo é dominar o conteúdo.

Igualmente importante na preparação ministerial é a formação espiritual. Alguns preferem usar o termo devoções, enquanto que outros se referem ao crescimento na graça. Qualquer que seja o título, trata-se do cultivo intencional do seu relacionamento com Deus. O trabalho integrado nos módulos ajudá-lo-á a aumentar o seu conhecimento, capacidades, e aptidão para a obra do ministério. O trabalho de formação espiritual visa aplicar tudo quanto você aprender ao tecido da sua vida, permitindo assim que a sua educação possa fluir livremente da cabeça até ao coração e a todos quantos você servir.

Embora existam várias disciplinas espirituais úteis no cultivo do relacionamento com Deus, o diário é um elemento crítico na sua conexão. Manter um diário significa simplesmente manter um registo das suas experiências e das descobertas que fizer ao longo da jornada. Trata-se de uma disciplina no sentido de requerer uma boa dose de esforço e tempo cada dia para a sua manutenção. Muitos admitem que esta prática é frequentemente posta de lado por causa de outras responsabilidades. A verdade é que mesmo cinco minutos dedicados ao diário, podem fazer uma enorme diferença na educação e formação espiritual.

Considere o tempo passado no seu diário como tempo passado com um amigo. Nas páginas do diário poderá registar as suas sinceras reações aos eventos do dia, os conhecimentos que ganhou durante a aula, uma citação proveniente de um livro, e uma descoberta que fez com o cruzamento de duas ideias. Não se trata de uma simples crónica de eventos despida de diálogo pessoal. O diário neste sentido é um

depósito para todos os seus pensamentos, reacções, orações, descobertas, visões, e planos. Enquanto que alguns gostem de diários complexos com secções específicas para cada tipo de reflexão, outros preferem um simples comentário contínuo. Em qualquer dos casos, registre a data e lugar no começo de cada anotação. Isso será útil na altura de rever as suas ideias.

É conveniente falar um pouco das logísticas da manutenção de um diário. Para começar só precisa de caneta e papel. Uns preferem folhas soltas que depois podem ser colocadas numa pasta de argolas, enquanto outros gostam mais de cadernos com argolas em espiral, e outros ainda têm preferência por cadernos tradicionais. Qualquer que seja o seu estilo, o que é importante é que tenha um método que funcione bem.

É essencial reservar um espaço e um momento determinados para fazer anotações no seu diário. Se não houver um momento designado para esta actividade, ela não ocorrerá com a regularidade necessária para ser útil. É natural querer escrever no diário no final do dia, para poder reflectir em tudo o que aconteceu. Mas responsabilidades familiares, actividades nocturnas e cansaço militam contra esta prática. A manhã oferece uma alternativa. O sono filtra muitas das experiências do dia, e nutre profundo discernimento, os quais podem ser registados logo no princípio da manhã. Em combinação com as devoções, o diário ajuda na integração das experiências vividas com a Palavra de Deus, e também com o material encontrado no módulo que tem estado a cozinhar na sua mente. Você provavelmente notará que o diário ajuda a tomar nota de ideias que ocorreram inesperadamente ao longo do dia.

Se calhar estamos deixando a impressão de que o diário é um exercício escrito à mão. Alguns podem estar a considerar a ideia de fazê-lo no computador. Tradicionalmente tem havido uma certa afinidade entre mão, caneta e papel. É algo mais pessoal, directo e estético. E é também flexível, portátil, e acessível.

Com regularidade de uso, o seu diário passa a ser um depósito da sua jornada. Assim como é importante fazer anotações diariamente, é também importante rever o seu trabalho regularmente. No final de cada semana, leia as anotações feitas ao longo dela. Faça um sumário e tome nota dos movimentos do Espírito Santo no seu próprio crescimento. Faça uma revisão mensal do seu diário cada trinta dias. A melhor forma de fazer isso pode ser um retiro de meio dia, onde você poderá com oração concentrar-se nos seus pensamentos a sós e em silêncio. Fazendo isso poderá começar a ver o valor cumulativo da Palavra, do seu trabalho com os módulos, e da sua experiência no ministério, todos a combinar-se de formas nunca antes consideradas. Isso constitui integração—a combinação do crescimento na fé e do conhecimento. A integração transfere a informação da cabeça para o coração, de maneira que o ministério deixa de ser meramente uma questão de afazeres para passar a ser algo que tem a ver com o próprio ser. O diário pode ajudá-lo a responder a pergunta central na educação: “Porque é que eu faço o que faço quando o faço?”

O diário realmente é um elemento chave na preparação ministerial. O seu diário é a crónica da sua jornada em direcção à maturidade espiritual bem como à mestria do conteúdo. Estes volumes conterão os ricos discernimentos que darão unidade à sua educação. O diário é o instrumento de integração. Que você possa valorizar este processo!

Bibliografia

- Bassett, Paul M. *Exploring Christian Holiness: The Historical Development*, Volume 2. Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1985.
- Campbell, Ted. *John Wesley's Conceptions and Uses of Christian Antiquity*. Nashville: Kingswood/Abingdon Press, 1984.
- Chilcote, Paul Wesley. *John Wesley and the Women Preachers of Early Methodism*. Lanham, MD: Scarecrow Press, 1984. Ann Arbor, MI: University Microfilms International, 1987.
- Dunning, H. Ray. *Grace, Faith, and Holiness: A Wesleyan Systematic Theology*. Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1988.
- Gunter, W. Stephen, et al. *Wesley and the Quadrilateral: Renewing the Conversation*. Nashville: Abingdon Press, 1997.
- Heitzenrater, Richard P. *Wesley and the People Called Methodists*. Nashville: Abingdon Press, 1995.
- Leclerc, Diane. *Singleness of Heart: Gender, Sin, and Holiness in Historical Perspective*. Lanham, MD: Scarecrow Press, 2001.
- Maddox, Randy L. *Responsible Grace: John Wesley's Practical Theology*. Nashville: Kingswood Books, 1994.
- Meeks, M. Douglas, ed. *The Portion of the Poor: Good News to the Poor in the Wesleyan Tradition*. Nashville: Kingswood Books, 1995.
- Oden, Thomas C. *John Wesley's Scriptural Christianity: A Plain Exposition of His Teaching on Christian Doctrine*. Grand Rapids: Zondervan, 1994.
- Staples, Rob L. *Outward Sign and Inward Grace: The Place of Sacraments in Wesleyan Spirituality*. Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1991.
- Taylor, Richard S., ed. *Beacon Dictionary of Theology*. Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1983.
- Tuttle, Robert G. *Mysticism in the Wesleyan Tradition*. Grand Rapids: F. Asbury Press, 1989.
- Wesley, John. "On Preachers: An Address to the Clergy," in *Wesley's Works* (1872 Jackson ed.), vol. 10.
- Estes sermões de John Wesley estão disponíveis na íntegra no site do Wesley Center do Northwest Nazarene University, <<http://wesley.nnu.edu>>
Os títulos dos sermões aparecem em ordem alfabética.
- "The Catholic Spirit" (Sermão 39)
 - "Christian Perfection" (Sermão 40)
 - "The Duty of Constant Communion" (Sermão 101)
 - "The Lord Our Righteousness" (Sermão 20)

- "On Patience" (Sermão 83)
- "On The Trinity" (Sermão 55)
- "On Visiting the Sick" (Sermão 37)
- "Imperfection of Human Knowledge" (Sermão 69)
- "The Repentance of Believers" (Sermão 14)
- "Scripture Way of Salvation" (Sermão 43)
- "Salvation by Faith" (Sermão 1)
- "Spiritual Worship" (Sermão 77)
- "The Unity of Divine Being" (Sermão 114)

Estas obras de John Wesley podem ser encontradas no site do Wesley Center do Northwest Nazarene University, <<http://wesley.nnu.edu>>

- "The Imperfection of Human Knowledge"
- "A Plain Account of Christian Perfection"
- "A Plain Account of the People Called Methodists"

Lição 1: A Biografia Teológica de Wesley—de Epworth a Aldersgate

Dever Para Esta Lição

Nenhum

Objectivos de Aprendizagem

Ao completar esta lição, os participantes deverão poder

- descrever a cultura religiosa e política da Igreja Anglicana
- articular as influências que família, educação, e ordenação tiveram na formação de John Wesley
- compreender o impacto dos escritos de Thomas à Kempis, William Law, e Jeremy Taylor sobre Wesley
- debater as ambições e as falhas do trabalho missionário de Wesley em Geórgia
- identificar a influência dos Moravianos sobre Wesley
- descrever o significado de Aldersgate no desenvolvimento espiritual de Wesley

Trabalho de Casa

Escreva um ensaio biográfico de três páginas, intitulado "A influência da minha biografia na minha teologia e visão do mundo."

Leia Recurso 1-6, "Salvação por Fé."

Escreva no seu diário. Esta tarefa é contínua. Inclua as suas reflexões, reações e opiniões sobre o material apresentado na aula. Leia uma porção do diário de John Wesley, e reflecta sobre a leitura. O diário pode ser localizado na pagina: <http://wesley.nnu.edu>.

Palavras de Wesley

John Wesley nasceu, cresceu, and foi ordenado como Anglicano. Ainda assim ele diz, "Eu fui à America para converter os Índios, mas, oh, e quem me converterá a mim?"

Journal, Terça-feira, 24 de Janeiro, 1738

Ao aproximar-se Aldersgate, o coração de Wesley sinceramente confessou, "Eu desejo aquela fé que ninguém pode possuir sem saber que a possui."

Journal, Domingo, 29 de Janeiro de 1738

A Teologia de Wesley

Ele não escreveu uma “teologia sistemática” nos moldes do que fez Calvino. Ele nunca se sentou para escrever num lugar o que ele cria sobre toda a doutrina Cristã.

Os entendidos têm que considerar os trabalhos mais práticos de Wesley—tais como os seus sermões, diários, e cartas—para poderem tecer o conteúdo das convicções de Wesley sobre cada doutrina “sistemática” tradicional. Por essa razão Wesley já foi designado de “teólogo prático.”

He is also known as a rather “eclectic” theologian—he takes the best he can find from a variety of sources and synthesizes it all into a creative theological vision.

Uma chave na interpretação de Wesley é precisamente o reconhecimento dessa *via media* em boa parte da sua obra.

Contexto Histórico

O rei Henrique VIII separou a igreja do Catolicismo Romano em 1532.

A primeira declaração oficial da teologia Inglesa apareceu nos “Dez Artigos da Religião.”

Duas obras foram importantes para o desenvolvimento da fé Inglesa: *O Livro das Homilias* (1546) e *O Livro da Oração Comum* (1549).

“O Acto de Uniformidade” (1559) ajudou a estabelecer uma posição intermédia. . . . A resolução da Rainha Elizabeth I resolução ficou conhecida como o “Acordo Elizabetano.”

Influências Importantes

Três autores que exerceram influência sobre Wesley

- Tomás à Kempis (1380-1471), místico Alemão, escreveu a famosa obra *The Imitation of Christ*.
- Jeremias Taylor (1613-67) escreveu *The Rule and Exercises of Holy Living and Dying*.
- William Law (1686-1761), um contemporâneo de Wesley, escreveu dois livros importantes: *Christian Perfection* e *A Serious Call to a Devout and Holy Life*.

A santidade inclui:

- Pureza de intenções
- A imitação de Cristo como modelo da vida santa
- Amor a Deus e ao próximo como norma definitiva da perfeição Cristã.

Uma Explicação Clara da Perfeição Cristã

Num sentido, trata-se da pureza de intenção, dedicando toda a vida a Deus. É entregar todo o coração a Deus; é ter um desejo só e um só desígnio a reger todos os nossos sentimentos. É devotar não apenas uma parte mas todo o nosso ser, corpo e substância a Deus. Num outro sentido, é ter toda a mente de Cristo a capacitar-nos a andar como Cristo andou. É a circuncisão do coração de toda a impureza, toda a poluição tanto interior como exterior. É a renovação do coração na imagem plena de Deus, na semelhança plena do seu criador. E ainda noutra sentido, é amar a Deus com todo o coração, e ao próximo como a si mesmo.

John Wesley

A Influência Moraviana

Wesley encontrou os Moravianos pela primeira vez em 1735 durante a sua viagem à Geórgia, América.

Ele viu-se impressionado pela sua segurança de salvação.

Eles era firmes apoiantes da doutrina Luterana da *sola fide*: salvação pela fé somente.

Peter Bohler, um Moraviano que aconselhou Wesley em várias ocasiões, desafiou-o a “pregar a fé até alcançá-la e depois pregá-la por a teres alcançado.”

JOHN WESLEY

SERMÃO NÚMERO UM

SALVAÇÃO PELA FÉ

(Tradução de Izilda Peixoto Bella,
http://www.imdelrei.com.br/include/sermoes/?cd_secoes=26)

PREGADO NA IGREJA DE ST. MARY, OXFORD, PERANTE A UNIVERSIDADE, EM 18 DE JUNHO DE 1738

“Pela graça sois salvos por meio da fé.” Efésios 2:8

1. Todas as bênçãos as quais Deus tem concedido ao homem são da mera graça dele: generosidade, ou favor; seu livre e, completamente, imerecido favor; homem que não tem nenhuma reivindicação para a menos importante das suas clemências. Foi pela livre graça que *“formou o homem do pó do chão, e soprou nele uma alma vivente”*, e estampou naquela alma a imagem de Deus, e *“colocou todas as coisas debaixo dos seus pés”*. A mesma livre graça continua em nós, até nossos dias: vida, respiração, e todas as coisas. Porque não há nada do que somos, ou temos, ou fazemos, que pode merecer a menor coisa das mãos de Deus. *“Todos nossas obras, Tu, Ó Deus, tem forjado em nós”*. Esses são muito mais exemplos da sua livre clemência: e, mesmo que qualquer retidão possa ser encontrada no homem, esse é também um dom de Deus.

2. Que recursos, então, deve um homem pecador expiar para qualquer dos seus menores pecados? Com as próprias obras? Não. Sejam elas tantas ou santas, elas não são dele, mas de Deus. Mas, de fato, os homens são todos profanos e pecadores, por eles mesmos, então, cada um deles precisa de uma nova expiação. Apenas frutos corruptos crescem em uma árvore corrupta. E seu coração é completamente corrupto e abominável; criatura *“para alcançar a glória de Deus”*, a gloriosa justiça, primeiramente impressa na sua alma, depois da imagem de seu grande Criador. Dessa forma, tendo nada, nem retidão, nem obras, a pleitear, sua boca é totalmente calada diante de Deus.

3. Se mesmo pecadores encontram favor com Deus, isto é *“graça pela graça!”* Se Deus concede ainda verter novas bênçãos em nós, ou seja, a maior de todas as bênçãos, salvação, o que podemos dizer dessas coisas, a não ser *“Graças seja para com Deus por seu inexprimível dom!”*. E, portanto, assim é... *“Deus confiou seu amor para conosco, por isso, enquanto éramos ainda pecadores, Cristo morreu”*, para nos salvar *“pela Graça”*. Dessa forma, *“somos salvos através da fé”*. Graça é a fonte, fé a condição de nossa salvação.

Agora, que não alcançamos a graça de Deus, cabe-nos cuidadosamente inquirir. –

- I. Que fé é essa, pela qual somos salvos.
- II. Que salvação é essa pela fé.
- III. Como podemos responder algumas objeções.

I. Que fé é essa, pela qual somos salvos.

1. Não é apenas a fé do pagão. Agora, Deus exigiu do pagão que acreditasse. *“Que Deus é quem recompensa os que diligentemente O busca”*; e que Ele

- será buscado glorificando-O como Deus, e dando a Ele graças por todas as coisas, e pela cuidadosa prática da virtude da moral, da justiça, misericórdia, e verdade, para com as suas criaturas. O Grego ou Romano, por conseguinte, sim, a Scythian ou Indian; não teriam desculpas, se não acreditassem tanto: na criatura e atributos de Deus, um estado futuro de recompensa e castigo, a natureza obrigatória da virtude moral. Porque isso é apenas a fé do pagão.
2. Nem essa é a fé do diabo. Mesmo porque, a fé do diabo vai muito além da do pagão, uma vez que ele acredita que há um Deus sábio e poderoso, gracioso para recompensar e justo para punir; mas que também Jesus é filho de Deus, o Cristo, o Salvador do mundo. E, assim, encontramos ele declarando, em termos expressos, *"Eu conheço, Tu, que sois, o Santo Deus"* (Lucas 4:34). *"Ah! Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste a destruir-nos? Bem sei quem és: O Santo de Deus"*. Tampouco podemos duvidar de que esse espírito infeliz acredita em todas essas palavras que vêm da boca do Santo Deus, e, que tudo quanto foi escrito pelos santos homens antigos, sendo que dois deles foi compelido a dar aquele testemunho glorioso: *"Esses homens são os servos do mais alto Deus, que mostra a você o caminho da salvação"*. Assim, o grande inimigo de Deus e do homem acredita, e treme acreditando: - Que Deus foi feito manifesto na carne; que ele *"porá todos os inimigos debaixo dos seus pés"*; e que *"toda a Escritura foi dada pela inspiração de Deus"*. Assim tão longe, vai a fé do diabo.
 3. A fé pela qual somos salvos, no significado da palavra que será explicada daqui por diante, nem chega perto daquela que os Apóstolos tiveram, enquanto Cristo ainda estava na terra. Porque eles acreditaram tanto nele, a ponto de *"deixarem tudo e segui-lo"*; embora tivessem poder para realizar milagres, *"curar toda a forma de enfermidades, e todas as formas de doenças"*; sim, eles tinham *"poder e autoridade sobre todos os males"*, e, além de tudo isso, foram enviados pelo seu Mestre para *"pregar a palavra em todo o reino de Deus"*.
 4. Que fé é essa, então, pelo qual somos salvos? Em geral, pode ser respondido, primeiro, como sendo a fé em Cristo: Cristo, e Deus através de Cristo; estes são os objetos próprios dela. Assim, sendo suficientemente e absolutamente distinguida da fé, tanto do ancião, quanto do pagão moderno. E sendo completamente distinta da fé do diabo, que é puramente especulativa, racional, fria, consentimento inanimado, uma seqüência de idéias da mente; mas também uma disposição do coração. Como dizem as escrituras: *"Com o coração o homem acreditou na justiça"*, e, *"E se confessares com a tua boca o Senhor Jesus, e acreditares no teu coração que Deus o levantou da morte, então serás salvo"*.
 5. E, nisso, ela difere da fé o qual os Apóstolos tiveram, enquanto nosso Senhor estava na terra, e reconhece a necessidade e mérito de sua morte, e o poder de sua ressurreição. Reconhece a sua morte, como sendo o único meio de redimir o homem da morte eterna, e sua ressurreição, como nossa restauração para a vida e imortalidade; já que ele *"foi entregue pelos nossos pecados, e subiu novamente aos céus para nossa justificação"*. A fé cristã é, então, não só um reconhecimento de todo o evangelho de Cristo, mas também a completa confiança no sangue de Cristo; a confiança nos méritos da sua vida, morte, e ressurreição; e inclinação a ele como nossa expiação e nossa vida, que foi dada por nós, e vivendo em nós, e, em consequência a

isto, o fim com ele, e mantendo-se fiel a ele, como nossa *“sabedoria, retidão, santificação e redenção”*, ou, em uma palavra, nossa salvação.

II. Que salvação é essa, pela fé.

1. O que quer que isso implique, é a presente salvação. É algo atingível. Atualmente atingida, na terra, por aqueles que são participantes dessa fé. Sobre isso falou o apóstolo aos crentes em Efésios, e neles aos crentes em todos os tempos: não, podemos ser (se bem que isso também é verdadeiro), mas *“somos salvos pela fé”*.
2. Somos salvos pela fé (para incluir tudo em uma palavra): do pecado. Essa é a salvação que é pela fé. Esta é aquela grande salvação predita pelo anjo, antes que Deus trouxesse seu Primogênito ao mundo: *“Chamarás a ele pelo nome de Jesus, porque ele deverá salvar seu povo de seus pecados”*. E nem aqui, ou em qualquer outra parte dos escritos santos, há qualquer limitação ou restrição. *A todo seu povo*, ou como é expresso em todo lugar, *“todo aquele que acredita nele”*, ele salvará dos seus pecados; desde o original até o atual, passado e presente pecado, *“da carne e do espírito”*. Pela fé nele, eles estão salvos tanto da culpa quanto do poder dela.
3. Primeiro: Da culpa de todo o pecado passado, considerando que todo mundo é culpado diante de Deus; a tal ponto, que Ele deveria *“ser rigoroso para colocar um sinal naquele que se extraviou; não há ninguém que poderia suportar isso”*; e, considerando que, *“pela lei está apenas o conhecimento do pecado, mas nenhuma libertação dele, cumprindo as ações da lei, nenhuma carne poderia ser justificada nesse sinal”*; agora, *“a justiça de Deus, o qual é pela fé em Jesus Cristo, é manifestada a todo aquele que crê”*. Assim sendo, *“todos estão livremente justificados pela sua graça, através da redenção que está em Jesus Cristo”*. *“Ele, Deus, estabeleceu ser uma propiciação através da fé em seu sangue, para declarar sua retidão para (ou pela) remissão dos pecados que são passados”*. Agora, Cristo lançou fora *“a maldição da lei, tendo sido feito maldito por nós”*. Ele *“destruiu a escrita da lei que estava contra nós, lançou-a fora do caminho, pregando-a em sua cruz”*. *“Assim, não há condenação alguma àqueles que **crêem** em Cristo Jesus”*.
4. E, sendo salvo da culpa, eles são salvos do medo. Não realmente de um medo de filho, de ofender; mas medo de servo; todo aquele medo servil que maquina tormento; medo do castigo; medo da ira de Deus, mas a quem eles agora já não consideram como um Mestre severo, e, sim, um Pai complacente. *“Eles não receberam o espírito de escravidão novamente, mas o Espírito de adoção, por meio de qual eles clamam, Abba, Pai: o próprio Espírito que é também paciente testemunha de seus espíritos, porque eles são as crianças de Deus”*. Eles são também salvos do medo, entretanto, não da possibilidade da queda longe da graça de Deus, e de alcançar as grandes e preciosas promessas. Assim, tenham eles *“paz com Deus, através de nosso Senhor Jesus Cristo. Eles se regozijam na esperança da glória de Deus. E o amor de Deus é derramado em seus corações, pelo Espírito Santo que é dado a eles”*. E, por meio disso, eles são persuadidos (entretanto, talvez, não todo o tempo, nem com a mesma abundância de persuasão), que *“nem morte, nem vida, nem coisas presentes, nem coisas para vir, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura, poderá ser capaz de separa-los do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor”*.

5. Novamente: por esta fé eles são salvos do poder de pecado, como também da culpa dele. Assim o Apóstolo declara, *"Sabemos que ele foi manifesto, para lançar fora nossos pecados; e, Nele, não está o pecado. Assim, todo aquele que habita Nele não terá pecado"*. (1 John 3:5) *"Jesus respondeu: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus"*. Novamente: *"Pequenas crianças, não deixem homem algum enganá-los. Aquele que comete pecado é do diabo. Todo aquele que crê é nascido em Deus. E todo aquele que é nascido em Deus não comete pecado; e sua semente permanece nele; e não pode pecar, porque ele é nascido em Deus"*. Mais uma vez: *"Nós sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não tem pecado; mas ele que é procriado de Deus defende a si mesmo, e aquele que é pecaminoso não tocará Nele"*. (1 John 5: 18) *"Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam mata-lo, porque não só quebrantava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus"*.

6. Aquele, que é pela fé, nascido de Deus, não peca.
 - (1) *por qualquer pecado habitual*; porque todo pecado habitual é pecado reinando: Mas pecado nenhum reina naquele que crê.

 - (2) *Por qualquer pecado intencional*; porque sua vontade, enquanto habita na fé, é completamente colocada contra o pecado, e tem aversão a ele como a um veneno mortal.

 - (3) *Por qualquer desejo pecador*; porque ele continuamente desejou a santa e perfeita vontade de Deus, e qualquer tendência a um desejo profano, ele, pela graça de Deus, persistiu no princípio.

 - (4) *Nem pecou por fraqueza, tanto em ações, palavras, ou pensamento*; porque suas fraquezas não coincidem com sua vontade; e, sem isso, eles não são propriamente pecados. Assim, *"ele, que é nascido em Deus, não comete pecado"*; e, embora ele não possa dizer que não tem pecado, até agora, *"ele não pecou"*.

7. Esta é, então, a salvação que é através da fé, até mesmo, no mundo presente: a salvação do pecado, e as conseqüências do pecado, ambos freqüentemente expressos na palavra justificação; que, levada num sentido mais amplo, implica na libertação da culpa e castigo, pela expiação de Cristo; de fato, aplicada à alma do pecador, que, agora, acredita nele; e a libertação do poder de pecado, através de Cristo, moldado em seu coração. De forma que ele está assim justificado, ou salvo pela fé, e é, deveras, nascido novamente - nascido novamente pelo Espírito - a uma nova vida, o qual *"é encoberto com Cristo em Deus"*. E, como um bebê recém-nascido, ele recebe o *"verdadeiro leite da palavra, e, desse modo, cresce"*; seguindo adiante no poder do Senhor seu Deus, de fé em fé, de graça em graça, até o fim, para que se torne *"um homem perfeito, na medida da estatura da abundância de Cristo"*.

III. A primeira objeção habitual para isto é...

1. Que pregar salvação ou justificação, pela fé apenas, é pregar contra a santidade e boas obras. Para a qual uma pequena resposta poderia ser dada:

“Assim, seria, se nós falássemos, como alguns fazem, de uma fé que estava separada disso; mas nós falamos de uma fé que não é assim, mas produto de todas as boas obras, e toda a santidade”.

2. Mas pode ser de uso considerar isto um pouco mais; especialmente, desde que isso não seja alguma objeção nova, mas, tão velha, quanto no tempo de Paulo. Quando, então, foi perguntado: *“Não fazemos nula a lei, através da fé?”*. Ao que respondemos:
 1. Aquele que não prega a fé, obviamente, torna a lei nula; tanto diretamente como grosseiramente, pelas limitações e comentários que corroem todo o espírito do texto; ou indiretamente, não mostrando os únicos significados, por meio dos quais, é possível executá-la.
 2. Considerando que, *“nós estabelecemos a lei”*, tanto mostrando toda sua extensão, como significado espiritual; e chamando a todos para esse modo de vida, por meio do qual *“a justiça da lei possa ser cumprida neles”*. Estes, enquanto eles confiam somente no sangue de Cristo, cumprem todas as leis que ele designou, fazem todas as *“boas obras, as quais ele preparou anteriormente, para que pudessem caminhar nelas”*, e desfrutam e manifestam todo temperamento santo e divino, com a mesma franqueza que havia Cristo Jesus.
3. Mas não pregar essa fé, conduz os homens ao orgulho? Acidentalmente, é possível: Por isso, todo crente deve ser fervorosamente acautelado, nas palavras do grande Apóstolo: *“Por causa da incredulidade”, os primeiros galhos “foram quebrados: tu permaneceste pela fé”*. Não seja magnânimo, mas tema. *“Se Deus não tivesse poupado os galhos naturais, tomado cuidado, temo que ele não teria poupado a árvore”*. Vejam, então, a bondade e severidade de Deus! Naqueles que caíram, severidade; mas, em relação à árvore, misericórdia; *“se continuares em sua misericórdia; caso contrário, tu também poderás ser cortado”*. E enquanto ele continua, desse ponto, ele lembrará daquelas palavras de Paulo, prevendo e respondendo a esta mesma objeção (Ro 3:27), *“Onde está, logo, a jactância? É excluída. Por qual lei? Das obras? Não! Mas pela lei da fé”*. Se o homem é justificado pelas suas obras, ele teria do que se gloriar? Mas não há glória para ele *“que não trabalhou, mas acreditou Nele que justificou ao ímpio”* (Ro 4:5). *“Mas, àquele que não pratica; porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça”*. Do mesmo efeito são as palavras, ambas precedendo e seguindo o texto: (Efe 2:4ff): *“Mas Deus, que é rico em clemência, pelo muito amor com que nos amou, até mesmo quando estávamos mortos em pecado, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), e nos ressuscitou juntamente com ele, e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus”*. De vocês mesmos vieram nem sua fé, nem sua salvação. *“Isso é um presente de Deus”*, o livre, imerecido presente; a fé, através do qual vocês são salvos, tanto quanto a salvação pela qual ele, de seu próprio prazer, seu mero favor, anexa, além disso. Que acreditemos, é uma instância de Sua graça; que acreditando seremos salvos. *“Não pelas obras, para que não qualquer homem possa se vangloriar”*. Todas as nossas obras, e nossa retidão, antes da nossa crença, tinham mérito nenhum, perante Deus, mas condenação. Tão longe estávamos de merecermos fé, que, quando dada, não era pelas obras. Nem é salvação das obras o que fazemos, quando acreditamos, uma vez que é Deus que trabalha em nós; dessa forma, ele nos deu uma recompensa por aquilo que ele mesmo realizou, não só, confiando

as riquezas de sua misericórdia, mas não nos deixando do que nos gloriarmos.

4. “Porém, falando dessa forma da clemência de Deus, salvando e justificando livremente o homem pela fé, pode encorajar os homens ao pecado? Realmente, pode, e vai”: Muitos continuarão em pecado para que a graça possa abundar “: Mas o sangue deles está sobre suas próprias cabeças. A bondade de Deus deve conduzi-los ao arrependimento; e, assim, todos aqueles que são sinceros de coração. Quando eles souberem que ainda há perdão com Ele, eles clamarão em voz alta, para que ele destrua também seus pecados, pela fé que está em Jesus. E, se eles fervorosamente clamarem, e não desfalecerem, se o buscarem em todos os significados que ele designou; se, se recusarem a ser confortados, até que ele venha; *“ele virá, e não irá demorar-se”*. E ele pode fazer muitas obras, em muito pouco tempo. Muitos são os exemplos, nos Atos dos Apóstolos, de que Deus está trabalhando a fé, nos corações dos homens, até mesmo como um raio que caiu do céu. Assim, na mesma hora que o Paulo e Silas começaram a orar, o carcereiro se arrependeu, acreditou, e foi batizado; como foram três mil, através de Pedro, no dia de Pentecostes, e todos se arrependeram e acreditaram, na sua primeira pregação. E, abençoado seja Deus, há, agora, muitas provas vivas de que ele ainda *“é poderoso para salvar”*.
5. Ainda para a mesma verdade, colocada de uma outra maneira, uma objeção bastante contrária é feita: *“Se, o homem não pode ser salvo por tudo aquilo que ele pode fazer, isto levará os homens a se desesperarem”*. Verdade. A se desesperarem, por terem sido salvos por suas próprias obras, seus próprios méritos, ou retidão. E assim deve; porque ninguém pode confiar nos méritos de Cristo, já que ele renunciou totalmente aos dele. Aquele que *“ocorreu de firmar a sua própria retidão”*, não pode receber a retidão de Deus. A retidão a qual é pela fé não pode ser dada a ele, enquanto confiar no que é da lei.
6. Mas isso, alguns dizem, é uma doutrina incômoda. O diabo falou como ele mesmo, isso é, sem verdade ou vergonha, quando ele ousou sugerir isso aos homens que é desse jeito. Isso é a única coisa confortável, é *“muito cheia de consolo”*, a todo autodestruídos, autocondenados pecadores. Que, *“quem quer que acredite Nele não será envergonhado, e que o mesmo Senhor sobre todos é rico a todos aqueles que O clamarem”*: aqui está o consolo, alto como o céu, mais forte que a morte! O que! Misericórdia a todos? Para Zacchaeus, o ladrão público? Para Maria Madalena, uma rameira comum? Impessoal, eu ouço um dizer *“Então eu, até mesmo eu, posso esperar por clemência!”*. E, também, tu podes, tu que és aflito, que ninguém tem confortado! Deus não lançara fora tua oração. Não. Talvez ele possa dizer na próxima hora – *“Tenha boa disposição de ânimo, teus pecados te foram perdoados”*; tão perdoados, que eles não reinarão mais sobre ti; sim, e que *“o Espírito Santo prestará testemunho com teu espírito, porque tu és a criança de Deus”*. Ó, gratas notícias! Notícias de grande alegria que é enviada a todas as pessoas! Oh! A todas aquelas que estão sedentas, venham até as águas: Venham, sim, e comprem, sem dinheiro e sem preço. Quaisquer que sejam seus pecados, ainda que vermelho como carmesim, ainda que em maior quantidade que os cabelos em sua cabeça, *“retorne, sim, ao Senhor, ele terá clemência sobre você, e, para nosso Deus, porque ele perdoará abundantemente”*.

7. Quando não mais objeções ocorrem, então, nos é simplesmente dito que salvação pela fé não deve ser pregada, como primeira doutrina, ou, pelo menos, não ser pregada a todos. Mas, o que disse o Espírito Santo? *“Outra fundação nenhum homem pode assentar, senão essa que já está assentada; nem mesmo Jesus Cristo”*. Então, que *“quem quer que acredite nele deverá ser salvo”*, é, e deve ser, a fundação de toda nossa pregação; isto é, precisa ser pregada, como primeira doutrina. *“Bem, mas não a todos”* (?) A quem, então, não podemos pregar? Quem excluiremos?
- Os pobres? Não! Eles têm o direito peculiar de ter o evangelho pregado até eles.
 - O iletrado? Não! Deus tem revelado essas coisas até iletrados e ignorantes, desde o princípio.
 - O jovem? Por nenhuma razão! *“Que esses padeçam”*, de modo algum, *“para virem até Cristo, e não proibi-los”*.
 - Os pecadores? Menos que todos! *“Cristo não veio chamar os íntegros, mas aos pecadores para o arrependimento”*.
8. Porquê, então, se nenhum, excluirmos o rico, o instruído, o honrado, homens de bem. E, isso é verdade, eles também se excluem muito freqüentemente de ouvir; ainda assim, temos que falar as palavras de nosso Senhor. Porque, desse modo, o teor de nossa incumbência escapa, *“Vá e pregue o evangelho a toda criatura”*. *“Se qualquer homem arranca isso, ou qualquer parte disso, para sua destruição, ele terá que suportar o próprio fardo”*. Mas, ainda, *“como o Senhor viveu, o que quer que o Senhor tenha nos dito, disto falaremos”*.
9. Neste momento, mais especialmente, falamos que, *“pela graça estamos salvos, através da fé”*: porque, nunca foi a manutenção dessa doutrina, mais oportuna do que tem sido até esse dia. Nada, mas isto pode eficazmente prevenir o aumento da ilusão dos Romish entre nós. É, sem fim, atacar, um por um, todos os erros daquela Igreja. Mas salvação pela fé fulmina na raiz, e tudo cairá imediatamente, onde isto está estabelecido. Foi essa doutrina, a que nossa Igreja chama justamente de rocha forte e fundação da religião cristã, que primeiro dirigiu Popery fora desses reinos; e só isto pode mantê-la de fora. Nada, mas isso pode ser um obstáculo àquela imoralidade, a qual *“tem se espalhado na terra como inundação”*. Você pode esvaziar as profundezas, gota a gota? Então, você pode nos reformar pela dissuasão das imoralidades individuais. Mas deixe a *“retidão que é de Deus pela fé, ser trazida para dentro, e, então, seus acenos orgulhosos serão detidos”*. Nada, mas isso pode parar as bocas daqueles que *“gloriam-se de suas vergonhas, e abertamente, negam o Senhor que os comprou”*. Eles podem falar da lei, de forma elevada, como aquele que a tem escrito por Deus em seu coração. Ouvi-los falar dessa maneira poderia inclinar alguns a pensar que eles não estavam muito longe do reino de Deus: mas, retirá-los da lei de dentro do evangelho; começando com a retidão pela fé; com Cristo *“o fim da lei a todo aquele que acredita”*, e aqueles que agora mostraram-se quase, se, não completamente, cristãos, mantiveram confessos os filhos da perdição; tão longe da vida e salvação (Deus seja misericordioso para com eles!) das profundezas do inferno até a altura dos céus.

Por essa razão, o adversário, então, vocifera, não importa quando *“salvação pela fé”* é declarada ao mundo: assim, ele incitou terra e inferno a destruir aqueles que primeiro pregaram isso. E pela mesma razão, sabendo que a fé sozinha poderia

arruinar as fundações de seu reino, ele fez acontecer todas as suas forças, e empregou todas as suas artes de mentiras e calúnias, para amedrontar Martin Lutero de restaurar isso. Nem podemos desejar saber, ao mesmo tempo: pois que, como aquele homem de Deus observa, *“como isso poderia enfurecer um orgulhoso e forte homem armado, ser impedido e desprezado por uma pequena criança, vindo contra ele, com uma flecha em sua mão!”*, especialmente, quando ele soube que aquela pequena criança seguramente o derrotaria, e o poria debaixo de seus pés. Mesmo assim, Senhor Jesus! Assim, tens tu força, sendo sempre *“feito perfeito na fraqueza!”* Vá em frente, então, tu, pequena criança que acreditas nele, e sua *“mão direita poderia ensinar-te coisas espantosas”*; Embora sejas impotente e fraco como uma criança de dias, um homem forte não poderá ser capaz de se levantar diante de ti. Tu prevalecerás sobre ele, o subjugarás, o derrotarás e o colocarás debaixo de teus pés. Tu marcharás, sob o grande Capitão da tua salvação, *“conquistando e a conquistar”*, até que teus inimigos sejam destruídos, e *“a morte seja tragada na vitória”*.

Agora, graças seja a Deus, que nos deu a vitória, através de nosso Senhor Jesus Cristo; para quem, com o Pai e o Espírito Santo, ser bênção, glória, sabedoria, gratidão e bravura, para sempre e sempre. Amém.

Lição 2: A Biografia Teológica de Wesley—de Aldersgate à Morte de Wesley

Deveres Para Esta Lição

Biografia Pessoal
Leitura de Sermão
Diário

Objectivos de Aprendizagem

Ao completar esta lição, os participantes deverão poder

- descrever o surgimento e desenvolvimento do Metodismo
- compreender a controvérsia que Wesley teve com a sociedade de Londres sobre o significado da santidade
- analisar a controvérsia que Wesley teve com o Calvinismo e com George Whitefield
- explorar as razões que levaram Wesley a permitir ordenações Americanas
- discutir a controvérsia que John Wesley teve com Charles Wesley sobre sucessão

Trabalho de Casa

Desenvolva uma cronologia da vida e evolução teológica de Wesley.

Leia Recurso 2-5, “Efetuando a Nossa Própria Salvação.”

Escreva no seu diário. Esta tarefa é contínua. Inclua as suas reflexões, reações, e análises sobre o material apresentado na aula. Leia uma porção do diário de John Wesley e reflita no que leu. O diário dele pode ser encontrado no seguinte endereço: <http://wesley.nnu.edu>.

Palavras de Wesley

Numa carta a um amigo, Wesley revela o core do seu movimento no seu próprio coração:

Ó, que nada possa habitar no meu coração
a não ser sòmente o Teu puro amor!
Ó que o Teu amor possa possuir-me plenamente,
minha alegria, meu tesouro, e minha coroa.
Chamas estranhas remove para bem longe do meu coração!
Possa cada acto meu, palavra, pensamento, ser amor.
Wesley, 1765

As últimas palavras de John Wesley:

“O melhor de tudo é, Deus está connosco. Adeus.”
Wesley, 1791

Questões Biográficas

Em primeiro de tudo, Wesley era uma figura conhecida no seu tempo.

Segundo, Wesley foi uma figura controversa durante a sua vida.

Terceiro, os próprios escritos de Wesley podem ser interpretados como revelando um Wesley "distintamente público," e outro Wesley "distintamente privado."

E finalmente, de acordo com Heitzenrater, o historiador tem que lidar com os aspectos frequentemente paradoxais da vida e pensamento de Wesley.

A teologia de Wesley desenvolveu-se com o tempo.

O Wesley sénior integrou nas suas posições teológicas os anos da fase jovem e adulta.

O Wesley Adulto 1739-60

A fase média da vida de Wesley foi consumida com o surgimento e organização do Reavivamento Metodista na Inglaterra, e a sua necessidade de esclarecer a teologia Metodista.

Wesley viu que ênfase demasiada sobre a doutrina da graça conduziria a uma espécie de antinomianismo—a noção de que uma vez que a graça é tudo, então as obras não só são desnecessárias, como prejudiciais à dependência do Cristão em Deus somente para a salvação.

Wesley viu que ênfase demasiada sobre a doutrina da graça conduziria a uma espécie de antinomianismo—a noção de que uma vez que a graça é suficiente, então as obras não só são desnecessárias, como prejudiciais à dependência do Cristão em Deus somente para a salvação.

Wesley ofereceu aos seus convertidos um programa disciplinado de formação espiritual, no contexto da comunhão com outros Cristãos, e com ênfase no cuidado pastoral.

Conferências anuais, iniciadas pela primeira vez em 1744, também desempenharam um papel crucial no desenvolvimento dos distintivos do Metodismo.

“Santidade de coração e vida” tinha sido desde sempre uma das frases predilectas de Wesley.

O Wesley Sênior 1760-91

Durante essas décadas, Wesley deparou-se com importantes questões teológicas que ajudariam a definir o Metodismo.

A “controvérsia perfeccionista” teve início nos princípios de 1760.

Alguns dos seus seguidores minimizaram o processo gradual que Wesley havia *sempre* enfatizado.

Wesley organizou uma conferência para resolver o assunto, e procurou esclarecer a sua posição em publicações tais como “Sobre a Perfeição” (1761), “O Pecado nos Crentes” (1763) e talvez de forma mais compreensiva em “Uma Explicação Clara da Perfeição Cristã” (publicado pela primeira vez em 1766, e depois em 1777).

George Whitefield tinha sido próximo de Wesley durante muitos anos, mas os dois discordaram quanto à doutrina da predestinação.

Em resposta à controvérsia, Wesley publicou várias obras: “Sobre a Predestinação” (1773), “Reflexões Sobre a Necessidade” (1774), e “Efetuando a Nossa Salvação” (1785). Wesley nunca vacilou na sua posição decisiva contra a eleição.

Foi também durante a fase sênior da vida de Wesley que a questão da separação do Metodismo da Igreja Anglicana atingiu o seu clímax. Para Wesley a Santa Ceia era tão importante que ele decidiu aprovar a ordenação Metodista de Francis Asbury e Thomas Coke, e comissioná-los como “superintendentes gerais” da Igreja Metodista em 1784 numa conferência em Baltimore.

Foi também durante a fase sênior da vida de Wesley que a questão da separação do Metodismo da Igreja Anglicana atingiu o seu clímax.

Santa Ceia era tão importante que ele decidiu aprovar a ordenação Metodista de Francis Asbury e Thomas Coke, e comissioná-los como “superintendentes gerais” da Igreja Metodista em 1784 numa conferência em Baltimore.

Pequenos Grupos

No seu grupo, trabalhem juntos para encontrar/desenvolver respostas para as seguintes perguntas, baseadas no sermão de Wesley que foi lido como tarefa de casa:

Título do Sermão:

Texto:

Tese:

Pontos Chave:

Relevância para Hoje:

Resposta:

JOHN WESLEY

SERMÃO OITENTA E CINCO

OPERANDO NOSSA PRÓPRIA SALVAÇÃO

(Tradução de Izilda Peixoto Bella,
http://www.imdelrei.com.br/include/sermoes/?cd_secoes=26)

"Efetuai a vossa salvação com temor e tremor, pois Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade." Phil. 2:12-13.

1. Algumas grandes verdades, como a existência e atributos de Deus, e a diferença entre a boa moral e a má, foram conhecidas, em alguma medida, pelo o mundo pagão. Os traços delas são encontrados em todas as nações; de modo que, de alguma maneira, pode-se dizer que para todos os filhos do homem, "Ele tem mostrado a ti, ó, homem, o que é bom; sempre ser justo, amar a misericórdia, e caminhar humildemente com teu Deus". Com essa verdade ele tem, em alguma medida, "esclarecido cada um que vem ao mundo". E, dessa forma, eles, que "não têm lei", que não têm lei escrita, "são a lei neles mesmos". Eles mostram "a obra da lei", -- a substância dela, embora não a carta, -- "escrita em seus corações", pelas mesmas mãos que escreveram os mandamentos nas tábuas de pedra; "A consciência deles também dão testemunho", se eles agem de acordo com isso ou não.
2. Mas há dois tópicos principais de doutrina, os quais contêm muitas verdades, da mais importante natureza, da qual os mais esclarecidos pagãos, no mundo antigo, eram totalmente ignorantes, como são também os mais inteligentes ateus que estão agora na face da terra; eu quero dizer, aqueles que se relacionam com o Filho eterno de Deus, e o Espírito de Deus: Para o filho, dando a si mesmo para ser "a propiciação para os pecados do mundo"; e, para o Espírito de Deus, renovando homens, naquela imagem de Deus, onde eles foram criados. Porque, depois de todas as dores as quais homens engenhosos e instruídos tiveram (o grande homem, o fidalgo Ramsay, em particular), para encontrar algumas semelhanças dessas verdades, no imenso lixo de autores; a semelhança estava, tão excessivamente enfraquecida, como se não fosse para ser discernida, a não ser por uma imaginação muito vivaz. Além do que, mesmo essa semelhança, enfraquecida como ela estava, foi apenas encontrada, no discurso de alguns poucos; e, esses foram os homens mais refinados e pensadores profundos, nas suas diversas gerações; enquanto as multidões inumeráveis que os cercaram foram um pouco melhores, por causa do conhecimento de filósofos, mas permaneceram, totalmente, ignorantes, mesmo dessas verdades principais, como se fossem as bestas que perecem.
3. Certo é, que essas verdades nunca foram conhecidas para o vulgar, a massa da humanidade, para a generalidade de homens, em qualquer nação, até que elas foram trazidas à luz pelo Evangelho. Por conseguinte, a faísca de conhecimento, luzindo aqui e ali, toda a terra foi coberta com escuridão, até que o Sol da Retidão surgiu e dispersou as sombras da noite. Desde essa alvorada, do alto tem aparecido, uma grande luz tem brilhado naqueles que, até então, sentaram-se na escuridão e nas sombras da morte. E milhares deles, em todas as épocas, têm sabido "que Deus amou de tal maneira o mundo, que deu seu único Filho, para que todo aquele que cresse, não percesse, mas tivesse a vida eterna". E

estando incumbidos com os oráculos de Deus, eles têm sabido que Deus tem também dado a nós seu Espírito Santo, que "opera em nós a sua vontade e a fazer o que é do seu bom prazer".

4. Quão notáveis são aquelas palavras do Apóstolo que precedem essas! "Deixe essa mente ser em você, a qual foi também em Cristo Jesus: Quem, estando na forma de Deus", -- a natureza incomunicável de Deus da eternidade -- "não permitiu ato algum de roubo", -- (esse é o significado preciso da palavra), nenhuma invasão de alguma outra prerrogativa; mas o seu direito próprio e inquestionável, -- "de ser igual com Deus". A palavra implica tanto a *abundância* e a *altura* suprema da Divindade; para o qual são supostas as duas palavras, *ele se esvaziou* e *se submeteu*. Ele "se esvaziou" daquela abundância divina, disfarçando sua abundância aos olhos de homens e anjos; "tomando", e por esse mesmo ato, esvaziando-se, "a forma de um servo; sendo feito na semelhança do homem", um homem real, como qualquer outro homem. "E, sendo encontrado no feito como um homem", -- um homem comum, sem qualquer beleza peculiar ou excelência, -- "ele humilhou-se", para um grau ainda maior, "tornando-se obediente" para Deus, embora igual a ele, "mesmo na morte, sim, a morte de cruz". O exemplo maior de humilhação e obediência. (Filipenses 2:5-11). Tendo proposto o exemplo de Cristo, o Apóstolo exorta-os a afiançar a salvação que Cristo adquiriu para eles: "Portanto, opere a sua própria salvação com medo e tremor. Porque é Deus quem trabalha em você a vontade e o fazer, para o bom prazer Dele".

Nessas palavras compreensíveis podemos observar:

- I. Essa verdade principal, que deve nunca estar fora de nossa lembrança, "É Deus que opera em nós, para a Sua vontade e próprio prazer".
- II. II. A melhoria que nós devemos fazer disso: "Operar a nossa própria salvação com temor e tremor".
- III. III. A ligação entre elas: "É Deus que opera em você", entretanto, "opere a sua própria salvação".

I.

(1) Primeiro Ponto: Nós vamos observar a grande e importante verdade que nunca deverá estar fora de nossa lembrança: "É Deus que opera em nós para a sua vontade e seu bom prazer". O significado dessas palavras pode ser mais claro, através de uma transposição pequena delas: "É Deus que, para seu bom prazer, opera em nós para querer e fazer". Essa posição das palavras, unida à frase, *do seu bom prazer*, com a palavra *opera*, remove toda imaginação do mérito do homem, e dá a Deus toda a glória da própria obra. Do contrário, nós teríamos tido algumas razões para nos vangloriarmos, como se fosse nosso próprio deserto, algumas santidades em nós, ou algumas boas obras feitas por nós, que, primeiro, moveram Deus a operar. Mas, essa expressão cortou fora todos os conceitos vão, e claramente, mostrou que seu motivo para operar situa-se, totalmente, em si mesmo, em sua própria graça, na misericórdia imerecida do homem.

(2) É através disso tão somente que ele está impelido a operar no homem o querer e o fazer. A expressão é capaz de duas interpretações; ambas são verdades inquestionáveis. Primeiro, *querer*, que pode incluir a totalidade do que é inerente; *fazer*, a totalidade do que é extrínseco, religião. E, se for assim entendido, ela implica que é Deus que opera tanto a santidade inerente, quanto extrínseca. Segundo, *querer*, que pode implicar todo desejo bom; *fazer*, o que quer que resulte

dali em diante. E, então, a sentença significa que Deus sopra em nós todo desejo bom, e conduz todo desejo bom para o resultado bom.

(3) As palavras originais: "thelein" e "energein" parecem favorecer a última construção: "thelein", que nós podemos verter para *querer*, claramente, incluindo todo desejo bom, se relacionado a nosso temperamento, palavras ou ações; para a santidade interior e exterior. E "energein", que nós podemos verter para *fazer*, manifestadamente, implicando todo o poder do alto, toda aquela força que opera em nós toda a disposição certa, e, então, nos garante para toda a boa palavra e obra.

(4) Nada pode, então, diretamente, tender para o orgulho escondido do homem, como a convicção profunda e duradoura disso. Porque, se nós estamos, completamente, sensibilizados de que nós temos nada, a qual nós não temos recebido, como podemos nos gloriar, como se nós não tivéssemos recebido isso? Se nós sabemos e sentimos que o mesmo primeiro mover do bem é do alto, tanto quanto o poder, o qual o conduz para essa finalidade; se, é Deus que, não apenas, introduz todo desejo bom, mas que o acompanha e segue, senão, ele desaparece, então, isso, evidentemente, significa que "ele que se gloria" deve "dar glórias no Senhor".

II.

(1) Prossigamos agora, para o Segundo ponto: Se Deus opera em vocês, então, operem sua própria salvação. A palavra original vertida, *operar*, implica em fazer a coisa totalmente. *Para sua própria*, porque vocês mesmos devem fazer isso, ou deixará de ser feito para sempre. Sua *própria salvação*: Salvação começa com o que é usualmente denominada (e muito propriamente) graça preventiva, incluindo o primeiro desejo de agradar a Deus, o primeiro alvorecer da luz concernente à sua vontade, e a primeira convicção passageira leve de ter pecado contra ele. Todos esses implicam alguma tendência com respeito à vida; alguns graus de salvação; o começo da libertação do coração cego e insensível, totalmente, insensível de Deus e das coisas de Deus. Salvação é conduzida por *graça convincente*, usualmente, denominada, nas Escrituras, de *arrepentimento*, o qual traz uma larga medida de autoconhecimento, a mais completa libertação do coração de pedra. Depois disso, nós experimentamos a salvação cristã adequada; por meio da qual, "através da graça", nós "somos salvos pela fé", consistindo essas duas ramificações, justificação e santificação. Por justificação, nós somos salvos da culpa do pecado, e restaurados para o favor de Deus; por santificação, nós somos salvos do poder e raiz do pecado, e restaurados para a imagem de Deus. Todas as experiências, tanto quanto as Escrituras mostram essa salvação ser tanto instantânea, quanto gradual. Ela começa, no momento em que nós somos justificados; no santo, humilde, gentil e paciente amor de Deus e homem. Ela, gradualmente, cresce daquele momento, como "um grão de mostarda, o qual, a princípio, é a menor das sementes", mas, depois, desenvolve ramos largos, e se torna uma árvore enorme; até que, em outro momento, o coração seja limpo de todo o pecado, e cheio com o puro amor de Deus e homem. Mas, mesmo aquele amor aumenta mais e mais, até que nós "fiquemos adultos em todas as coisas nele que é nosso Mestre"; até que possamos alcançar "a medida da estatura da abundância de Cristo".

(2) Mas, como nós podemos *operar* essa salvação? O Apóstolo responde: "Com temor e tremor". Existe uma outra passagem de Paulo, onde a mesma expressão ocorre, e que pode dar uma luz a isso: "Servos, vocês obedçam seus mestres de acordo com a carne", -- de acordo com o presente estado das coisas; embora ciente de que, em um curto espaço de tempo, o servo irá se libertar do amo, -- "com temor

e tremor". Essa é uma expressão proverbial, a qual não pode ser entendida literalmente. Para que o mestre poderia suportar, muito menos, requerer, seu servo temendo e estremeando-se diante dele? E as palavras seguintes excluem, completamente, esse significado: "na simplicidade do coração", com o olhar único para a vontade e providência de Deus; "não apenas para mostrar ao patrão, como bajuladores; mas como servos de Cristo, fazendo a vontade de Deus de todo o coração"; fazendo o que quer que eles façam, como a vontade de Deus, e, entretanto, com toda as suas forças. (Efésios 6:5) É fácil ver que essas expressões fortes do Apóstolo, claramente, implicam em duas coisas: Primeiro: Todas as coisas sendo feitas, com a mais extrema sinceridade do espírito, e com todo cuidado e precaução: (Talvez, mais diretamente se referindo para as palavras precedentes, "meta phobou", *com temor*) Segundo: Que seja feito com a mais extrema diligência, rapidez, pontualidade, e exatidão; não, improvavelmente, referindo-se à palavra posterior, "meta tromou", *com tremor*.

(3) Quão facilmente nós podemos transferir isso para as ocupações da vida: operar nossa própria salvação! Com o mesmo temperamento, e da mesma maneira que os servos cristãos servem seus amos, que estão sobre a terra, deixe outros cristãos trabalharem para servir o Mestre deles que está nos céus: ou seja, Primeiro, com a mais extrema sinceridade de espírito, com todo o cuidado e precaução possíveis; e, Segundo, com a mais extrema diligência, rapidez, pontualidade e exatidão.

(4) Mas quais são os passos, os quais as Escrituras nos direcionam a tomar, para operar nossa própria salvação? O Profeta Isaías nos dá uma resposta geral, tocando os primeiros passos, os quais devemos tomar: "Cessem de fazer o mal; aprendam a fazer o bem". Se, alguma vez, vocês desejaram que Deus pudesse operar, em vocês, aquela fé, por meio da qual vem a salvação presente e eterna, pela graça já recebida, fujam de todo o pecado, como da face da serpente; cuidadosamente, evitando toda palavra má; sim, abstendo-se de toda a aparência do mal. E "aprendam a fazer o bem". Sejam zelosos das boas obras, das obras de devoção, tanto quanto das obras de misericórdia, orações familiares, e clamando a Deus, em segredo. Jejuem, em segredo, e "seu Pai, que tudo vê, em segredo, irá recompensá-los, abertamente". "Sigam as Escrituras". Ouçam-nas, em público, leiam-nas, em privado, e meditem nelas. Em toda a oportunidade, sejam parceiros da Ceia do Senhor. "Façam isso, em lembrança dele": e ele irá encontrar vocês, na própria mesa Dele. Deixem sua conversa ser com os filhos de Deus; e vejam que ela "esteja em graça, temperada com sal". Quando vocês tiverem tempo, façam o bem, a todos os homens, para as almas e corpos deles. E, nisso, "sejam vocês firmes, inabaláveis, sempre abundando nas obras do Senhor". Então, resta apenas que vocês neguem a si mesmos, e peguem a cruz de vocês diariamente. Neguem, a si mesmos, todo prazer, que não prepara vocês para terem prazer em Deus, e de boa vontade, abracem todos os meios de chegar perto de Deus, embora ela seja uma cruz, embora seja aflição para a carne e para o sangue. Assim, quando vocês tiverem redenção, no sangue de Cristo, vocês "seguirão para a perfeição", até "caminharem na luz, como ele está na luz", vocês são capazes de testificar que "ele é fiel e justo", não apenas para "perdoar" seus "pecados", mas para "limpá-los" de toda iniquidade. (I João 1:9) "*Aquele que diz que está na luz e aborrece a seu irmão, até agora está em trevas*".

III.

(1) "Mas", dizem alguns, "que ligação há, entre cláusula precedente e a posterior da sentença? Não existe propriamente uma clara oposição entre uma e outra? Se, é Deus quem opera em nós o querer e o fazer, que necessidade existe da nossa

operação? O trabalho Dele, dessa forma, não suplanta a necessidade de nossa operação, afinal? Além do que, isso não torna nossa operação impraticável, assim como, desnecessária? Porque, se nós permitirmos que Deus faz tudo, o que é deixado para nós fazermos?".

(2) Tal é o raciocínio da carne e sangue. E, ao primeiro ouvido, ele é excessivamente plausível. Mas não é sólido; como irá, evidentemente, aparecer, se nós considerarmos a matéria, mais profundamente. Nós devemos, então, ver que não existe oposição entre elas, "Deus opera; entretanto, nós operamos", mas, ao contrário, a mais íntima ligação; e esta, em dois aspectos: Porque, Primeiro: Deus opera; embora você *possa* operar. Segundo: Deus opera, entretanto, você *deve* operar.

(3) Primeiro: Deus opera em você; entretanto, você *pode* operar. Caso contrário, seria impossível. Se ele não fizesse o trabalho, seria impossível a você realizar a sua própria salvação. "Com o homem isso é impossível", diz nosso Senhor, "para o homem brilhante entrar no reino dos céus". Sim, é impossível para qualquer homem; para qualquer que tenha nascido de uma mulher, a menos, que Deus opere nele. Vendo que todos os homens são por natureza, não apenas doentes, mas "implacáveis em transgredir e pecar", não é possível para eles fazer alguma coisa boa, até que Deus os levante de entre os mortos. Foi impossível para Lázaro continuar em frente, até que o Senhor tivesse dado a ele vida. E é igualmente impossível para nós *vir* para fora de nossos pecados; sim, ou fazer o menor movimento, em direção a eles, até que Ele que tem todo o poder nos céus e terra, chame nossas almas mortas para a vida.

(4) Ainda assim, isso não é desculpa para aqueles que continuam no pecado, e colocam a culpa em seu Mestre, dizendo, "É Deus apenas que deve estimular-nos; já que não podemos estimular nossas próprias almas". Porque, concebendo que as almas dos homens estejam, por *natureza*, mortas no pecado, isso não desculpa nada; vendo que não existe homem algum, que esteja num estado meramente natural; não há homem algum, a menos, que ele tenha extinguido o Espírito, que seja, completamente, isento da graça de Deus. Nenhum homem vivente está inteiramente destituído do que é vulgarmente chamado de *consciência natural*. Mas isso não é natural. É mais corretamente designada de *graça preventiva*. Todos os homens têm uma medida, maior ou menor, disso, que não espera pelo chamado do homem. Cada um tem, cedo ou tarde, desejos bons; embora a generalidade dos homens a reprimam, antes que ela possa golpear a raiz profunda, ou produzir algum fruto considerável. Todos têm alguma medida daquela luz, alguns raios brilhando fracamente, e que, cedo ou tarde, mais ou menos, ilumina todos os homens que vêm para o mundo. E cada um, a menos que ele seja de um número menor, cuja consciência seja marcada como que com ferro quente, sente-se, mais ou menos, desconfortável, quando ele age contrário à luz de sua própria consciência. De modo que nenhum homem peca, porque ele não tem a graça, mas porque ele não faz uso da graça que tem!

(5) Entretanto, visto que, como Deus opera em você, você está agora capacitado para operar a sua própria salvação. Já que ele opera em você, da própria boa vontade dele, sem qualquer mérito seu, o querer e o saber; é possível a você estar cheio de toda a retidão. É possível a você "amar a Deus, porque ele tem primeiro amado a nós", e "caminhar em amor", seguindo o padrão de nosso grande Mestre. Nós sabemos que, de fato, a palavra Dele é absolutamente verdadeira: "Sem que você ou eu façamos coisa alguma". Mas, por outro lado, nós sabemos, que todo

crente pode dizer: "Eu posso fazer todas as coisas, através de Cristo que me fortalece".

(6) Nesse meio tempo, deixe-nos lembrar que Deus tem reunido esses, na experiência de todo crente, e, entretanto, nós devemos tomar o cuidado, para não imaginar que eles possam sempre ser postos à parte. Nós temos é que nos precavermos da humildade falsa, que nos ensina a dizer, como desculpa para a nossa desobediência grosseira: "Ó, eu não posso nada!", e parar aqui, sem alguma vez, nomear a graça de Deus. Ore, pense duas vezes. Considere o que você diz. Eu espero que você esteja tratando injustamente a si mesmo, porque, se fosse realmente verdade que você não pode fazer coisa alguma, então, você não tem fé. E, se você não tem fé, você está numa condição miserável. Você não está na condição de salvação. Certamente, não é assim. Você pode fazer alguma coisa, através de Cristo que o fortalece. Incite a faísca da graça, que está agora em você, e ele irá lhe dar ainda mais graça.

(7) Segundo, Deus opera em você, entretanto, você *deve* operar em si mesmo. Você deve ser "um trabalhador junto com ele", (essas são as mesmas palavras do Apóstolo), do contrário, ele irá parar de operar. A regra geral, na qual os desígnios graciosos dele procedem é essa: "Até a ele que tem sido dada; mas dele que não tem", -- que não melhora a graça que já foi dada, -- "deverá ser levada embora o que seguramente tem". (então, as palavras devem ser expressas). Mesmo Agostinho, que é geralmente suposto favorecer a doutrina contrária, faz essa única observação: "Ele que nos fez, sem nós mesmos, não irá nos salvar, sem nós mesmos". Ele não irá nos salvar, a menos que "salvemos a nós mesmos da geração adversa"; a menos que nós mesmos "lutemos a boa luta da fé, e alcancemos a vida eterna"; a menos que "agonizemos para entrar no portão estreito", "neguemos a nós mesmos, e tomemos nossa cruz diariamente", e trabalhemos, por todos os meios possíveis para "fazer nosso próprio chamado e eleição, seguramente".

(8) "Trabalhem", então, irmãos, "não para a carne que perece, mas para aquilo que dura para a vida eterna"; Diga com nosso abençoado Senhor, embora em um sentido diferente: "Meu Pai opera até aqui, e eu trabalho". Em consideração, a que ele ainda opere em você, nunca seja "fraco da beneficência". Vá em frente, na virtude da graça de Deus, que está prevenindo, acompanhando, e seguindo você, no "trabalho da fé, na paciência da esperança, e no trabalho do amor". "Seja você firme e inalterável, sempre abundando nas obras do Senhor". E "o Deus da paz, que traz novamente dos mortos, o grande Pastor das ovelhas", (Jesus), "fará você perfeito em toda boa obra para fazer a vontade dele, operando em você o que é agradável aos seus olhos, através de Jesus Cristo, para quem seja a glória para sempre e sempre!".

Editado por Jennifer Luhn, com correções por Ryan Danker e George Lyons, para o Wesley Center for Applied Theology at Northwest Nazarene University.
© Copyright 1999 by the Wesley Center for Applied Theology.

O texto pode ser usado livremente para propósitos pessoais ou escolares, ou colocados em Web sites. Qualquer uso para propósito comercial é estritamente proibido, sem permissão expressa do Wesley Center, em Northwest Nazarene University, Nampa, ID 83686. Contato: webadmin@wesley.nnc.edu

Lição 3: As Fontes Teológicas de Wesley

Deveres Para Esta Lição

Cronologia
Leitura de Sermão
Diário

Objectivos de Aprendizagem

Ao completar esta lição, os participantes deverão poder

- articular as razões por que Wesley deu preferência à teologia pré-Nicena e Oriental
- explorar o impacto de algumas das figuras Patrísticas no pensamento e vida de Wesley
- discutir o “misticismo prático” de Wesley—a rejeição do quietismo mas o apoderamento do valor da experiência de Deus
- explorar a influência que Lutero e o conceito Moraviano de *sola fide* tiveram sobre Wesley
- compreender a influência do Puritanismo em Wesley
- compreender a influência de Arminio no Metodismo
- explicar a influência teológica Anglicana em Wesley

Trabalho de Casa

Escreva um trabalho de duas páginas sobre o seu parecer em relação a esta pergunta: Como é que sabemos o que sabemos, especialmente no tocante à “verdade religiosa?”

Faça um sumário dos Pontos Principais do Recurso 2-4 **ou** 3-4. Tenha em mente uma audiência contemporânea/cultural. Ofereça uma ilustração contemporânea/cultural de um desses pontos.

Escreva no seu diário. Esta tarefa é contínua. Inclua as suas reflexões, reações, e análises sobre o material apresentado na aula. Leia uma porção do diário de John Wesley e reflecta no que leu. O diário dele pode ser encontrado no seguinte endereço: <http://wesley.nnu.edu>.

Palavras de Wesley

Wesley foi influenciado por várias tradições diferentes, incluindo a dos místicos:

Eu cresci conhecendo pessoalmente os escritores místicos, cujas nobres descrições da união com Deus e a religião interior fazem com que tudo mais pareça desprezível, superficial e insípido . . . Deram-me uma noção inteiramente nova da religião—em nada igual à que eu possuía anteriormente.

Journal, terça-feira 24 de Janeiro de 1738

Wesley derivou do próprio Anglicanismo a semente do avivamento Metodista. A fé consiste de “certa e segura confiança em Deus, de que por intermédio de Cristo os meus pecados estão perdoados e eu estou reconciliado com o favor de Deus.”

Livro de Homilias

Teologia Oriental e Ocidental

A teologia Oriental tinha em regra um foco litúrgico e prático. Colocava maior peso na condição humana e na capacidade humana de transformação do que as fontes Ocidentais. Assim, a sua noção de salvação e "santificação" tinha como foco a verdadeira transformação de carácter pela graça de Deus, e era completamente otimista no tocante ao crescimento espiritual nesta vida.

Igualmente se concentrou essa teologia na cooperação dinâmica entre a graça de Deus e a nossa apropriação dela, processo conhecido como "sinergismo." Entre as fontes Orientais que mais influenciaram Wesley estão Irineu, Clemente de Alexandria, Orígenes, Macário, João Crisóstomo, e Efraím Siro. Desses e muitos outros se apropriou Wesley, na busca da experiência de Deus e da vida de santidade.

O Misticismo e a Reforma

O interesse de Wesley pelos aspectos práticos do nosso relacionamento com Deus levou-o da Igreja Primitiva ao misticismo Católico Medieval, até à ênfase na graça que acompanhou a Reforma Protestante.

Wesley nutriu profunda apreciação pela tradição mística . . . Mesmo assim, acabou por concluir que todos eles exageraram.

Em primeiro lugar, ele rejeitou a ideia de que o alvo da experiência Cristã é a “unificação” com Deus.

Em segundo lugar, Wesley queria refutar o “quietismo” de alguns dos místicos.

Wesley reiterou a Reforma Protestante.

Wesley era claramente um Arminiano.

O centro da teologia de Armínio é:

- O livre arbítrio
- A rejeição da predestinação
- A declaração de que Cristo morreu por todos

O Puritanismo e o Anglicanismo

Wesley citou escritores Puritanos, e reitera várias doutrinas Puritanas—como as doutrinas da justificação pela fé, da segurança, e da justificação final. Fez uso de métodos Puritanos de evangelismo, e deu atenção ao auto-exame. Ao mesmo tempo, no lado mais político da questão, Wesley rejeitou as tendências separatistas dos Puritanos.

Não há dúvidas de que grande parte da visão teológica de Wesley foi grandemente influenciada pelo pensamento Anglicano. Com efeito, Wesley abraçou certos postulados teológicos directamente da teologia Anglicana do século 18.

O Anglicanismo centra-se nos seguintes:

- A bondade de Deus
- A rejeição da teoria expiatória da satisfação
- A eleição condicional
- A justiça imputada
- Cristo como o centro de toda a conclusão teológica
- A Bíblia como a única medida de fé
- A tendência para a *vida media*
- O uso de fontes da Igreja Primitiva
- A santidade de coração e vida

Pequenos Grupos

No seu grupo, trabalhem juntos para encontrar/desenvolver respostas para as seguintes perguntas, baseadas no sermão de Wesley que foi lido como trabalho de casa:

Título do Sermão:

Texto:

Tese:

Pontos Chave:

Relevância para Hoje:

Resposta:

Lição 4: Epistemologia and Revelação

Deveres Para Esta Lição

Um ensaio de duas páginas
Paráfrase de Pontos Chave
Diário

Objectivos de Aprendizagem

Ao completar esta lição, os participantes deverão poder

- explicar diferenças e semelhanças entre a revelação geral e a revelação especial
- definir "racionalismo" e "empiricismo"
- articular o conceito de "sentido espiritual" em Wesley

Trabalho de Casa

Escreva um trabalho de duas páginas sobre esta pergunta: Porque é que a Bíblia tem autoridade?

Leia o Recurso 4-4, "O Espírito Católico."

Escreva no seu diário. Esta tarefa é contínua. Inclua as suas reflexões, reações e opiniões sobre o material apresentado na aula. Leia uma porção do diário de John Wesley, e reflecta sobre a leitura. O diário pode ser localizado na página: <http://wesley.nnu.edu>.

Palavras de Wesley

Wesley concordou com este campo filosófico: "Nada pode estar presente na mente que não esteja primeiro presente nos sentidos."

Um Apelo Sincero aos Homens da Razão e da Religião, Works 11:56

Charles, o irmão de John, escreveu: "Aquilo que o seu Espírito escrever em mim tem que condizer com a Escritura."

Scripture Hymns, The Poetical Works of John and Charles Wesley, 9:380

Epistemologia

O estudo filosófico de como conhecemos o que conhecemos chama-se epistemologia.

Racionalismo

Platão acreditava que antes de experiencarmos qualquer coisa, ideias natas já foram implantadas nas nossas mentes pelo “divino.”

Empiricismo

Aristóteles acredita que nós só conhecemos aquilo que já experienciámos.

A síntese que **Wesley** faz das duas tradições é demonstrada no seu conceito de “sentidos espirituais.”

O “sentido espiritual” é uma espécie de empiricismo dado que esse sentido nos permite experienciar Deus directamente. É uma espécie de racionalismo na medida em que esse *sentido*—mas não conhecimento—foi implantando em nós pelo divino, pelo próprio Deus.

Revelação

Tradicionalmente, a revelação tem sido dividida em duas categorias:

- Revelação geral, ou revelação natural
- Revelação especial

Revelação natural, era tida como o conhecimento que adquirimos a respeito Deus ao considerarmos as actividades de Deus. Por outras palavras, uma certa porção de conhecimento de Deus resulta da contemplação da criação e da complexidade da pessoa humana.

A revelação especial é necessária para responder à pergunta acerca do carácter de Deus. A suprema revelação especial é a pessoa de Jesus Cristo.

Tradicionalmente, só a revelação especial tem sido considerada como uma expressão da actividade graciosa de Deus. Wesley queria defender que a própria revelação natural também é expressão da graça divina. A revelação especial então completa o que havia sido começado na revelação natural, dado que todo o conhecimento que possamos ter de Deus vem por iniciativa de Deus.

Graça Preveniente

Já como pensador maduro, Wesley acreditava que a graça preveniente oferece uma certa dose de luz a todo o ser humano, a qual desperta os sentidos espirituais, qualquer que seja o contexto cultural, histórico ou religioso.

Wesley também afirmou que a revelação especial é crucial para o nosso entendimento de Deus. O testemunho que se dá de Cristo, segundo a revelação das Escrituras, é definitivo e normativo. Mas será que as Escrituras são um mediador da revelação, ou são imediata e directamente provenientes de Deus? De novo Wesley afirma ambas as possibilidades. Como diz Randy Maddox, "a revelação definitiva de Deus pode chegar a nós por intermédio das Escrituras, e ainda assim ser imediata, pois que o Espírito que originalmente tocou os sentidos espirituais dos escritores também abrirá os nossos sentidos espirituais para que possamos perceber e testemunhar da verdade por eles expressada."

JOHN WESLEY

SERMÃO TRINTA E NOVE

ESPÍRITO UNIVERSAL

(Tradução de Izilda Peixoto Bella,
http://www.imdelrei.com.br/include/sermoes/?cd_secoes=26)

"Partindo dali, encontrou-se com Jonadabe, filho de Recabe, que lhe vinha ao encontro. Saudou-o Jeú e lhe perguntou: Reto é o teu coração, como o meu coração é com o teu coração? Respondeu Jonadabe: É. Então, se é, dá-me a tua mão."
2 Reis 10:15.

1. Admite-se, mesmo em meio àqueles que não pagam este grande débito, que o amor é devido a toda a humanidade, a lei real: *"Tu deves amar a teu próximo, como a ti mesmo"*, levando sua própria evidência a todos que ouvem isto: e que, não de acordo com a construção miserável colocada sobre ele, pelos zelotes dos tempos antigos: *"Tu deves amar teu próximo"*, teus parentes, conhecidos, amigos, *"e odiar teus inimigos"*; não desta forma; *"eu digo a vocês"*, diz o Senhor, *"Amem seus inimigos; abençoem aqueles que os amaldiçoam; façam o bem àqueles que os odeiam; e orem por aqueles que maliciosamente os usam, e perseguem vocês; para que vocês possam ser os filhos"*, possam parecer assim à toda a humanidade de *"seu Pai que está nos céus"*; aquele que faz Seu sol brilhar sobre o mal e o bom, e envia a chuva, sobre o justo e o injusto.

2. Mas é certo que existe um amor específico que nós devemos àqueles que amam a Deus. Assim Davi: *"Todo meu deleite é junto aos santos que estão na terra, e junto tais que se distinguem na virtude"*. E assim, um maior do que ele: *"Um novo mandamento eu dou a vocês: que amem uns aos outros: como eu tenho amado vocês, que vocês também amem uns aos outros. Através disto, todos os homens deverão saber que são Meus discípulos, se tiverem amor um para com o outro"* (João 13:34-35). Este é aquele amor sobre o qual o Apóstolo João insiste tão freqüentemente e tão fortemente: *"Esta"*, diz ele, *"é a mensagem que vocês ouviram, desde o início, que nós devemos amar uns aos outros"*. (I João 3:11). *"Por meio disto, percebemos o amor de Deus, porque ele dispôs sua vida por nós: e nós devemos"*, se o amor puder nos chamar para isto, *"dispor nossas vidas pelos irmãos"* (Versículo 16). E novamente: *"Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor é de Deus; e todo o que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus; porque Deus é amor"* (4:7-8). *"Nisto está o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou a nós, e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. Amados, se Deus assim nos amou, nós também devemos amar-nos uns aos outros"* (Versículo 10.11).

3. Todos os homens aprovam isto; mas todos os homens praticam isto? Experiência diária mostra o contrário. Onde estão, até mesmo os cristãos que "amam uns aos outros, como Aquele que nos deu o mandamento?" Quantos obstáculos colocam-se no caminho! Dois grandes e gerais obstáculos são, primeiro, que eles não podem todos pensar da mesma maneira, em consequência disto; segundo, que eles não podem caminhar de maneira semelhante; mas em diversos pontos menores, a prática deles deve diferir na proporção da diferença de seus sentimentos.

4. Mas, embora a diferença de opiniões e os modos de adoração possam impedir uma união inteira externa, ainda assim, ela precisa impedir nossa união em afeição? Embora não possamos pensar da mesma forma, nós não podemos amar da mesma forma? Sem dúvida que podemos. Nisto todos os filhos de Deus podem se unir, não obstante essas diferenças menores. Essas permanecendo como estão, eles podem favorecer uns aos outros em amor e nas boas obras.

5. Certamente, a este respeito, o exemplo do próprio Jeú, quando misturado ao caráter como o dele era, é merecedor tanto da atenção quanto da imitação por parte de todo cristão sério. *"E, partindo dali, encontrou-se com Jonadabe, filho de Recabe, que lhe vinha ao encontro, ao qual saudou e lhe perguntou: O teu coração é sincero para comigo como o meu o é para contigo? Respondeu Jonadabe: É. Então, se é, disse Jeú, dá-me a tua mão".*

O texto naturalmente divide-se em duas partes: -- Primeiro, a questão proposta por Jeú a Jonadabe: *"Teu coração é sincero, assim como o meu coração é sincero com o teu?"*. Em Segundo Lugar, um oferecimento feito sobre a resposta de Jonadabe: *"Se é"; "Se ele for, dá-me a tua mão"*.

I.

1. Em Primeiro Lugar, vamos considerar a questão proposta por Jeú a Jonadabe: *"Teu coração é sincero, como meu coração é para com o teu?"*.

A primeira coisa que podemos observar nestas palavras, é que aqui não existe pergunta, concernente às opiniões de Jonadabe. E ainda assim, é certo que ele mantinha algumas, que eram muito incomuns,; na verdade, completamente específicas a ele mesmo; e algumas que tinham uma influência restrita à sua prática; sobre a qual, igualmente, ele colocava tão grande ênfase, de maneira a vinculá-la junto aos filhos de seus filhos, até à última posteridade deles. Isto está evidente do relato dado por Jeremias, muitos anos depois de sua morte: *"Então tomei a Jaazánias, filho de Jeremias, filho de Habazínias, e a seus irmãos, e a todos os seus filhos, e a toda a casa dos recabitas, os introduzi na casa do Senhor, na câmara dos filhos de Hanã, filho de Jigdalias, homem de Deus, a qual estava junto à câmara dos príncipes que ficava sobre a câmara de Maaséias, filho de Salum, guarda do vestibulo; e pus diante dos filhos da casa dos recabitas taças cheias de vinho, e copos, e disse-lhes: Bebei vinho. Eles, porém, disseram: Não beberemos vinho, porque Jonadabe, filho de Recabe, nosso pai, nos ordenou, dizendo: Nunca jamais bebereis vinho, nem vós nem vossos filhos; não edificareis casa, nem sementeis semente, nem plantareis vinha, nem a possuireis; mas habitareis em tendas todos os vossos dias; para que vivais muitos dias na terra em que andais peregrinando. Obedecemos pois à voz de Jonadabe, filho de Recabe, nosso pai, em tudo quanto nos ordenou, de não bebermos vinho em todos os nossos dias, nem nós, nem nossas mulheres, nem nossos filhos, nem nossas filhas; nem de edificarmos casas para nossa habitação; nem de possuirmos vinha, nem campo, nem semente; mas habitamos em tendas, e assim obedecemos e fazemos conforme tudo quanto nos ordenou Jonadabe, nosso pai".* (Jeremias 35: 3-10)

2. E ainda assim, Jeú (embora pareça ter sido sua maneira, ambas nas coisas seculares quanto religiosas, dirigir-se furiosamente) não se preocupou, afinal, com algumas dessas coisas, mas deixou Jonadabe afluir em sua própria

consciência. E nenhum deles parecer ter dado ao outro a menor perturbação, no tocante às opiniões que mantinham.

3. É muito provável, que muitos homens bons agora também possam acolher opiniões específicas; e alguns deles podem ser tão singulares nisto, quanto Jonadabe foi. E é certo, até onde conhecemos, a não ser em parte, que todos os homens não irão ver as coisas do mesmo modo. É uma consequência inevitável da presente fraqueza e pequenez do entendimento humano, que muitos homens irão ser de diversas mentes na religião, assim como na vida comum. Assim tem sido, desde o começo do mundo; e assim será "até a restituição de todas as coisas".
4. Mais do que isto: embora cada homem necessariamente acredite que cada opinião específica que ele abrace é a verdadeira (uma vez que acreditar que alguma opinião não é verdadeira, é a mesma coisa que não acatá-la); ainda assim, nenhum homem pode estar seguro de que todas as suas opiniões, juntas, são verdadeiras. Mais ainda, todo homem pensante está seguro de que elas não são, vendo que para o homem *"ser ignorante em muitas coisas, e equivocar-se em algumas, é a condição necessária da humanidade"*. Isto, portanto, ele está consciente, é seu próprio caso. Ele sabe, no geral, que ele mesmo comete erros; embora naqueles equívocos específicos, ele não saiba, ou talvez, não possa saber.
5. Eu digo que "talvez, ele não possa saber"; porque quem pode dizer quão longe a ignorância indômita pode se estender? Ou (o que vem a ser a mesma coisa) o preconceito invencível? – que está tão freqüentemente fixado nas mentes ternas, de maneira que é impossível, mais tarde, arrancar o que tem tão profunda raiz. E quem pode dizer, a menos que ele conhecesse todas as circunstâncias que a atendem, quão longe qualquer equívoco é censurável? Vendo-se que toda culpa deve supor alguma conformidade com a vontade; da qual somente Ele que inspeciona os corações pode julgar.
6. Todo homem sábio, portanto, irá permitir que outros tenham a mesma liberdade de pensamento que ele deseja eles permitam a ele; e não irá insistir que eles abracem suas opiniões, mais do que eles insistem que ele abrace as deles. Ele suporta aqueles que diferem dele, e apenas pergunta àquele com que ele deseja se unir em amor cristão: *"Teu coração é sincero comigo, como o meu coração é sincero com o teu?"*.
7. Em Segundo Lugar, nós podemos observar que aqui não existe pergunta feita quanto ao modo de adoração de Jonadabe; embora seja altamente provável que havia, neste aspecto também, uma muito ampla diferença entre eles. Porque nós podemos bem acreditar que Jonadabe, assim como toda sua posteridade, adorou a Deus em Jerusalém! Considerando que Jeú não o fez: ele tinha mais cuidado com a diplomacia de estado do que com a religião. E embora ele matasse os adoradores de Baal, e "destruísse Baal de Israel", ainda assim, do pecado conveniente de Jeroboão, a adoração dos "bezerros de ouro", ele "não se separou". (II Reis 10:29).
8. Mas, até mesmo, entre os homens de corações honestos; homens que desejam "ter uma consciência nula de ofensa", há necessidade, por quanto tempo existirem várias opiniões, de haver várias maneiras de adorar a Deus; vendo-se que a variedade de opiniões implicam uma variedade de prática. E como, em

todas as épocas, os homens diferiram, em nada mais do que em suas opiniões, concernentes ao Ser Supremo; então, em nada mais eles diferiram uns dos outros, do que na maneira de adoração dele. Tivesse isto sido apenas no mundo pagão, não teria sido de todo surpresa; porque nós sabemos que "através" da "sabedoria" eles "não conheciam a Deus"; nem, portanto, poderiam eles saber como adorá-Lo. Mas não é estranho que, até mesmo, no mundo cristão, embora eles todos concordem em geral que "Deus é um Espírito; e que aqueles que o adoram devem adorá-Lo em espírito e verdade"; ainda assim, nos modelos específicos de adorar a Deus, são quase tão variados quanto entre os ateus?

9. E como devemos escolher entre tantas variedades? Nenhum homem pode escolher ou prescrever por outro. Mas cada um deve seguir os ditames de sua própria consciência, na simplicidade e sinceridade divina. Ele deve ser completamente persuadido em sua própria mente, e, então, agir de acordo com o melhor entendimento que ele tiver. Nem alguma criatura tem poder para constranger outra a caminhar pelas suas próprias regras. Deus tem dado nenhum direito a alguns dos filhos dos homens, de assim agirem como senhores sobre a consciência de seus irmãos; mas cada homem deve julgar por si mesmo, uma vez que cada homem deve dar um relato de si mesmo a Deus.
10. Embora, portanto, cada seguidor de Cristo seja obrigado, pela mesma natureza da instituição cristã, a ser um membro de alguma congregação particular ou de qualquer outra igreja, como isto é usualmente denominado (o que implica uma maneira pessoal de adoração a Deus; uma vez que "dois não podem caminhar juntos, a menos que estejam de acordo"); ainda assim, ninguém pode ser obrigado, por qualquer poder na terra, mas aquele de sua própria consciência, a preferir esta ou aquela congregação à outra; esta ou aquela maneira de adoração. Eu sei que é comumente suposto, que o lugar de nosso nascimento fixa a igreja para a qual devemos pretender; que alguém, por exemplo, que seja nascido na Inglaterra, deva ser membro daquela que é denominada de Igreja da Inglaterra, e, conseqüentemente, adorar a Deus de uma forma específica que seja prescrita por aquela Igreja. Eu fui uma vez um zeloso mantenedor disto; mas eu encontrei muitas razões para minorar este zelo. Eu temo que ele seja atendido com tais dificuldades que nenhum homem razoável poderia superar. Nem o menor deles que é, se esta regra tivesse tomado lugar, não teria havido Reforma do Catolicismo Romano; vendo que ele destrói inteiramente o direito do julgamento privado, no qual toda a Reforma se situa.
11. Eu não me atrevo, portanto, presumir impor meu modo de adoração a algum outro. Eu acredito que isto seja primitivamente verdadeiro e apostólico: mas minha crença é nenhuma regra para outro. Eu não pergunto, conseqüentemente, a ele, com quem eu quero me unir em amor cristão: você é da minha igreja, da minha congregação? Você recebe a mesma forma de governo religioso e permite os mesmos oficiais religiosos, como eu? Você se reúne na mesma forma de oração, na qual eu adoro a Deus? Eu não inquiri: Você recebe a Ceia do Senhor, na mesma postura e maneira que eu o faço? Nem se, na administração do batismo, você concorda comigo em admitir garantia para o batizado, na maneira de administrá-lo; ou quanto à idade daqueles a quem ele deveria ser administrado. Mais do que isto, eu não pergunto de você (tão claro quanto eu estou em minha mente), se você permite batismo e Ceia do Senhor, afinal. Deixe que todas essas coisas como estão: nós iremos falar delas, se for necessário, em uma ocasião mais conveniente. Minha única pergunta no momento é esta: "*Teu coração é sincero para comigo, quanto o meu é sincero para contigo?*".

12. Mas o que está propriamente implícito nesta questão? Eu não quero dizer: O que Jeú inseria nisto: Mas, o que poderia um seguidor de Cristo entender por meio disto, quando ele propõe isto a algum dos seus irmãos? A primeira coisa inserida é esta: Teu coração é sincero em direção a Deus? Tu crês na existência Dele e em suas perfeições? Sua eternidade, imensidão, sabedoria e poder? Sua justiça, misericórdia e verdade? Crês que ele agora sustenta todas as coisas, através da palavra de seu poder? E que ele governa, até mesmo o mais minúsculo; mesmo o mais nóxio, para sua própria glória, e o bem daqueles que o amam? Tu tens a evidência divina, a convicção sobrenatural das coisas de Deus? Tu "caminhas pela fé, e não pelas vistas?". Não olhando para as coisas temporais, mas para as coisas eternas?
13. Tu crês no Senhor Jesus Cristo, "*Deus sobre todos, abençoado para sempre?*". Ele está revelado em tua alma? Tu conheces Jesus Cristo, e Ele crucificado? Ele habita em ti, e tu Nele? Ele está formado em teu coração pela fé? Tendo absolutamente repudiado todas as tuas próprias obras, tua própria retidão, tu tens te "submetido à retidão de Deus, que é pela fé em Jesus Cristo?" Tu te "encontras Nele, não tendo tua própria retidão, mas a retidão que é pela fé?". E tu estás, através Dele, "lutando a boa luta da fé, agarrando-se à vida eterna?".
14. Tua fé está preenchida com a energia do amor? Tu amas a Deus (eu não digo, "*acima de todas as coisas*", porque se trata de uma expressão não bíblica ou ambígua, mas) "*com todo teu coração, e com toda tua mente, e com toda tua alma, e todas as tuas forças?*". Tu buscas toda tua felicidade Nele apenas? E tu encontras o que buscaste? Tua alma continuamente "glorifica o Senhor, e teu espírito se regozija no Deus teu Salvador?". Tendo aprendido "*em todas as coisas, dar graças, tu consideras que esta é uma coisa alegre e prazerosa?*". Deus é o centro da tua alma; a somatória de todos os teus desejos? Tu estás, conseqüentemente juntando tesouros nos céus, e considerando todas as outras coisas mais, esterco e imundície? O amor a Deus expulsou o amor do mundo de tua alma? Então, tu estás "*crucificado para o mundo*"; tu estás morto para todos abaixo; e tua "*vida está oculta com Cristo em Deus*".
15. Tu estás empregado em fazer, "não tua própria vontade, mas a vontade dele que o enviou a ti" – Dele que enviou a ti para que permaneças aqui, por algum tempo, para passar poucos dias em uma terra estranha, até que tendo terminado a obra que Ele deu a ti para fazer, tu retornes à casa de teu Pai? É tua carne e bebida "fazer a vontade de teu Pai que está nos céus?". Teu olho é puro em todas as coisas? Sempre fixado Nele? Sempre olhando para Jesus? Tu objetivas a Ele, no que quer que tu faças? Em todo o teu trabalho, teus negócios, teu modo de vida? Almejas apenas a Glória de Deus em tudo, "o que quer que tu faças, quer em palavra ou ação, fazendo tudo em nome do Senhor Jesus; dando graças junto a Deus, mesmo ao Pai, através Dele?".
16. O amor de Deus te constringe a servir a Ele com temor; a "regozijar-se junto a Ele com reverência?". Estás tu mais temeroso de desagradar a Deus, do que tanto da morte quanto do inferno? Nada é tão terrível a ti, do que o pensamento de ofender os olhos de Sua glória? Sobre este alicerce, tu "odeias todos os maus caminhos"; todas as transgressões à sua lei perfeita e santa; e nisto "exercita-te a ter uma consciência nula de ofensa em direção a Deus, e em direção ao homem?".

17. Teu coração está sincero em direção ao teu próximo? Tu amas toda a humanidade, como a ti mesmo, sem exceção? "Se tu amas apenas aqueles que te amam, que agradecimento tens tu?". Tu "amas teus inimigos?". Tua alma está cheia de boa-vontade, de afeição terna, em direção a eles? Tu amas, até mesmo, os inimigos de Deus; os ingratos e iníquos? No mais íntimo de ti, tu te enterneces por eles? Tu "aceitarias ser amaldiçoado" temporariamente por causa deles? E tu mostras isto, "abençoando aqueles que te amaldiçoam, e orando por aqueles que, maliciosamente usam, e perseguem a ti?".
18. Tu demonstras teu amor, através de tuas obras? Enquanto tens oportunidade, de fato, "fazes o bem a todos os homens", próximos, ou estranhos; amigos ou inimigos; bons ou maus? Fazes a eles todo o bem que podes; esforçando-te para suprir todas as necessidades deles; assistindo a eles, tanto no corpo quanto na alma, no máximo de teu poder? – Se tu estás assim inclinado, possa cada cristão dizer, sim, se tu estás sinceramente desejoso disto, e seguindo até que consigas, então, "teu coração é sincero, como meu coração é sincero com o teu".

II.

1. "Se for assim, dá-me tua mão". Eu não quero dizer, "seja da minha opinião". Você não precisa: Eu não espero ou desejo isto. Nem eu quero dizer que "eu serei da tua opinião". Eu não posso; isto não depende de minha escolha: Eu não posso pensar mais do que eu possa ver ou ouvir, como eu desejo. Mantém tua opinião; eu a minha; e isto tão firmemente quanto sempre. Você não precisa, nem mesmo, se esforçar para vir até mim, ou me levar até ti. Eu não desejo disputar esses pontos, ou ouvir ou falar, concernente a eles. Deixa todas as opiniões apenas de um lado ou de outro; apenas "dá-me a tua mão".
2. Eu não quero dizer, "abraça meus modos de adoração", ou "eu irei abraçar os teus". Esta também é uma coisa que não depende quer da tua escolha ou da minha. Nós devemos ambos agir como completamente persuadidos em nossa própria mente. Segura com firmeza aquilo que acreditas seja mais aceitável para Deus, e eu irei fazer o mesmo. Eu creio que a forma episcopal do governo religioso seja bíblica e apostólica. Se tu consideras que o Presbiteriano Independente é melhor, continua a pensar assim, e age de acordo. Eu acredito que as crianças devam ser batizadas; e que isto pode ser feito, por imersão ou aspersion. Se tu estás persuadido do contrário, seja, então, assim, e siga tua própria persuasão. Parece a mim, que as formas de oração são de uso excelente, particularmente, na grande congregação. Se tu julgas a oração improvisada de melhor uso, age, adequado ao teu próprio julgamento. Meu sentimento é que eu não devo proibir água, onde as pessoas possam ser batizadas; e que eu devo comer pão e beber vinho, em memória do meu mestre morto: entretanto, se tu não estás convencido disto, age de acordo com o entendimento que tu tens. Eu não tenho desejo de disputar contigo, em nenhum momento, sobre esses assuntos precedentes. Deixa todos esses pontos menores de lado. Que eles nunca sejam revelados, "se teu coração é como o meu"; se tu amas a Deus e a toda a humanidade, eu não faço mais perguntas. "dá-me a tua mão".
3. Em Primeiro Lugar, eu quero dizer, ama-me: e isto não apenas como tu amas a toda a humanidade; não apenas como tu amas teus inimigos, ou os inimigos de Deus, aqueles que odeiam a ti, que "maliciosamente usam a ti, e te perseguem"; não apenas como um estranho; como alguém de quem tu não sabes nem bem, nem mal, -- Eu não estou satisfeito com isto, -- não; "se teu coração é sincero,

como o meu é sincero para contigo", então, ama-me com uma afeição muito terna, como um amigo que é mais íntimo que um irmão; como um irmão em Cristo, um concidadão da Nova Jerusalém, um soldado companheiro engajado na mesma guerra, sob o mesmo Capitão de nossa salvação. Ama-me como um companheiro no reino e amor de Jesus, e um co-herdeiro de Sua glória.

4. Ama-me (mas em um grau mais sublime do que tu fazes com a massa da humanidade), com o amor que é longânime e delicado; que é paciente, -- se eu sou ignorante ou estou fora do caminho, carrega e não aumenta meu fardo; e é terno, delicado, e compassivo ainda; não inveja, se, em algum tempo, agradar a Deus prosperar-me em Sua obra, muito mais do que a ti. Ama-me com o amor que não se altera, quer por minhas tolices ou enfermidades; ou mesmo devido ao meu agir (se algumas vezes puder parecer assim a ti), não de acordo com a vontade de Deus. Ama-me de modo a não desejar mal a mim; a jogar fora todo ciúme e maldade presumida. Ama-me com o amor que cobre todas as coisas; que nunca exhibe minhas faltas ou enfermidades, -- que crê em todas as coisas; está sempre desejoso de pensar o melhor; de colocar a mais fiel edificação sobre todas as minhas palavras e ações, -- que espera todas as coisas; mesmo aquelas coisas relatadas que nunca foram feitas; ou não foram feitas com tais circunstâncias como são relatadas; ou, pelo menos, aquelas que foram feitas com uma boa intenção, ou em uma profunda influência de tentação. E espere até o fim, para que o que quer que esteja defeituoso, irá, pela graça de Deus, ser corrigido; e o que quer que esteja faltando, suprido, através das riquezas de Sua misericórdia em Jesus Cristo.
5. Em Segundo Lugar, recomenda-me a Deus, em todas as tuas orações; luta por mim, em meu benefício, para que Ele possa rapidamente corrigir o que parece a Ele, impróprio; e suprir o que seja necessário em mim. Em teus acessos mais próximos ao trono da graça, implora a Ele que está, então, tão presente em ti, que meu coração possa ser mais como o teu coração; mais sincero tanto em direção a Deus quanto em direção ao homem; para que eu possa ter uma convicção mais completa das coisas não vistas, e um entendimento mais forte do amor de Deus em Jesus Cristo; possa mais rapidamente caminhar pela fé, e não pelas vistas; e mais honestamente agarrar a vida eterna. Ora para que o amor a Deus e a toda a humanidade possa ser mais largamente derramado em meu coração; para que eu possa ser mais fervente e ativo ao fazer a vontade de meu Pai que está nos céus; mais zeloso das boas obras; e mais cuidadoso em abster-me de toda a aparência do mal.
6. Em Terceiro Lugar, eu quero dizer, incentiva-me a amar e fazer as boas obras. Apóia tua oração, quanto tiveres oportunidade, falando a mim, em amor, no que quer que tu acreditas ser para a saúde de tua alma. Apressa-me na obra que Deus tem me dado a fazer, e instrua-me em como fazê-la mais perfeitamente. Sim, "atinja-me amigavelmente e me repreve", onde quer que eu pareça a ti estar fazendo preferivelmente a minha vontade, do que a vontade Daquele que me enviou. Ó fala, e não poupa, o que quer que tu acreditas possa conduzir, tanto a emendar minhas faltas, fortalecer minha fraqueza, edificar-me no amor, quanto tornar-me mais adequado, em qualquer tipo, para o uso do Mestre.
7. Eu quero dizer, por ultimo, não me ames em palavra apenas, mas em ação e em verdade. Tanto quanto conscientemente puderes (retendo ainda tuas próprias opiniões, e tua maneira própria de adorar a Deus), une-te a mim na obra de Deus; e vamos seguir de mãos dadas. E é certo que tu podes ir assim tão longe.

Fala honrosamente, onde quer que estejas, da obra de Deus, através de quem quer que Ele opere, e delicadamente de seus mensageiros. E, se estiver em teu poder, não apenas condoa-se deles, quando estão em alguma dificuldade ou aflição, mas dê a eles uma assistência disposta e efetiva, para que eles possam glorificar a Deus em teu proveito.

8. Duas coisas devem ser observadas com respeito ao que tem sido falado sob este ultimo assunto: Qualquer que seja o amor; qualquer que seja os ofícios do amor; qualquer que seja sua assistência temporal ou espiritual, eu reivindico dele, cujo coração é sincero, como o meu é para com ele, o mesmo que eu estou pronto, pela graça de Deus, de acordo com minha medida, a dar a ele; o outro, a quem eu não fiz esta reivindicação, em meu próprio proveito, mas de todos, cujos corações são sinceros em direção a Deus e ao homem, para que possamos todos amar, uns aos outros, assim como Cristo tem nos amado.

III.

1. Uma inferência nós podemos fazer do que foi dito. Nós podemos aprender disto, o que é um espírito universal. Escassamente existe alguma expressão que tenha sido mais grosseiramente mal compreendida, e mais perigosamente mal aplicada do que esta: no entanto, para alguém que calmamente considere as observações precedentes será fácil corrigir algumas tais incompreensões, e impedir tais más aplicações. Porque, disto nós aprendemos, Em Primeiro Lugar, que um espírito universal não é latitudinarismo especulativo [Sistema teológico do século XVII na Inglaterra, que advogava a tolerância quanto a variações não essenciais de doutrinas]. Não se trata de uma indiferença a todas as opiniões: isto é cria do inferno, e não produto dos céus. Esta hesitação de pensamento; isto sendo "dirigido para cima e para baixo, e isto se rendendo a todo vento de doutrina", é uma grande maldição, não uma bênção; um inimigo irreconciliável, não um amigo do verdadeiro universalismo. Um homem de um espírito universal não tem que buscar agora a sua religião. Ele está fixo, como o sol, em seu julgamento, concernente às principais ramificações da doutrina cristã. É verdade, que ele está sempre pronto a ouvir e pesar o que quer que possa ser oferecido contra seus princípios; mas como isto não mostra qualquer indecisão em sua própria mente, assim, nem isto ocasiona alguma. Ele não hesita entre duas opiniões, nem se esforça inutilmente para misturá-las em uma só. Observem isto, vocês que não sabem do que se trata o espírito universal; aqueles que chamam a si mesmos homens de um espírito católico, apenas porque vocês são de um entendimento confuso; porque suas mentes são todas um nevoeiro; porque vocês não têm estabelecido princípios consistentes, mas os têm misturado desordenadamente. Esteja convencido de que vocês têm perdido seu caminho completamente; vocês não sabem onde vocês estão. Vocês pensam que estão indo para o mesmo espírito de Cristo; quando, na verdade, vocês estão mais perto do espírito do anticristo. Vão, primeiro, e aprendam os primeiros elementos do Evangelho de Cristo, e, então, poderão aprender a ser de um espírito verdadeiramente universal.
2. Em Segundo Lugar, daquilo que tem sido dito, nós aprendemos que um espírito católico não é uma espécie prática de latitudinarismo. Ele não é indiferente tanto à adoração pública, quanto às maneiras exteriores de executá-la. Isto, igualmente, não seria uma bênção, mas uma maldição. Longe de ser uma ajuda a isto, iria, por quanto tempo permanecesse, ser um obstáculo à adoração de Deus, em espírito e em verdade. Mas o homem de um espírito verdadeiramente

católico, tendo pesado todas as coisas na balança do altar, não tem dúvida, não tem escrúpulos, afinal, concernente à algum modo pessoal de adoração, em que ele participe. Ele está claramente convencido de que esta maneira de adorar a Deus é tanto bíblica quanto racional. Ele não conhece pessoa alguma no mundo que seja mais bíblica; ninguém que seja mais racional. Portanto, sem divagar, daqui para lá, ele adere-se mais perto a isto, e louva a Deus, pela oportunidade de assim fazê-lo.

3. Em Terceiro Lugar, nós podemos aprender disto, que um espírito católico não é indiferente a todas as congregações. Esta é uma outra espécie de latitudinarismo, não menos absurda, e não bíblica do que a anterior. Mas está muito longe de um homem de espírito verdadeiramente universalista. Ele está fixo em sua congregação, assim como em seus princípios. Ele está unido a uma; não apenas a uma, em espírito, mas através de todos os laços de camaradagem cristã. Lá ele participa de todas as ordenanças de Deus. Lá ele recebe a Ceia do Senhor. Lá ele derrama sua alma em oração pública, e se reúne em louvor e ação de graças pública. Lá ele se regozija de ouvir a palavra da reconciliação, o evangelho da graça de Deus. Com esses seus mais próximos, seus mais amados irmãos, nas ocasiões solenes, ele busca Deus pelo jejum. Esses particularmente ele vigia em amor; como ele faz com sua alma; admoestando, exortando, confortando, reprovando, e em todas as maneiras edificando um ao outro na fé. Esses ele cuida como sua própria família; e, portanto, de acordo com a habilidade que Deus tem dado a ele, naturalmente cuida deles, e providencia para que eles possam ter todas as coisas que são necessárias para a vida e santidade.
4. Mas, enquanto ele está firmemente ajustado em seus princípios religiosos, os quais ele acredita ser a verdade que está em Jesus; enquanto ele firmemente adere àquela adoração de Deus que ele julga ser mais aceitável aos seus olhos; e enquanto ele está unido, através dos laços mais ternos e íntimos a uma congregação em particular, -- seu coração se estende em direção a toda a humanidade, esses que conhece, e esses que não conhece; ele abraça com afeição forte e cordial o próximo e os estranhos; amigos e inimigos. Este é o amor católico ou universal. Porque somente o amor dá o título a este caráter: o amor universal é o espírito universal.
5. Se, então, tomamos esta palavra em seu sentido mais estrito, um homem de espírito católico é alguém que, na maneira acima mencionada, dá sua mão a todos os corações que são sinceros, como seu coração: alguém que sabe como valorizar e louvar a Deus, por todas as vantagens que ele desfruta, com respeito ao conhecimento das coisas de Deus, à maneira bíblica de adorá-Lo, e, acima de tudo, sua união com a congregação, temendo a Deus e operando retidão: alguém que, retém essas bênçãos, com o cuidado mais estrito, mantendo-as como a menina de seus olhos, ao mesmo tempo que ama – como amigos, como irmão no Senhor, como membros de Cristo e filhos de Deus, como parceiros unidos agora do reino presente de Deus e companheiros herdeiros de seu reino eterno – todos, qualquer que seja a opinião, ou adoração, ou congregação, que crêem no Senhor Jesus Cristo; que amam a Deus e homem; que, regozijando-se no agradar, e temendo ofender, é cuidadoso de abster-se do mal, e zeloso das obras do bem. Ele é o homem de espírito católico, que suporta todos esses continuamente junto ao seu coração; que tendo uma inexplicável ternura por essas pessoas, e almejando pelo bem-estar delas, não cessa de recomendá-las a Deus em oração, assim como defender a causa delas diante de homens; que fala confortavelmente delas, e trabalha, através de todas as suas palavras, para fortalecer suas mãos

em Deus. Ele as assiste ao máximo de suas forças em todas as coisas, espirituais e temporais. Ele está pronto para "exaustar-se e ser exaustado por elas"; sim, de colocar sua vida pela causa delas.

6. Tu, ó homem de Deus, pensa sobre essas coisas! Se tu estás pronto neste caminho, segue em frente. Se tu, antes, erraste o caminho, graças a Deus que te trouxe de volta! E agora corre a corrida que está colocada diante de ti, no caminho real do amor universal. Presta atenção, a fim de que tu não estejas hesitante em teu julgamento, ou limitado em teu interior: mas mantém uma paz sempre, enraizada na fé uma vez entregue aos santos, e alicerçada no amor, no verdadeiro amor universal, até que tu sejas tragado no amor para sempre e sempre!

[Editado anonimamente na Memorial University of Newfoundland com correções por George Lyons para a Wesley Center for Applied Theology.]

Lição 5: O Quadrilátero: Escritura e Tradição

Deveres Para Esta Lição

Um trabalho de duas páginas
Leitura de sermão
Diário

Objectivos de Aprendizagem

Ao completar esta lição, os participantes deverão poder

- ter uma apreciação do significado e função do quadrilátero Wesleyano
- compreender a doutrina da inspiração
- definir a “analogia da fé” como princípio hermenêutico em Wesley
- explorar a preferência que Wesley deu à Igreja Primitiva e ao Anglicanismo como a verdadeira tradição

Trabalho de Casa

Escreva um trabalho de duas páginas sobre o seguinte tema: São a fé e a razão compatíveis?

Leia o Recurso 5-6, “O Quase Cristão.”

Escreva no seu diário. Esta tarefa é contínua. Inclua as suas reflexões, reações, e análises sobre o material apresentado na aula. Leia uma porção do diário de John Wesley e reflita no que leu. O diário dele pode ser encontrado no seguinte endereço: <http://wesley.nnu.edu>.

Palavras de Wesley

Qual é o significado desta afirmação de Wesley, à luz do facto de que ele tinha apreciação por milhares de livros?

O próprio Deus se dignou mostrar o caminho; para este fim definido desceu ele do céu. Ele o escreveu num livro. Oh, daí-me esse livro! Qualquer que seja o preço, daí'-me o livro de Deus! Ei-lo: eis aqui conhecimento suficiente para mim. Que eu possa ser *homo unius* [um homem de um só livro].

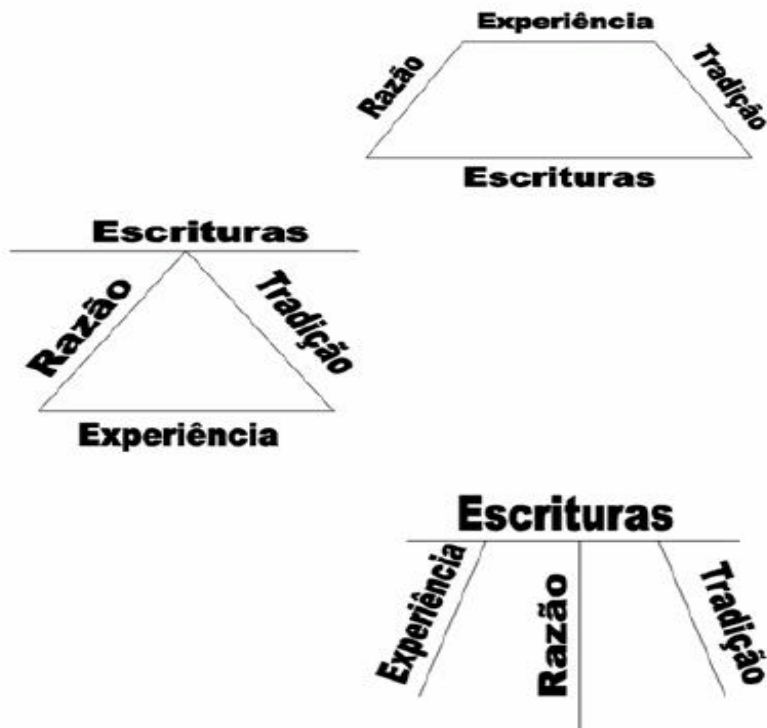
Prefácio de *Sermões para Várias Ocasões*

No que respeita à tradição, Wesley escreve, “As Escrituras são a regra completa da fé e prática; e são claras em todos os pontos necessários. E contudo a sua clareza não prova que elas não precisam ser explicadas; nem significa a sua clareza que elas não precisam ser postas em vigor . . . Valorizar os escritos dos primeiros três séculos, não em pé de igualdade com as Escrituras mas em combinação com elas, jamais levou ninguém a erros perigosos, nem, provavelmente, jamais levará.”

Citado em Oden, p. 67.

O Quadrilátero Wesleyano

Wesleyan Quadrilateral



Scripture...

As Escrituras têm então que ser interpretadas em diálogo com as outras fontes, da mesma maneira que as Escrituras servem como prova final das outras três. Para reiterar, Wesley nunca explicou isso directamente, mas era esse o seu "método teológico;" era a sua maneira de praticar a interpretação bíblica e teológica.

A Bíblia

Enquanto que as tradições mais conservadoras defendem que a Bíblia é em tudo isenta de erro, os que seguem Wesley mantêm que a Bíblia é isenta de erro em tudo quanto *tem a ver com a nossa salvação*.*

Na posição central, na *via media*, está a doutrina da inspiração “plena.” Deus de tal forma inspirou os autores das Escrituras que a sua situação humana, histórica e cultural não é posta de lado, mas antes engajada. Deus fez uso não só das mãos deles—como seria o caso na teoria do ditado—mas também das suas mentes e das suas experiências na comunicação do Seu amor, propósito e plano de redenção da humanidade.

* “Cremos na inspiração plena das Escrituras Sagradas, pelas quais entendemos os 66 livros do Antigo e Novo Testamentos, dados por inspiração divina, revelando sem erros a vontade de Deus a nosso respeito em tudo o que é necessário à nossa salvação, de maneira que o que não se encontra nelas não pode ser imposto como artigo de fé” (Manual 2001-2005. Kansas City: Nazarene Publishing House, 2001. 27)

Analogia da Fé

Wesley acabou por desenvolver a chamada “analogia da fé.” Esta expressão refere-se a uma corrente de doutrinas bíblicas que emergem do “tom geral das Escrituras.” Sobre cada passagem da Bíblia, devemos perguntar: o que é que esta passagem acrescenta ao nosso conceito do pecado humano, da justificação pela fé, do novo nascimento, e da santidade presente tanto interna como externa?

Assuntos que não têm a ver com as doutrinas essenciais de pecado, salvação, e santificação devem ser vistos como matérias não-essenciais. Porque razão é que Wesley estava empenhado em distinguir as questões essenciais das não-essenciais? A sua preocupação era com a unidade Cristã.

Os Cristãos frequentemente discordam e por vezes até argumentam sobre assuntos não-essenciais, dividindo assim o Corpo de Cristo. Era sua posição que nós devemos “pensar e deixar pensar”—devíamos humildemente permitir outras opiniões aos outros crentes—nas questões que não são essenciais à salvação. É este princípio que deve informar o nosso ponto de vista de Nazarenos Wesleyanos de santidade.

A Bíblia deriva a sua autoridade do testemunho fiel que dá de Cristo, e do facto de que ao longo dos séculos a verdade da salvação em Cristo tem sido vivida e verificada pelo crente.

Tradição

Wesley destacou dois pontos na cronologia da história Cristã como sendo particularmente importantes.

Primeiro, ele manteve em alta estima os escritores da Igreja Primitiva.

Segundo, Wesley encarou o próprio Anglicanismo como a nova personificação do carácter da Igreja Primitiva.

A tradição não era uma entidade estática para Wesley, mas sim a verdade do evangelho nas mãos das pessoas.

Pequenos Grupos

No seu grupo, trabalhem juntos para encontrar/desenvolver respostas para as seguintes perguntas, baseadas no sermão de Wesley que foi lido como trabalho de casa:

Título do Sermão:

Texto:

Tese:

Pontos Chave:

Relevância para Hoje:

Resposta:

JOHN WESLEY

SERMÃO DOIS

QUASE UM CRISTÃO

(Tradução de Izilda Peixoto Bella,
http://www.imdelrei.com.br/include/sermoes/?cd_secoes=26)

Pregado na Igreja de St. Mary, Oxford. Diante da Universidade, 25 de Julho de 1741.

"Então, Agrippa se dirigiu a Paulo e disse: Por pouco me persuades a me fazer cristão" (Atos 26:28).

E muitos há que vão assim tão longe! Desde que a religião Cristã está, no mundo, tem havido muitos, de todas as épocas e nações, que foram quase persuadidos a serem cristãos. Mas, visto que não traz proveito algum diante de Deus, ir apenas até aí, é de grande importância considerarmos o que significa ser um cristão completo.

A.

1. Primeiro, está implícito a honestidade pagã. Ninguém, eu suponho, irá fazer alguma pergunta sobre isso; especialmente, porque, por honestidade pagã, eu quero dizer, não apenas o que está recomendado, nos escritos dos seus filósofos, mas aquilo que os pagãos comuns esperam uns dos outros, e muitos deles, atualmente, praticam. Através da honestidade pagã, eles foram ensinados que não deveriam ser injustos; levando embora os bens de seu próximo, tanto roubando como furtando; que não deveriam oprimir o pobre, usando de extorsão, em direção a qualquer um; que não deveriam ludibriar, ou fraudar, o pobre ou o rico, em qualquer que seja o comércio, que tiveram; defraudando de homem algum seu direito; e, se possível, não tendo dívidas para com algum deles.
2. Novamente: Os pagãos comuns tinham consideração com a verdade e com a justiça, mantendo, na abominação, os que estavam em perjuro, e que chamaram a Deus para testemunhar uma mentira; assim como o caluniador do próximo, que falsamente acusou algum homem; atribuindo aos mentirosos voluntariosos, de qualquer espécie, a desgraça da raça humana, e as pestes da sociedade.
3. E, ainda: Existia uma forma de amor e assistência, que eles esperavam uns dos outros, sem preconceito, e que se estenderam, não apenas, àqueles pequenos préstimos de benevolência, que são executados, sem qualquer despesa ou trabalho, mas, igualmente, para alimentar o faminto, se eles tivessem comida de sobra; vestir o desnudo, com suas próprias vestimentas supérfluas; e, em geral, dando, a qualquer que necessitasse, aquilo que eles não necessitaram para si mesmos. Assim sendo, resumidamente, a honestidade pagã veio a ser; a primeira condição que implica em se ser quase um cristão.

B.

4. Uma Segunda coisa implícita, é ter uma forma de santidade; aquela santidade que é prescrita no Evangelho de Cristo; e que tem a aparência de um cristão verdadeiro. Mesmo porque, o quase cristão não faz aquilo que o Evangelho proíbe. Ele não toma o nome de Deus em vão; ele abençoa, e não amaldiçoa; ele

não jura, afinal, mas sua comunicação é, sim, sim; não, não. Ele não profana o dia do Senhor, não suporta que ele seja profanado, mesmo por estranhos que estejam em suas reuniões. Ele não apenas evita todo adultério efetivo, fornicação, e impurezas, mas todas as palavras, olhares, que, direta ou indiretamente, tende a isso; e mais ainda, toda palavra vã, abstendo-se tanto da difamação, quanto da maledicência, fofoca, e de toda "conversa tola e sarcástica"; uma espécie de virtude, nos preceitos moralistas pagãos; resumidamente, de toda a conversa que não é "boa para o uso da edificação" e que, conseqüentemente, "aflige o Espírito Santo de Deus, por meio do qual, nós fomos lacrados para o dia da redenção".

5. Ele se abstém de "vinho, em excesso", de farra e comilança. Ele evita, o quanto pode, de se colocar, em todo tipo de discussão e contenda, continuamente, esforçando-se para viver, pacificamente, com todos os homens. E, se ele sofre algum dano, ele não se vinga, nem paga o mal com o mal. Ele não diz insultos, não é briguento, e nem escarnekedor, seja nas faltas ou nas fraquezas de seu próximo. Ele, de boa-vontade, não erra, machuca, ou aflige qualquer homem; mas, em todas as coisas, age e fala por aquela regra clara: "não fazes ao outro, o que não queres que façam a ti".
6. E em fazendo o bem, ele não se limita aos préstimos baratos e fáceis da benevolência, mas trabalha e sofre, para o proveito de muitos, para que, por todos meios, ele possa ajudar a alguém. A despeito da luta ou da dor, "o que quer que suas mãos encontrem o que fazer, ele faz, com toda sua força", não importa, se para amigos ou para inimigos, para o mal ou para o bom. Porque, não sendo "indolente", nisso, ou em suas "tarefas", quando ele "tem oportunidade", ele faz o "bem"; todas as formas de bem, "a todos os homens", para suas almas, tanto quanto para seus corpos. Ele reprova o mal, instrui o ignorante, fortalece o irresoluto, estimula o bom, e conforta o aflito. Ele trabalha para acordar aqueles que dormem; para conduzir, aqueles que Deus já tem acordado, para a "fonte aberta para o pecado e para a impureza", para que possam lavar-se, nela, e tornar-se limpos; e para encorajar aqueles que são salvos, através da fé, a adornar o Evangelho de Cristo em todas as coisas.
7. Ele que tem a aparência da santidade, usa também os meios da graça; sim, todos eles, e em todas as oportunidades. Ele, constantemente, freqüenta a casa de Deus; e isto, não da maneira como alguns fazem, que vêm, à presença do Mais Alto, carregado com ouro e vestuário caro, ou, com toda a vaidade ostentosa, no se vestir; bem como, por suas cortesias inoportunas, uns para com os outros, ou pela alegria impertinente de seu comportamento, repudiando todas as pretensões infantis que ele forme, tanto quanto, para o poder da religiosidade deles. Haveria para Deus, ninguém, entre nós, que não tenha caído na mesma condenação? Que tenha entrado, nessa casa, e que, tenha olhado em volta, com todos os sinais da mais apática e descuidada indiferença, embora, algumas vezes, possa parecer usar a oração a Deus, para suas bênçãos, naquilo que esperam; que, durante todo o serviço maravilhoso, estão dormindo, ou reclinados, na postura mais conveniente para isso; ou, quando supõe que Deus esteja dormindo, falando uns com os outros, ou espiando ao redor, como, extremamente, isentos de qualquer ocupação? Nem esses podem ser acusados de aparência de santidade. Não! Aquele que tem mesmo isso se comporta, com seriedade e atenção, em todas as partes do serviço solene. Mais, especialmente, quando ele vem à mesa do Senhor, não é com um comportamento leviano e

descuidado, mas com a aparência, gestos, e conduta, que falam nada mais do que "Deus, seja misericordioso comigo, que sou um pecador!".

8. Para isso, se acrescentarmos o uso constante da oração familiar, por aqueles que são os chefes das famílias, e reservando um tempo, para os endereçamentos privados a Deus, com uma seriedade diária de comportamento; ele que, uniformemente, pratica essa religião exterior, tem a aparência de santidade. Necessitando de apenas uma coisa, com o objetivo de se ser quase cristão, a sinceridade.

C.

9. Por sinceridade, eu quero dizer, um princípio religioso real, e interno, de onde, essas ações exteriores fluem. E, realmente, se nós não temos isso, nós não temos a honestidade pagã; não, nem tanto dela, como para responder a discussão do poeta epicurista (dado aos prazeres da vida). Mesmo esse pobre patife, em seus intervalos de sobriedade, é capaz de testificar que:

*Os homens de bem evitam o pecado de amar a proibição;
Os homens perniciosos, o pecado do medo da punição.*

Assim sendo, se algum homem deixa de praticar o mal, para evitar a punição, a perda de seus amigos, seu ganho, ou sua reputação, deveria, igualmente, fazer sempre o bem, usando de todos os meios da graça. Ainda assim, mesmo não praticando o mal e fazendo sempre o bem, não é possível assegurar que esse homem é mesmo quase um cristão, porque, se ele não tiver princípio melhor, em seu coração, ele será apenas um hipócrita!

10. Sinceridade, por conseguinte, está, necessariamente, comprometida, em se ser quase um cristão; o objetivo real de servir a Deus, um desejo ardente de fazer a Sua vontade. Necessariamente, implica, que um homem tem uma idéia sincera de agradar a Deus, em todas as coisas; em todas as suas conversas; em todas as suas ações; em tudo que ele faz; ou deixa sem fazer. Esse objetivo, se algum homem for quase um cristão, segue através de todo o teor de sua vida. Esse é o princípio propulsor, em fazer o bem, e abster-se do mal, e usando as ordenanças de Deus.
11. Mas aqui, deverá, provavelmente, ser inquirido, "É possível que algum homem possa chegar, tão longe, e, não obstante, ser alguém quase cristão? Quanto mais é necessário para que ele seja um completo cristão?". Em primeiro lugar, eu respondo que alguém pode ir, até mais longe, e ainda assim, ser apenas um quase cristão.
12. Irmãos, grande é "minha audácia, com respeito a vocês, nesse interesse". E "perdoem-me esse erro", se eu declaro minha insensatez no que anuncio publicamente, para por causa de vocês e do Evangelho. Sujeito-me, então, a falar, livremente de mim mesmo, exatamente como de outro homem. Eu estou contente em ser humilhado, para que vocês sejam exaltados, e para ainda mais desprezível para a glória do meu Senhor.
13. Eu tenho ido assim, tão longe, por muitos anos, como muitos desses lugares podem testificar; usando diligência para evitar todo o mal, e ter uma consciência isenta de ofensa; resgatando o tempo; e, em toda oportunidade, fazendo todo o bem a todos os homens; constantemente e cuidadosamente, usando todos os

meios públicos e todos os meios privados da graça; esforçando-me, na busca de uma sinceridade firme de comportamento, todo o tempo, e em todos os lugares; e, Deus é meu testemunho, diante de quem eu permaneço, fazendo tudo isso, com sinceridade; tendo um desígnio real de servir a Deus; um desejo ardente de fazer todas as suas vontades; para agradar a Ele que tem me chamado para "lutar uma boa luta", e para "assegurar a vida eterna". Ainda assim, minha própria consciência testemunha, no Espírito Santo, que todo esse tempo, eu tenho sido, a não ser um quase cristão.

II. Se for inquirido: "O que mais é necessário, além disso, para que se seja um cristão completo?". Eu repondo:

A.

1. O amor a Deus. Porque assim diz sua palavra: "Você irá amar o Senhor seu Deus, com todo seu coração, com toda sua alma, com toda sua mente, e com toda sua força". Tal amor é esse, como que se apoderando de todo o coração; como acolhendo todas as afecções; como preenchendo a capacidade total da alma, e empregando a mais extrema extensão de todas as suas faculdades. Ele que assim ama o Senhor seu Deus, seu espírito, continuamente, "regozija-se em seu Deus Salvador". Seu deleite está no Senhor; seu Senhor e seu Tudo, a quem "em tudo dá graças. Todo seu desejo está no Senhor, e para a lembrança do seu nome". Seu coração está sempre clamando: "Quem mais eu tenho no céu, a não ser a ti? E não há ninguém sobre a terra que eu deseje além de ti". Realmente, o que mais ele deve desejar além de Deus? Não o mundo, ou as coisas do mundo: Porque ele está "crucificado para o mundo, e o mundo crucificado nele". Ele está crucificado para "o desejo da carne, o desejo do olho, e o orgulho da vida". Sim, ele está morto para o orgulho de toda a sorte: Porque "o amor não se ensoberbece"; mas "ele que habita no amor, habita em Deus, e Deus nele", é menos do que nada, para seus próprios olhos.

B.

2. O amor ao próximo. Para isso diz nosso Senhor, nas seguintes palavras: "deves amar o teu próximo, como a ti mesmo". Se algum homem perguntar: "Quem é o meu próximo?" Nós respondemos: todos os homens do mundo; todos os filhos Dele que é o Pai de todos os espíritos de toda a carne. Nem nós podemos excluir nossos inimigos, ou os inimigos de Deus e suas próprias almas. Mas todo cristão ama esses também, como a si mesmo. Sim! "Como Cristo nos amou!". Ele que gostaria de entender, mais completamente, que espécie de amor é esse, podemos considerar a descrição de Paulo, sobre ele: "O amor é paciente e benigno". "O amor não arde em ciúmes ou inveja, e não se ufana". "O amor não se ensoberbece"; mas faz aquele que ama, o menor, o servo de todos. "Não se conduz inconvenientemente"; mas torna-se "todas as coisas para todos os homens". "Não procura o seu interesse"; mas o que é bom dos outros, para que eles possam ser salvos. "Não se exaspera"; ele atira fora a ira. "Não se ressentido do mal. Ele não se alegra com a injustiça, mas regozija-se na verdade. Ele protege todas as coisas; acredita em todas as coisas; espera todas as coisas; suporta todas as coisas".

C.

3. Existe ainda uma coisa mais que pode ser, separadamente, considerada; embora, ela não possa, atualmente, ser separada da precedente, na qual está subtendido ser um cristão completo; e que é o alicerce de todas elas, mesmo da fé. "Todo aquele", diz o amado discípulo, "que acredita que é nascido de Deus".

"Para tantos quantos o receberam, deu o poder de se tornarem filhos de Deus; até mesmo aqueles que acreditam em seu nome". E, "Essa é a vitória que supera o mundo, mesmo a nossa fé". Sim, nosso Senhor declara: "Ele que acredita no Filho, tem a vida eterna; e não é condenado, mas passa, da morte, para a vida".

4. Mas que homem algum iluda a sua própria alma. "Deve ser notado, diligentemente, que a fé, a qual não conduz ao arrependimento, ao amor, e todas as boas obras, não é aquela fé viva e justa, mas é a fé morta e diabólica. Porque mesmo os demônios acreditam que Cristo tenha nascido de uma virgem; que ele forjou todas as formas de milagres, declarando a si mesmo, verdadeiramente, Deus; que, por nossa causa, ele sofreu a maioria das dores da morte, para nos redimir da morte eterna; que ele se ergueu, no terceiro dia; que ele ascendeu aos céus; e senta-se, à direita, do Pai, e que, no fim dos tempos, voltará para julgar os vivos e os mortos. Esses artigos de nossa fé, eles acreditam, e, igualmente, em tudo que está escrito no Velho e Novo Testamento. Mas, ainda, apesar de terem toda essa fé, ainda assim, eles não são mais nada, do que demônios. Eles permanecem, ainda, na condição abominável deles, necessitados da verdadeira fé cristã".
5. A fé cristã, correta e verdadeira (para usar as palavras de nossa própria igreja), "não é aquela que nos faz acreditar nas Escrituras Sagradas, e nos artigos de nossa fé, como verdadeiros, mas é aquela que, além disso, nos traz a confiança e segurança de sermos salvos da condenação eterna, através de Cristo. Essa é a verdadeira crença e confiança, a qual o homem tem em Deus; a de que, pelos méritos de Cristo, seus pecados foram perdoados, que ele está reconciliado, para o favor de Deus; a respeito de quem, ele segue, com o coração afetuoso, para obedecer a seus mandamentos".
6. Agora, quem quer que tenha essa fé, que "purifica o coração (pelo poder de Deus, que habita nele), do orgulho, da ira, do desejo, de toda iniquidade; de toda impureza da carne e espírito"; e que o preenche, com o amor mais forte que a morte, tanto para com Deus, como para com toda a humanidade; amor que realiza as boas obras de Deus, glorificando, para despende-se e consumir-se por todos os seres humanos, e que suporta, com alegria, não apenas a repreensão de Cristo, que o homem escarneceu, desprezou e odiou, acima de todos os homens; mas tudo quanto a sabedoria de Deus permita à malícia dos homens, ou dos demônios impor; quem quer que tenha essa fé, operando, assim, por amor, não é alguém que é quase, mas alguém que é um cristão completo!
7. Mas, quais são os testemunhos vivos dessas coisas? Eu imploro a vocês, irmãos, como na presença desse Deus, diante de quem "inferno e destruição estão sem cobertura; quanto mais os corações dos filhos dos homens"; que cada um de vocês possa perguntar a seu próprio coração: "Eu faço parte desse número? Eu tenho praticado justiça, misericórdia, verdade, e mesmo as regras que a honestidade pagã requer? Se for assim, eu tenho o perfil verdadeiro de um cristão? A aparência da santidade? Eu me abstenho do mal; de tudo o que é proibido, nas palavras escritas de Deus? Eu realizo tudo aquilo que está ao alcance de minhas mãos, com todas as minhas forças? Eu seriamente uso as ordenanças de Deus, em todas as oportunidades? E, tudo isso é feito com o desígnio e desejo mais sinceros, para agradar a Deus, em todas as coisas".

8. Existem muitos de vocês, conscientes, de que vocês nunca chegaram tão longe; que vocês não têm sido, nem mesmo quase cristãos; que vocês não têm chegado ao modelo da honestidade pagã; pelo menos, não para a aparência da santidade cristã? Muito menos, tem Deus visto sinceridade em vocês; o objetivo real de agradá-lo, em todas as coisas! Vocês nunca pretenderam, a esse tanto, dedicar todas as suas palavras, obras, seus trabalhos, estudos, diversões para a glória Dele. Vocês, nem mesmo, designaram ou desejaram que o que quer que vocês façam, seja feito "em nome do Senhor Jesus", e que, como tal, constitua-se "em um sacrifício espiritual, aceitável para Deus, através de Cristo".
9. Mas, supondo que vocês tenham conseguido isso... Os bons objetivos e desejos fazem um cristão? De maneira alguma! A menos que eles sejam trazidos para os bons efeitos. "O inferno é assoalhado", diz alguém, "com boas intenções". A grande questão de todas, então, ainda permanece. Tem o amor a Deus espalhado-se para fora, dos seus corações? Vocês têm clamado alto: "Meu Deus, e meu Tudo?". Vocês desejam alguma coisa, a não ser ele? Vocês estão felizes em Deus? Ele é a glória de vocês, e seu deleite, sua coroa de regozijo? E esse mandamento está escrito em seus corações, "Que ele que ama a Deus, deve amar também o seu irmão?" E vocês amam a seu próximo, como a si mesmos? Vocês, então, amam todos os homens, mesmo os inimigos, e os inimigos de Deus, como as suas próprias almas? Como Cristo tem amado vocês? Sim, vocês acreditam que Cristo os amou, e deu a si mesmo por vocês? Vocês têm fé no sangue Dele? Acreditam que o Cordeiro de Deus tirou fora os seus pecados, e os jogou, como uma pedra dentro das profundezas do mar? Que ele tem apagado os manuscritos que havia contra vocês, tirando-os fora do caminho, pregando-nos na sua cruz? Vocês têm, realmente, a redenção através de seu sangue, mesmo a remissão de seus pecados? E seu Espírito tem sido testemunho com o espírito de vocês de que vocês são filhos de Deus?
10. Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, e que agora se situa no meio de nós, sabe que, se algum homem morrer, sem essa fé e esse amor, melhor seria para ele nunca ter nascido. Acorda, então, tu que dormes, e clama pelo teu Deus: Chama-o, enquanto Ele ainda pode ser encontrado. Que ele não tenha descanso, até que faça "sua santidade passar diante de ti"; até que proclame em ti o nome do Senhor: "O Senhor; O Senhor Deus, misericordioso e gracioso, longânimo, e abundante na santidade e verdade; mantendo misericórdia, por ti; perdoadando a iniquidade, a transgressão e o pecado". Não deixa homem algum te persuadir, por meio de palavras vãs; a descansar um pouco daquele prêmio do teu grande chamado. Mas clama a ele, dia e noite; àquele que, "enquanto nós estávamos sem forças, morreu pelo descrente; até que tu saibas em quem deves acreditar, e possas dizer: Meu Senhor, e meu Deus!" Lembra-te "sempre de orar, e não desfalece", até que ergas as tuas mãos, para os céus, e declares a Ele que vive para sempre e sempre, "Senhor, tu que sabes todas as coisas, sabes que eu amo a ti!".
11. Que possamos todos assim experimentar o que é ser, não apenas um quase cristão, mas um cristão completo, estando justificados gratuitamente pela Sua graça, através da redenção que está em Jesus; sabendo que nós temos paz com Deus, por meio de Jesus Cristo, regozijando-nos na esperança da glória de Deus; e tendo o amor de Deus, espalhado, por todos os lados, em nossos corações, pelo Espírito Santo, dado a nós!

Lição 6: O Quadrilátero: Experiência e Razão

Deveres Para Esta Lição

Um ensaio de duas páginas
Leitura de Sermão
Diário

Objectivos de Aprendizagem

- Ao completar esta lição, os participantes deverão poder
- reconhecer o uso da razão como um instrumento, não uma fonte
 - discutir o ponto de vista de Wesley de que a experiência é algo que acontece em comunidade, não individualmente

Trabalho de Casa

Escreva uma resposta de uma página sobre a seguinte questão: qual é o atributo mais importante de Deus? Justifique a sua resposta.

Faça uma paráfrase dos pontos chave no Recurso 5-5 **ou** 6-4. Tenha em mente a sua audiência contemporânea/cultural. Dê uma ilustração contemporânea/cultural para um dos pontos.

Escreva no seu diário. Esta tarefa é contínua. Inclua as suas reflexões, reações e opiniões sobre o material apresentado na aula. Leia uma porção do diário de John Wesley, e reflecta sobre a leitura. O diário pode ser localizado na página: <http://wesley.nnu.edu>.

Palavras de Wesley

Charles Wesley escreveu um hino que demonstra o relacionamento entre o conhecimento e a espiritualidade.

Une o par desde há muito separado,
O conhecimento e a piedade vital;
A aprendizagem e a santidade combinadas,
E verdade e amor possam todos ver
Naqueles que a ti entregamos
Para que morram e vivam teus sòmente.

Pai, aceita-nos por meio do teu Filho,
E sempre pelo teu Espírito guia!
Que a tua sabedoria nas nossas vidas possa transparecer,
O teu nome confessado e glorificado
O teu poder e amor pelo mundo espalhados
Até que a terra toda seja plena de Deus
"Uma Oração"

Experiência

Wesley cria firmemente na “religião do coração.” O cristão pode gozar no seu coração a *segurança* do amor salvador de Deus. A doutrina da segurança—também conhecida por “testemunho do espírito”—é extraída por Wesley de Romanos 8:16

Wesley acreditava que alguém pode afirmar todos os credos, e crer em todas as doutrinas certas, e ainda assim estar espiritualmente morto. A graça de Deus tem que ser apropriada individualmente, resultando em segurança e transformação de vida e coração.

O Impacto da Experiência na Posição de Wesley Sobre a Santificação

Wesley levou tempo a formular a sua noção de santificação. Se a santificação é instantânea ou se se trata de um processo progressivo é uma questão que surgiu à medida que o Metodismo se desenvolveu de uma década para outra. Na opinião de Wesley, a Bíblia não se pronuncia sobre essa questão; embora tenha muito a dizer sobre a santificação e a vida de santidade, ela não se pronuncia quanto à forma ou altura da sua obtenção.

De acordo com a interpretação Nazarena, a posição do Wesley maduro é que a santificação é tanto um crescimento progressivo quanto uma experiência instantânea.

As Escrituras não devem ser interpretadas com base em "sentimentos" individualistas, mas antes na base do testemunho que uma inteira comunidade de fé dá de uma realidade que tem impacto duradouro.

A Razão

Wesley questionava uma fé que tinha muito “entusiasmo” mas pouco discernimento. O Cristão verdadeiro é racional. A razão é essencial.

Wesley acreditava que experiências, ganhas por intermédio dos sentidos, constituem a fonte principal do conhecimento humano. O que a razão faz é assistir-nos no processamento dessas experiências—ajudar-nos a fazer sentido delas, organizá-las, e finalmente comunicá-las aos outros.

Pequenos Grupos

Trabalhem juntos no seu grupo para descobrir/desenvolver com base no sermão de Wesley que leram como tarefa de casa, respostas para o seguinte:

Sermon Title:

Tese:

Pontos Chave:

Relevância para Hoje:

Resposta:

Lição 7: O Deus Trino Criador

Deveres Para Esta Lição

Um trabalho de uma página
Paráfrase de Pontos Principais
Diário

Objectivos de Aprendizagem

Ao completar esta lição, os participantes deverão poder

- explicar a doutrina Wesleyana de Deus
- definir o conceito que Wesley tinha da criação e sua relevância para a ecologia
- compreender o conceito da Trindade em Wesley

Trabalho de Casa

Para metade da classe: Faça uma lista das passagens das Escrituras que você utilizaria para defender a doutrina de Jesus Cristo.

Para a outra metade: Faça uma lista das passagens das Escrituras que você utilizaria para defender a doutrina do Espírito Santo.

Leia o Recurso 7-2, "O Senhor Nossa Justiça"

Escreva no seu diário. Esta tarefa é contínua. Inclua as suas reflexões, reações, e análises sobre o material apresentado na aula. Leia uma porção do diário de John Wesley e reflita no que leu. O diário dele pode ser encontrado no seguinte endereço: <http://wesley.nnu.edu>.

Palavras de Wesley

Todas as outras doutrinas começam com a doutrina de Deus: "Sabeis que o alvo supremo da religião é de renovar os nossos corações na imagem de Deus."

Sermão, "Pecado Original," *Works* 2:185

Wesley estava muito ciente da necessidade da mordomia da criação. "Nós somos agora os mordomos de Deus. Somos-Lhe devedores por tudo quanto possuímos . . . O mordomo não tem a liberdade de usar de qualquer maneira aquilo que lhe foi confiado, mas sim deve fazer o que o seu mestre desejar . . . Ele não é dono de nenhuma dessas coisas, senão apenas responsável por elas . . . É precisamente isso que acontece connosco em relação a Deus. Nós não temos a liberdade de usar de qualquer maneira aquilo que Deus nos confiou, mas sim de fazer uso dele segundo a vontade de Deus, o único dono do céu e da terra, e Senhor de toda a criatura."

Sermão, "O Bom Mordomo," *Works* 2:283-84

O Deus Trino Criador

Os atributos de Deus são normalmente conhecidos como atributos “naturais” e atributos “morais.”

Os **atributos naturais** são aqueles atributos divinos que não podem ser removidos; sem eles Deus deixaria de ser Deus.

Os **atributos morais** são aquelas qualidades que adicionam maior conhecimento da bondade de Deus.

Wesley chegou a acreditar que a compreensão que o indivíduo tem de quem é Deus é crucial para a vida Cristã desse indivíduo. Confusão em relação a Deus produz confusão em relação à fé e prática Cristã.

O princípio supremo da teologia de Wesley é o facto de que Deus é amor. Ele reitera a todo o custo o amor de Deus.

No pensamento de Wesley, Deus é Criador e Sustentador. Isso significa que todas as coisas têm a sua origem em Deus (criação *ex nihilo*, criação a partir do nada), mas também que o mundo só continua a existir e funcionar porque Deus o continua a sustentar.

realçou a distintividade das três Pessoas, dando no seu pensamento grande atenção ao Espírito. Wesley é um Trinitário consumado.

JOHN WESLEY

SERMÃO VINTE

O SENHOR NOSSA JUSTIÇA

(Tradução de Nicodemos Nunes,
http://metodistavilaisabel.org.br/metodismo/sermoes_john.asp)

Pregado na Capela no West Street, no domingo, 24 de Novembro de 1765
"Este é o seu nome pelo qual ele será chamado: o Senhor nossa Justiça." (Jeremias 23.6)

1. COMO são odiosas e como são numerosas as contendas levantadas acerca da religião! E não somente entre os filhos deste século, entre os que não conhecem o que seja a verdadeira religião, mas entre os filhos de Deus, entre os que experimentaram "o reino de Deus em meio deles", entre os que provaram a "justiça, a paz e o gozo no Espírito Santo!" Quantos desses, em todos os tempos, em lugar de se unirem contra o inimigo comum, voltaram suas armas uns contra outros, e assim não apenas dissiparam seu tempo precioso, mas feriram-se mutuamente no espírito, enfraquecendo-se uns e outros e destarte entravando a grande obra do Mestre comum! Quantas almas débeis se escandalizaram por essa causa! Quantos estropiados se desviaram do caminho! Quantos pecadores se afervoraram no desprezo de toda a religião e na aversão àqueles que professam! E quantos dos excelentes sobre a terra foram constrangidos a "prantear nos lugares secretos!"
2. Que não deveria fazer todo amigo de Deus e do próximo, que não deveria sofrer, para remediar esse mal terrível, para remover a contenda dentre os filhos de Deus, para restaurar ou preservar a paz entre eles? A não ser uma boa consciência, que se poderia imaginar fosse demasiado precioso para sacrificar à consecução de tão precioso fim? Suposto que não possamos "fazer" que essas "guerras cessem em todo o mundo"; suposto que não possamos reconciliar todos os filhos de Deus uns com os outros, - faça, entretanto, cada um o que estiver a seu alcance; contribua, ainda que seja com os dois ceitis, para a realização desse objetivo. Felizes os que são capazes de, em qualquer medida, promover a "paz e a boa vontade entre os homens", especialmente entre os homens bons, entre os que se alistaram sob a bandeirado "Príncipe da Paz" e estão, pois, particularmente interessados, "tanto quanto esteja neles", em "viverem paz com todos os homens"!
3. Seria um passo considerável dado em direção a esse fim glorioso, se pudessemos levar os homens generosos a um entendimento recíproco. Grande número de disputas se travam puramente por falta dessa compreensão, por mero mal-entendido. Frequentemente nenhuma das partes contendoras compreende o que quer dizer o oponente: daí resulta que cada qual ataca violentamente o adversário, embora entre eles não exista nenhuma diferença real. Todavia, não é empresa fácil convencê-los disso, especialmente quando suas paixões se aguçam: é com a maior dificuldade que eles então atendem. Não é, entretanto, impossível, principalmente se, ao empreendermos essa tarefa, o fizermos não confiando em nós mesmos, mas em tudo dependendo daquele a quem todas as coisas são possíveis. Assim é ele capaz de dissipar as nuvens e resplandecer em

seus corações, habilitando-os a se compreenderem uns aos outros e compreenderem “a verdade como se ache em Jesus”.

4. Um artigo importantíssimo dessa verdade se contém nas palavras acima citadas: “Este é o nome pelo qual ele será chamado: O SENHOR NOSSA JUSTIÇA”, verdade que penetra fundamente na natureza do cristianismo e, em certo sentido, lhe suporta toda a estrutura. Dela se pode dizer o que Lutero afirmava de outro postulado estreitamente relacionado com aquele: é *articulus stantis vel cadentis ecclesiae*: a igreja cristã permanece ou cai com ele. É seguramente o pilar e o fundamento daquela fé, da qual somente vem a salvação; daquela fé universal ou católica que se acha em todos os filhos de Deus e que, “a não ser que o homem a guarde íntegra e sem mancha, sem dúvida perecerá eternamente”.
5. Não pode alguém, pois, razoavelmente esperar que, conquanto discordem em outros assuntos, todos os que se chamam pelo nome de Cristo concordem neste ponto? Quão longe, entretanto, isto se acha da realidade! Dificilmente se encontra um ponto sobre que estejam menos concordes, uma vez que, professando todos seguirem a Cristo, tão larga e irreconciliavelmente parece discordarem no modo de crer. Digo parece, porque estou profundamente convencido de que muitos deles apenas diferem em aparência. O desacordo consiste mais em palavras do que em sentimento: encontram-se muito mais unidos no conceito do que na linguagem. E enorme diferença de linguagem certamente existe, não somente entre protestantes, sim, mesmo entre todos os que aceitam a justificação pela fé e que estão em harmonia, tanto neste ponto como em todas as demais doutrinas basilares do Evangelho.
6. Mas, se a diferença for mais de opinião do que de real experiência, e mais de expressão do que de opinião, como pode acontecer, - por que não de contender os filhos de Deus, tão veementemente, sobre tais questões? Diversas razões podem ser alvitadas: a principal é a não compreensão recíproca, unida ao apego demasiadamente obstinado às próprias opiniões e fórmulas especiais de expressão.

Para remover tais dificuldades, ao menos em parte; para que nos entendamos uns com os outros num ponto capital, tentarei mostrar, com a graça de Deus:

- I. O que é a justiça de Cristo; e
 - II. Quando, e em que sentido, ela nos é imputada.
- Concluirei com uma curta e clara aplicação.

I. O que vem a ser a justiça de Cristo? É dupla, compreendendo sua justiça divina e sua justiça humana.

1. Sua justiça divina pertence à sua natureza divina, como sendo Ele o α , o que existe “sobre todos, Deus bendito para sempre”; o Supremo; o Eterno; “igual ao Pai no tocante à divindade, embora inferior a Ele no que se refere à humanidade”. Agora esta é sua eterna, essencial, imutável santidade; sua infinita justiça, misericórdia e verdade, sendo que em todas estas coisas Ele e o Pai são um.
2. A justiça humana de Cristo pertence à sua natureza humana, no sentido de ser Ele “mediador entre Deus e o homem, Jesus Cristo homem”. Essa justiça é interior ou exterior. Sua justiça interior é a imagem de Deus estampada em todos

os poderes e faculdades de sua alma. É uma cópia de sua justiça divina, na medida em que ela pode ser comunicada ao espírito humano. É uma reprodução da pureza divina, da justiça divina, da misericórdia e da verdade. Inclui amor, reverência, resignação à vontade de seu Pai; humilde, mansidão, ternura; amor à humanidade perdida e todos os demais pendores celestiais – e tudo no grau mais elevado, sem qualquer defeito ou mistura de impiedade.

3. Era, de resto, parte de sua justiça exterior o fato de Ele não ter nenhuma falha; de não ter conhecido pecado exterior de nenhuma espécie, nem ter sido “achado dolo em sua boca”: Ele jamais pronunciou uma palavra imprópria, nem praticou nenhuma ação imprópria. Até aqui é uma justiça unicamente negativa, embora tal como jamais pertenceu e jamais pertencerá a alguém que tenha nascido de mulher, excetuando-se tão somente a Jesus. Mas essa justiça exterior era também positiva: Jesus fez todo o bem: em toda a palavra que lhe saiu dos lábios, em todas as obras efetuadas pelas suas mãos, fez precisamente “a vontade daquele que o enviou”. Em todo o decurso de sua vida, Ele fez a vontade de Deus na terra, como os anjos a cumprem nos céus. Tudo quanto praticou e disse foi exatamente correto em todas as circunstâncias. Tal obediência foi perfeita, quer em conjunto, quer em cada uma de suas partes. “Ele cumpriu toda a justiça”.
4. Mas essa obediência implicava em mais do que tudo isso: implicava não só em fazer, mas em sofrer; resigna-se a toda a vontade de Deus, desde a época em que veio ao mundo até “quando levou nossos pecados em seu corpo para o madeiro”; sim, até que, tendo feito completa propiciação pelo pecado, “inclinou a cabeça e rendeu o espírito”. Esta é a justiça que usualmente se chama a justiça passiva de Cristo, sendo a primeira sua justiça ativa. Como, porém, a justiça ativa e passiva de Cristo nunca se apresentaram, de fato, separadas uma da outra, jamais teremos necessidade de as apartar, seja falando, seja pensando. E é à vista de ambas, em conjunto, que Jesus é chamado “O Senhor, nossa Justiça”.

II. Quando é, porém, que qualquer de nós pode verdadeiramente dizer: - “O Senhor, nossa Justiça”? Em outras palavras, quando é que a justiça de Cristo no é imputada, e em que sentido nos é imputada?

1. Lançando sobre o mundo um olhar envolvente, vemos que todos os homens que nele habitam são crentes ou incrédulos. O primeiro ponto que não admite controvérsia razoável entre os homens é, pois, este: a justiça de Cristo é imputada a todos os crentes; aos incrédulos, não.

Quando é imputada? Quando crêem: nessa mesma hora lhes pertence a justiça de Cristo. É imputada a todo que crê, logo que crê: a fé e a justiça de Cristo são inseparáveis. Porque, se o pecador crê segundo as Escrituras, crê na justiça de Cristo. Não há verdadeira fé, isto é, fé justificadora que não tenha a justiça de Cristo como seu objeto.

2. É verdade que os crentes podem não falar, todos eles, de modo semelhante; podem não usar unanimemente a mesma linguagem. Não é de esperar que isto aconteça, nem razoavelmente podemos exigir que eles o façam. Mil circunstâncias podem determinar que os crentes variem uns dos outros na maneira de se expressarem; mas a diferença de expressão não implica necessariamente em diferença de sentimentos. Diversas pessoas podem usar de expressões diversas, querendo significar, todavia, a mesma coisa. Nada é mais

comum do que isto, embora raramente o levemos em conta. Também não é fácil às mesmas pessoas, tratando das mesmas coisas em épocas que se distanciam, usar exatamente das mesmas expressões, ainda que conservem o mesmo sentido: como então podemos ser rigorosos, exigindo que os outros usem das mesmas expressões de que usamos nós?

3. Podemos dar um passo avante: os homens podem diferir de nós em suas opiniões, como em suas expressões, e, contudo, ser participantes conosco da mesma fé preciosa. É possível que não tenham uma apreensão exata das próprias bênçãos de que desfrutam. Suas idéias podem não ser tão claras e sua experiência pode não ser tão intensa quanto a nossa. Há uma grande diferença entre as faculdades naturais do homem; em particular de seu entendimento; e essa diferença aumenta consideravelmente segundo a educação que cada um recebe. Só este fato pode, na verdade, ocasionar uma inconcebível divergência nas opiniões de várias espécies. Como não variarão essas opiniões no tocante às doutrinas principais, assim como variam em qualquer outro assunto? Entretanto, embora suas opiniões tanto como suas expressões, se apresentem confusas e inexatas, seus corações podem ainda apegar-se a Deus mediante Cristo, participando verdadeiramente de sua justiça.
4. Façamos, pois, aos outros todas as concessões que desejaríamos para nós mesmos, se estivéssemos em seu lugar. Quem ignora (para ferirmos outra vez somente a circunstância já notada), o poder espantoso da educação? E quem sabe isto, pode esperar ou supor que um membro da igreja de Roma fale ou pense claramente sobre este assunto? E, ainda mais, se tivéssemos ouvido o moribundo Belarmino exclamar, quando lhe perguntaram: "Para qual dos santos queres volver-te?" – *Fidere meritis Christi tutissimum*: "É mais seguro confiar nos méritos de Cristo", - poderíamos afirmar que, não obstante suas opiniões errôneas, deixasse ele de ter parte na justiça de Cristo?
5. Mas em que sentido a justiça é imputada aos crentes? Neste: todos os crentes são perdoados e aceitos, não por qual-quer coisa que neles haja, ou por qualquer mérito que neles tenha havido, ou por aquilo que ainda possa ser feito, mas total e unicamente em razão do que Cristo fez e sofreu por eles. Digo outra vez, não por qualquer coisa que neles haja, ou de qualquer coisa feita por eles, por sua própria justiça ou obras: "Não por obras de justiça que tivéssemos feito, mas por sua própria misericórdia nos salvou". "Pela graça sois salvos mediante a fé – não por obras, para que ninguém se glorie", mas total e exclusivamente em atenção ao que Cristo fez e sofreu por nós. Somos "justificados livremente por sua graça, através da redenção que há em Jesus Cristo". E este é o meio não somente de obtenção o favor de Deus, mas de nossa perseverança nesse favor. Por esse meio é que primeiro nos chegamos a Deus; pelo mesmo processo é que continuamos depois achegados a Ele. Andamos pelo mesmo caminho novo e devida; até que nosso espírito volte para Deus.
6. Esta é a doutrina em que tenho constantemente crido e tenho constantemente ensinado por vinte e oito anos aproximadamente. Publiquei isto a todo o mundo no ano de 1738, e dez ou doze vezes depois, naquelas palavras e em muitas outras do mesmo gênero, extraídas das homilias de nossa Igreja: - "Estas coisas devem concorrer necessariamente em nossa justificação: da parte de Deus, sua grande misericórdia e graça; da parte de Cristo, a satisfação da justiça de Deus; e, de nossa parte, fé no méritos de Cristo. Deste modo a graça de Deus não exclui sua justiça no processo de nossa justificação, mas somente exclui justiça

do homem como fator de nossa justificação". "Que somos justificados só pela fé, afirma-se para claramente excluir todo o mérito de nossas obras e para só atribuir inteiramente a Cristo o mérito e o merecimento de nossa justificação". Nossa justificação procede livremente da simples misericórdia de Deus. Porque, quando o mundo inteiro não era capaz de pagar sequer uma parte de nosso resgate, aprouve a Deus, sem nenhuma intervenção de nossos merecimentos, preparar-nos o corpo e o sangue de Cristo, para que por eles fosse pago nosso resgate e satisfeita sua justiça. Cristo é, pois, agora, a justiça de todos os que verdadeiramente crêem.

7. Os hinos publicados um ou dois anos depois disso, e a seguir divulgados várias vezes (um testemunho claro de que meu conceito era ainda o mesmo), servem plenamente ao mesmo propósito. Citar todas as passagens referentes ao assunto seria transcrever grande parte dos volumes. Para exemplo transcrevo publicação que se reeditou há sete, cinco e dois anos, e há poucos meses:
"Jesus, teu sangue e tua justiça São meus adornos, minhas vestes gloriosas: Entre os mundos flamejantes, nestes adornos, Levantarei jubiloso minha cabeça!"

O hino todo, do começo ao fim, expressa o mesmo sentimento.

8. No sermão sobre a justificação, publicado há dezenove e outra vez há sete ou oito anos, expresso a mesma coisa nestas palavras: "Em consideração a isto – que o Filho de Deus provou a morte por todos os homens, Deus agora reconciliou o mundo consigo mesmo, não lhe imputando seus primitivos pecados. Demodo que, em atenção a seu bem-amado Filho, ao que Ele sofreu por nós, Deus agora nos outorga, sob uma única condição (que Ele próprio também nos habilita a preencher), tanto a remissão da pena merecida pelos nossos pecados, como nossa restauração em seu favor e a recondução de nossas almas mortas à vida espiritual, como penhor da vida eterna".
9. Mais larga e particularmente se expressa isto no Tratado sobre a Justificação, que publiquei no ano passado: "Se tomarmos a frase – imputar a justiça de Cristo, como a comunicação (por assim dizer) da justiça de Cristo, incluindo sua obediência, tanto passiva como ativa, com os resultados desse fato, isto é, os privilégios, bênçãos e benefícios alcançados por aquela justiça, em tal sentido pode-se dizer que o crente é justificado pela justiça de Cristo e ele imputada. A significação é a que Deus justifica o crente em atenção à justiça de Cristo, e não por qualquer justiça que aquele possua. Assim diz Calvino (Institutas, 1 2 e 17): "Cristo, por sua obediência, alcançou ou adquiriu-nos a justiça". E mais: "Todas as expressões como estas: - que somos justificados pela graça de Deus, que Cristo é nossa justiça, que a justiça foi-nos alcançada pela morte e ressurreição de Cristo, significam a mesma coisa, isto é, que a justiça de Cristo, tanto sua justiça ativa como passiva, é a causa meritória de nossa justificação, e assegura-nos, da parte de Deus, que, mediante nossa fé, somos por Ele reputados como justos" (página 5).
10. Mas talvez objetará alguém: "Afirmas, entretanto, que a fé nos é imputada como justiça". S. Paulo afirma isto sem cessar; por isso o afirmo também. A fé é imputada como justiça a todo que crê, isto é, a todo que crê na justiça de Cristo. Isto é, todavia, a mesma coisa que já foi dita antes: porque por aquela expressão quero dizer, nem mais, nem menos, que somos justificados pela fé e não pelas

obras; ou que todo crente é perdoado e aceito meramente em razão do que Cristo fez e sofreu.

11. Mas o crente não é investido na justiça de Cristo ou dele revestido? Sem dúvida que o é. E as palavras acima citadas são, precisamente, a linguagem de todo o coração crente:
"Jesus, teu sangue e tua justiça, São meus adornos, minhas vestes gloriosas". Isto é, "em atenção à sua justiça ativa e passiva, sou perdoado e aceito por Deus". Não devemos, entretanto, abrir mão dos andrajos imundos de nossa própria justiça, antes que possamos revestir-nos da imaculada justiça de Cristo? Certamente que devemos, o que vale dizer que devemos arrepender-nos, antes que possamos crer no Evangelho. Devemos romper com toda dependência de nós mesmos antes que verdadeiramente possamos depender de Cristo. Devemos banir toda confiança em nossa própria justiça, ou não poderemos ter verdadeira confiança na justiça de Cristo. Enquanto não nos libertarmos da confiança em qualquer coisa que façamos, não poderemos perfeitamente confiar no que Cristo fez e sofreu. Primeiro recebemos a sentença de morte em nós mesmos; depois confiamos no que viveu e morreu por nós.
12. Não crês na justiça inerente? Sim, desde que ela se coloque em seu próprio lugar, não como fundamento de nossa aceitação por parte de Deus, mas como fruto dessa aceitação; não em lugar da justiça imputada, mas como consequência desta. Creio que Deus implanta a justiça em todos aqueles a quem Ele imputa justiça. Creio que "Jesus Cristo foi feito por Deus nossa santificação", assim como também nossa "justiça"; ou que Deus santifica, assim como justifica, a todos os que nele crêem. Àqueles a quem é imputada a justiça de Cristo tornam-se justos pelo Espírito de Cristo; são renovados à imagem de Deus, "segundo a semelhança com que foram criados, em justiça e verdadeira santidade".
13. Colocadas então a fé em lugar de Cristo ou de sua justiça? De modo nenhum: tomo particular cuidado em colocar cada coisa em seu próprio lugar. A justiça de Cristo é o fundamento total e único de toda nossa esperança. É pela fé que o Espírito Santo habilita-nos a construir sobre tal fundamento. Deus dá essa fé: nesse momento somos aceitos por Deus e, ainda assim, não em razão daquela fé, mas em atenção ao que Cristo fez e sofreu por nós. Vês, pois, que cada uma dessas idéias tem seu próprio lugar e uma não atropela a outra: cremos, amamos, intentamos andar irrepreensíveis em todos os mandamentos do Senhor; todavia,
"Enquanto assim empregamos
Nossos momentos cá em baixo,
Esquecemo-nos de nós mesmos
E procuramos refúgio na justiça de Jesus
- Somente sua paixão
Alicerce nos garante;
E perdão reclamamos.
E redenção eterna, - no nome de Jesus".
14. Não nego, pois, mais, a justiça de Cristo, do que nego sua divindade: o homem pode acusar-me tanto da negação de uma como da outra. Também não nego a justiça imputada: esta é outra maldosa e injusta acusação. Sempre afirmei, e até agora continuamente afirmo, que a justiça de Cristo é imputada a todo aquele

que crê. Mas, quem o nega? Porque, todos os infiéis, sejam batizados ou não; todos os que dizem que o glorioso Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo é uma fábula engenhosamente arquitetada; todos os socianos e arianos; todos os que contestam a suprema divindade do Senhor que os resgatou, negam, conseqüentemente, sua divina justiça, supondo-o mera criatura; e negam sua justiça humana, como imputada a todo homem, visto que eles crêem que cada um é aceito por sua própria justiça.

15. A justiça humana de Cristo, ou a imputação dessa justiça, como a causa meritória total e única da justificação do pecador diante de Deus, é igualmente negada pelos membros da Igreja Romana, - por todos os que são fiéis aos princípios de sua própria Igreja. Mas, indubitavelmente, muitos há no meio deles cuja experiência transcende aos princípios e que, muito embora longe estejam de se expressar com justeza, algo sentem que não sabem como definir. Embora suas concepções no tocante a essa grande verdade sejam tão cruas como suas expressões, ainda assim crêem no seu coração: descansam somente em Cristo, tanto para a salvação presente como para a salvação eterna.
16. Com esses podemos alinhar mesmo os das igrejas reformadas, designados comumente pelo nome de místicos. Um dos principais dentre eles, no século atual (pelo menos na Inglaterra), foi Law. É bem sabido que ele absoluta e zelosamente negava a imputação da justiça de Cristo, e fazia-o tão desabusadamente como Roberto Barclay, que não tinha escrúpulo de dizer: "Justiça imputada! – contra-senso imputado". A comunidade conhecia pelo nome de quakers esposa o mesmo sentimento. Mesmo o grosso dos que fazem profissão de membros da Igreja da Inglaterra, são totalmente ignorantes do assunto e nada sabem acerca da justiça imputada, ou negam esta doutrina e a da justificação pela fé, considerando-as como destrutivas das boas obras. A estes podemos adicionar um número considerável de pessoas chamadas anabatistas, unidas a milhares de presbiterianos e independentes, esclarecidos ultimamente pelos escritos do Dr. Taylor. Sobre os últimos não me sinto inclinado a proferir qualquer sentença: entrego-os Àquele que os criou. Mas, pode alguém ousar dizer que todos os místicos (tais como Law em particular), todos os quakers, todos os presbiterianos ou independentes e todos os membros da igreja da Inglaterra, que não são claros em suas opiniões ou expressões, estejam destituídos de qualquer experiência cristã? Que, conseqüentemente, estejam todos em estado de perdição, "sem esperança e sem Deus no mundo?" Qualquer que seja a confusão de suas idéias, por mais imprópria que seja sua linguagem, não haverá muitos no meio deles, cujos corações são retos para com Deus e conhecem efetivamente "o Senhor, nossa Justiça?"
17. Mas, louvado seja Deus, não estamos entre os que são tão obscuros em seus conceitos e expressões. Não negamos mais a frase do que a coisa expressa; mas estamos pouco dispostos a impô-las a outros homens. Usem eles as mesmas ou outras expressões, segundo julguem ser mais exatamente somente no que Cristo fez e sofreu, para o perdão, a graça e a glória. Não podemos expressá-lo melhor do que através das palavras de Hervey, dignas de serem escritas em letras de ouro: "Não cuidamos de qualquer amontoado particular de frases. Somente se humilhem os homens como criminosos arrependidos aos pés de Cristo; descansem eles, tão submissamente como inválidos, em seus méritos – e estarão indubitavelmente no caminho que leva à bendita imortalidade".

18. Há necessidade, há qualquer possibilidade de dizer mais? Fiquemos somente com esta declaração, e toda contenda acerca dessa ou daquela frase especial será cortada pela raiz. Guardai isto: “Todos os que se humilham como criminosos arrependidos aos pés de Cristo, e em seus méritos descansam tão submissamente como inválidos, estão no caminho que leva à bendita imortalidade”; e, depois, que lugar haverá para disputa? Quem nega isto? Não nos entendemos todos neste ponto? A respeito de que contendemos então? Um homem de paz propõe os termos de acomodação a todos os partidos digladiantes. Não desejamos outra coisa: aceitamos os termos, subscrevemo-los com o coração e com a pena. Quem quer que se recuse a fazê-lo, seja o tal assinalado: é inimigo da paz, perturbador de Israel, pervertedor da Igreja de Deus.
19. Entretanto, que nos não espantemos com o fato de alguém usar a frase: “a justiça de Cristo”, ou “a justiça de Cristo me é imputada”, como cobertura de sua injustiça. Temos visto fazer-se isto um milhar de vezes. Um homem é repreendido, suponha-se, por embriaguez: “Oh!, diz ele, não pretendo justiça de minha parte; Cristo é minha justiça!” Outro é advertido de que “o que comete fraude, o injusto, não herdará o Reino de Deus”: ele retruca com toda a convicção: “Sou injusto, mas tenho uma justiça imaculada em Cristo”. E assim, embora esteja o homem tão longe da prática como do caráter cristão; embora não tenha a mente que havia em Cristo, nem ande de modo algum como Ele andou, contudo se abroquela contra toda convicção de culpa naquilo que denomina “a justiça de Cristo”.
20. É a contemplação de tantos exemplos deploráveis como os citados que nos faz sóbrios no uso daquelas expressões. E não posso deixar de chamar a atenção de todos vós, que empregais com freqüência, suplicando-vos, em nome de Deus nosso Salvador, a quem pertenceis e a quem servis, que cuidadosamente retenhais tudo quanto ouvis contra o maldito abuso daquelas fórmulas. Oh! Adverti-os (pode ser que eles ainda vos ouçam), contra a continuação “no pecado para que superabunde a graça”. Adverti-os contra o fazerem “a Cristo ministro do pecado”, contra a invalidação daquele solene decreto de Deus: “Sem santidade nenhum homem verá ao Senhor”, ainda que tenha a fantasia vã de ser santo em Cristo! Oh! Adverti-os de que, se permanecerem injustos, a justiça de Cristo de nada lhes aproveitará! Clama com força (não há motivo para isto?) que a justiça de Cristo justamente nos é imputada para este fim: para que “a justiça da lei seja cumprida em nós”, e para que possamos “viver sobriamente, em reta piedade, no presente mundo”.

Resta somente uma aplicação curta e clara. Primeiro: desejo dirigir-me a vós que violentamente vos insurjis contra aquelas expressões, estando prontos a condenar como antinominianos a quantos delas usem. Não representa isto o encurvar demasiadamente o arco para o outro extremo? Por que condenaríeis a todos que não falam como vós falais? Por que contenderíeis com eles, por usarem as frases que preferem, gozando, como vós, da mesma liberdade? Ora, se eles debatem convosco por este motivo, não imiteis a devoção extrema que censurais. Afinal, concedei-lhes a liberdade que eles devem conceder-vos. E por que ficaríeis irados por causa de uma expressão? “Oh! Tem-se abusado dela!” e de que expressão não se tem abusado? O abuso pode ser, todavia, removido, permanecendo, ao mesmo tempo, o uso. Acima de tudo, fazei certa a possessão ao importante sentido que se esconde sob aquela expressão: “todas as bênçãos de que desfruto, tudo quanto espero no tocante ao tempo e à eternidade, decorrem total e exclusivamente dos méritos do

que Cristo fez e sofreu por mim". Desejaria, em segundo lugar, aduzir umas poucas palavras, dirigidas a vós que estais apaixonados por aquelas expressões. Permitti-me perguntar: não concedo bastante? Que pode desejar mais o homem razoável? Confesso o sentido integral daquilo sobre que contendeis; isto é, que temos todas as bênçãos através da justiça de Deus, nosso Salvador. Concedo que useis de quaisquer expressões que escolherdes, por um milhar de vezes; somente resguardando-as daquele abuso mortal, que estais tão profundamente interessados em evitar quanto eu mesmo. Frequentemente uso a expressão em debate – justiça imputada – e muitas vezes coloco esta e locuções equivalentes nos lábios de toda a congregação. Concedei-me neste ponto liberdade de consciência: concedei-me o direito de juízo privado. Concedei-me o direito de usá-la na medida em que julgo preferível a qualquer outra frase; e não vos encolerizeis comigo, se eu não julgar conveniente usar de uma só expressão de dois em dois minutos. Podeis fazê-lo, se quiserdes; mas não me condeneis, se o não fizer. Não me representeis, por esta razão, como papista ou como "inimigo da justiça de Cristo". Tolerai-me, como eu vos tolero; de outro modo, como "cumpriremos a lei de Cristo?" Não afeteis um ar de tragédia, como seu eu estivesse "subvertendo os próprios fundamentos do Cristianismo". O que faz isto, faz-me um grande mal: o Senhor não lhe impute este pecado! Tenho lançado, no decorrer de muitos anos, o mesmo fundamento que lançais. E, na verdade, "outro fundamento não pode ser posto, a não ser Jesus Cristo". Construo sobre Ele a santidade interior e exterior, como o fazeis, pela fé. Não tolereis, pois, qualquer desgosto, ou malignidade, nem nenhuma desconfiança ou frieza em vosso coração. Se houver diferença de conceito, - onde estará nossa religião, se não pudermos pensar e deixar pensar? Que impede, pois, que me perdoeis tão facilmente como posso perdoar-vos? Principalmente se apenas existe simples variante no modo de expressar! Não; dificilmente se chega a tanto: - toda disputa não consiste somente de certos modos especiais de expressão, que se devem usar mais ou menos frequentemente? Decididamente deve ser profundo nosso desejo de contender uns com os outros, para que façamos dessas coisas um pomo de discórdia! Oh! Não consintamos jamais que, por semelhantes ninharias, demos lugar a que os nossos comuns inimigos blasfemem! Procuremos, antes, suprimir toda ocasião de contenda, arrebatando-a aos que buscam tal ocasião. Juntemos de agora por diante (oh! porque o não o fizemos há mais tempo!) nossos corações e nossas mãos no serviço de nosso grande Mestre! Como temos "um Senhor, uma fé, uma esperança de nossa vocação", uns aos outros apertemos as mãos em Deus, e com um só coração e uma só boca proclamemos a toda a humanidade – "O SENHOR NOSSA JUSTIÇA!"

Lição 8: A Pessoa de Cristo e a Pessoa do Espírito

Deveres Para Esta Lição

Evidência Bíblica da Cristologia ou pneumatologia
Leitura de Sermão
Diário

Objectivos de Aprendizagem

Ao completar esta lição, os participantes deverão poder

- explicar o que Wesley entende por Cristologia
- definir o monofisitismo prático
- reconhecer o Espírito como entidade pessoal

Trabalho de Casa

Escreva uma resposta de duas páginas sobre a seguinte questão: O que é o pecado?

Leia o Recurso 8-4, "Pecado Original."

Escreva no seu diário. Esta tarefa é contínua. Inclua as suas reflexões, reações e opiniões sobre o material apresentado na aula. Leia uma porção do diário de John Wesley, e reflecta sobre a leitura. O diário pode ser localizado na página: <http://wesley.nnu.edu>.

Palavras de Wesley

Wesley aconselha os seus ministros a:

"Declarar em cada sermão (e quanto mais explicitamente melhor) que o primeiro e grande mandamento para o Cristão é 'Crer no Senhor Jesus Cristo': que Cristo é tudo em todos, nossa 'sabedoria, rectidão, santificação e redenção'; que toda a vida, amor, força provém dele somente, todos de graça dados através da fé."

Sobre Pregar Cristo, citado em Outler, pp. 234-35

"Creio que o infinito e eterno Espírito de Deus, em igualdade com o Pai e o Filho, não só é ele próprio perfeitamente santo, como também a causa imediata de toda a santidade em nós."

Carta a um Católico Romano

A Pessoa de Cristo

Wesley seguiu a Cristologia dos concílios ecumênicos primitivos, os quatro primeiros dos quais desenvolveram o credo ortodoxo da natureza de Jesus Cristo. Jesus Cristo é plenamente Deus, tendo a mesma essência e substância que o Pai, Aquele que revelou plena e cabalmente a natureza de Deus.

Wesley declara que Jesus é "verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem," "perfeito como Deus e como homem," e assim digno da nossa verdadeira adoração.

A ênfase de Wesley estava na *obra* de Cristo, conhecida como a doutrina da soteriologia.

À semelhança de toda a teologia de Wesley, a sua Cristologia tem relevância prática. Ele tem muito maior interesse na obra de Cristo do que na Sua natureza. E ainda assim, mesmo quando fala da Sua natureza, as implicações *práticas* sempre acompanham as a suas considerações.

A Pessoa do Espírito

O Espírito é a presença de Deus na vida Cristã. Wesley tem por chave o facto de que Cristo não só fez provisão para a nossa redenção, como também que tal redenção é aplicada pela obra do Espírito.

Aqueles que se posicionam na tradição Wesleyana da santidade têm uma doutrina mais ampla e profunda do Espírito do que aqueles que pertencem à tradição Reformada. O Espírito é uma "pessoa" da Divindade, com características pessoais, com "ser" próprio, não simplesmente uma parte subordinada, funcional de Deus ou uma expressão presente de Cristo na terra.

Em jeito de sumário, Wesley escreveu:

Eu creio que o infinito e eterno Espírito de Deus, em igualdade com o Pai e o Filho, não só é perfeitamente santo em si mesmo, como também a fonte imediata de toda a santidade em nós: iluminando-nos o entendimento, corrigindo os nossos desejos e afeições, renovando as nossas naturezas, unindo as nossas pessoas com Cristo, assegurando-nos da adopção de filhos, dirigindo-nos nos nossos actos, purificando e santificando as nossas almas e corpos para um pleno e eterno gozo de Deus.

Carta a um Católico Romano

Pequenos Grupos

Trabalhem juntos no seu grupo para descobrir/desenvolver com base no sermão de Wesley que leram como trabalho de casa, respostas para o seguinte:

Título do Sermão:

Texto:

Tese:

Pontos Chave:

Relevância para Hoje:

Desafio à Resposta:

JOHN WESLEY

SERMÃO QUARENTA E QUATRO

PECADO ORIGINAL

(Tradução de Izilda Peixoto Bella,
http://www.imdelrei.com.br/include/sermoes/?cd_secoes=26)

"Viu o Senhor que a maldade to homem se multiplicara sobre a terra, e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era má continuamente." Gen. 6:5.

1. Quão maravilhosamente diferente é isto, dos formosos quadros da natureza humana que os homens têm esboçado em todas as épocas! Os escritos de muitos dos anciões abundam com descrições alegres da dignidade do homem; a quem alguns deles pintam, como tendo todas as virtudes e felicidade em sua composição, ou, pelo menos, estando inteiramente em seu poder, sem observar a qualquer outra existência, como auto-suficiente, capaz de viver por sua própria conta, e pouco inferior ao próprio Deus.
2. Não se trata apenas dos pagãos; homens que são guiados em suas buscas, por um pouco mais do que uma pálida luz de razão, mas muitos deles, igualmente, que testemunham o nome de Cristo, e para os quais foram confiados os oráculos de Deus, têm falado da natureza do homem, tão magnificamente, como se ela fosse toda inocência e perfeição. Relatos deste tipo têm particularmente abundado no presente século; e, talvez, em nenhuma outra parte do mundo mais do que em nossa própria região. Aqui, não poucas pessoas de forte entendimento, assim como de extenso aprendizado, têm empregado as mais extremas habilidades, para mostrarem o que eles denominam de '*o maravilhoso lado da natureza humana*'. E deve-se reconhecer que, se seus relatos forem justos, o homem é '*um pouco inferior do que os anjos*'; ou, como as palavras podem ser mais literalmente afirmadas, '*um pouco menos do que Deus*'.
3. É de se admirar que esses relatos tenham sido tão prontamente recebidos, pela generalidade de homens? Quem não é facilmente persuadido a pensar favoravelmente de si mesmo? Assim sendo, os escritores deste tipo são mais universalmente lidos, admirados, aplaudidos. E inumeráveis são os convertidos que eles têm feito, não apenas no mundo leviano, mas no mundo ilustrado. De modo que agora é completamente fora de moda falar de outro modo; dizer qualquer coisa para a depreciação da natureza humana; a que geralmente se permite, não obstante algumas poucas enfermidades, ser muito inocente, sábia e virtuosa!
4. Mas, neste meio tempo, o que devemos fazer com nossas Bíblias? Porque esses relatos nunca irão concordar com isto. Como quer que eles agradem à carne e ao sangue, são extremamente irreconciliáveis com os relatos bíblicos. As Escrituras asseveram que '*através da desobediência de um homem, todos os homens foram constituídos pecadores*'; que '*em Adão todos morreram*' -- morreram espiritualmente, perderam a vida e a imagem de Deus; que aquele pecador e caído Adão, então, '*originou um filho à sua própria semelhança*'; -- nem seria possível que ele pudesse originá-lo de outra forma, porque '*quem*

pode produzir uma coisa pura de uma impureza?— que, conseqüentemente, nós estávamos, assim como outros homens, pela natureza, 'mortos nas transgressões e pecados'; 'sem esperança, e sem Deus no mundo'; e, portanto, 'filhos da ira'; de modo que todo homem podia dizer, 'Eu fui moldado na iniquidade; e, no pecado, minha mãe me concebeu'; que 'não existe diferença'; em 'todos que pecaram e não alcançaram a glória de Deus'; daquela gloriosa imagem de Deus, na qual o homem foi originalmente criado. E, conseqüentemente, quando 'o Senhor olhou dos céus para os filhos dos homens, Ele viu que todos eles haviam saído do caminho; que eles haviam se tornado completamente abomináveis; que não havia um justo; não; nem um'; ninguém que verdadeiramente buscasse a Deus. De acordo com isto, e o que é declarado pelo Espírito Santo, nas palavras acima citadas, 'Deus viu', quando ele olhou dos céus, antes, 'que a maldade do homem estava grande na terra'; tão grande, que 'cada imaginação dos pensamentos de seu coração era, tão somente, continuamente pecaminosa'.

Este é o relato de Deus do homem: Do qual eu devo aproveitar a oportunidade:

- I. Primeiro, para mostrar o que os homens eram antes do dilúvio:
- II. Segundo, para inquirir, se eles não são da mesma maneira agora:
- III. Terceiro, para acrescentar algumas inferências.

I.

1. Em Primeiro Lugar, eu vou mostrar, esclarecendo as palavras do texto, o que os homens eram antes do dilúvio. E nós podemos nos basear completamente no relato fornecido aqui: Porque Deus o viu, e Ele não pode se enganar. Ele '*viu que a maldade do homem era grande*': -- Não este ou aquele homem: não apenas alguns poucos homens; não meramente uma parte maior, mas o homem em geral; os homens universalmente. A Palavra inclui toda a raça humana; todos os que fazem parte da natureza humana. E não é fácil para nós computarmos o número deles, para dizer quantos milhares ou milhões eles eram. A Terra, então, retinha muito de sua beleza primitiva e fertilidade original. A face do globo não era rachada e dividida como ela é agora; e primavera e verão eram bem definidos. É, portanto, provável que ela proporcionasse sustento para muito mais habitantes do que é hoje capaz; e esses deviam ser imensamente multiplicados, enquanto os homens criavam filhos e filhas, por setecentos ou oitocentos anos juntos. Ainda assim, em meio a todo este número inconcebível, apenas '*Noé encontrou favor com Deus*'. Ele somente (talvez, incluindo parte de sua família) foi uma exceção à iniquidade universal, que, pelo justo julgamento de Deus, pouco tempo depois, foi levada à destruição. Todos os demais foram participantes da mesma culpa, assim como, da mesma punição.
2. '*Deus viu todas as criações dos pensamentos de seu coração*'; -- de sua alma, de seu homem interior, o espírito dentro dele, o princípio de todos os seus movimentos internos e externos. Ele '*viu todas as criações*': Não é possível encontrar uma palavra de um significado mais extensivo. Ela inclui o que quer que seja formado, feito, e fabricado dentro; tudo que existe ou se passa na alma; toda inclinação, afeição, paixão, apetite; todo temperamento, desígnio, pensamento. Deve-se, em conseqüência, incluir toda palavra e ação, como

fluindo naturalmente dessas fontes, e sendo tanto boa quanto má, de acordo com a fonte de onde ela severamente flui.

3. Deus viu, agora, que tudo isto, o todo disto, era mal; -- contrário à retidão moral; contrário à natureza de Deus, que necessariamente inclui todo bem; contrário à vontade divina, o padrão eterno de bem e mal; contrário à imagem pura e santa de Deus, onde o homem foi originalmente criado, e, onde ele permaneceu, quando Deus, inspecionando as obras que havia criado, viu, então, que tudo era muito bom; contrário à justiça, à misericórdia, e verdade, e às relações essenciais que cada homem tem com seu Criador e seu próximo.
4. Mas não havia bem misturado com o mal? Não havia luz misturada com a escuridão? Não; nenhuma afinal: *'Deus viu que o todo da imaginação do coração do homem era tão somente mau'*. E de fato, não se pode negar que muitos deles, talvez, todos tivessem boas intenções, colocadas em seus corações; uma vez que o Espírito de Deus também *'empenhava-se com o homem'*, se, por acaso, ele pudesse arrepender-se, mais especialmente, durante aquele gracioso adiamento temporário, de cento e vinte anos, enquanto a arca estava sendo preparada. Mas, ainda assim, *'em sua carne não habitava coisa alguma boa'*; toda sua natureza era puramente má. Ela era totalmente consistente consigo mesma, e não misturada com qualquer coisa de uma natureza oposta.
5. No entanto, ainda pode ser o caso de se perguntar: *'Não havia intermissão deste mal? Não havia intervalos lúcidos, em que alguma coisa boa pudesse ser encontrada no coração do homem?'*. Nós não vamos considerar aqui o que a graça de Deus poderia ocasionalmente operar em sua alma; e, abstraídos disto, nós não temos motivos para acreditar que houvesse alguma intermissão daquele mal. Porque Deus, que *'viu que o todo da imaginação dos pensamentos de seu coração era tão somente mau'*, viu, igualmente, que ele sempre foi o mesmo; que ele *'era mau, continuamente'*; cada ano; cada dia; cada hora; e cada momento. Ele nunca se desviou para o bem.

II. Tal é o relato autêntico de toda a raça humana, que Ele que conhece o que está no homem; que sonda o coração e testa as afeições, tem deixado registrado para nossa instrução. Tais eram todos os homens antes que Deus trouxesse o dilúvio sobre a terra. Nós vamos, agora, em Segundo Lugar, inquirir se eles são o mesmo agora.

1. E isto é certo, as Escrituras não nos dão motivo para pensar de alguma forma diferente delas. Do contrário, todas as passagens das Escrituras citadas acima se referem àqueles que viveram depois do dilúvio. Acima de mil anos antes que Deus declarasse, através de Davi, com respeito aos filhos dos homens: *'Todos eles saíram do caminho da verdade e santidade; não existe alguém justo; nem um'*. E a isto, testemunham todos os profetas, em suas diversas gerações. Como Isaias, concernente ao povo peculiar de Deus, (e certamente os ateus não estavam em melhor condição): *'Toda a mente está doente; e todo o coração desfalece. Dos pés à cabeça, não existe sanidade; mas machucaduras, e injúria, e feridas pútridas'*. O mesmo relato é dado por todos os Apóstolos; sim, através de todo o teor dos oráculos de Deus. De tudo isto, nós aprendemos, concernente ao homem em seu estado natural, não auxiliado pela graça de Deus, que *'cada imaginação dos pensamentos de seu coração é'* ainda *'mau; tão somente mau'*, e *'continuamente mau'*.

2. Este relato do presente estado do homem é confirmado por experiências, diariamente. É verdade que o homem natural não se preocupa com ele. E isto não é de se admirar. Por quanto tempo um homem nascido cego continuar assim, ele dificilmente estará consciente de sua necessidade: Muito menos poderíamos supor um lugar onde todos que foram nascidos sem luz, pudessem estar conscientes da necessidade dela. De igual maneira, por quanto tempo os homens permaneçam em sua cegueira natural de entendimento, eles não estão conscientes de suas necessidades espirituais, e, em particular, deste. Mas, tão logo Deus abra os olhos de seu entendimento, eles vêem o estado que eles estavam anteriormente; eles estão, completamente convencidos que *'cada homem vivente'*, especialmente eles mesmos, é, pela natureza, *'completamente vaidade'*; ou seja, insensatez e ignorância; pecado e maldade.
3. Quando Deus abre nossos olhos, vemos que estávamos antes, sem Deus, ou melhor, éramos ateístas, no mundo. Tínhamos, pela natureza, nenhum conhecimento de Deus; nenhuma familiaridade com ele. É verdade, que tão logo começamos a usar a razão, tomamos conhecimento *'das coisas invisíveis de Deus, até mesmo seu poder eterno e Divindade, das coisas que estão feitas'*. Das coisas que são vistas, inferimos a existência de um Ser poderoso e eterno, que não é visível. Mas ainda assim, embora reconheçamos sua existência, nós não temos familiaridade com Ele. Assim como sabemos que existe um Imperador da China, a quem ainda não conhecemos; nós sabíamos que existia um Rei de toda a Terra, ainda assim, não o conhecemos. Na verdade, não poderíamos, através de qualquer uma de nossas faculdades naturais. Através de nenhuma dessas, poderíamos obter o conhecimento de Deus. Não poderíamos percebê-lo mais do que vê-lo com nossos olhos. Porque *'ninguém conhece o Pai, a não ser o Filho, e ele a quem o Filho irá revelá-lo'*.
4. Nós lemos de um rei antigo, que, estando desejoso de saber qual era a língua natural dos homens, com o objetivo de trazer o assunto para um certo debate, fez o seguinte experimento: Ele ordenou que duas crianças, tão logo elas tinham nascido, fossem transportadas para um lugar preparado para elas, onde elas foram levadas, sem qualquer instrução, afinal, e sem nunca ouvir uma voz humana. E o que aconteceu? Aconteceu que quando elas foram, por fim, trazidas para fora do seu confinamento, elas não falaram língua alguma, afinal; apenas articulavam apenas alguns sons estranhos, como aqueles de outros animais. Que essas duas crianças foram, da mesma maneira, trazidas do útero, sem serem instruídas em alguma religião, não havia motivo para dúvida, mas (a menos que a graça de Deus se interpusesse), o evento seria justamente o mesmo. Elas não teriam religião, afinal. Elas não teriam mais conhecimento de Deus do que as bestas do campo; do que o selvagem potro. Tal é a religião natural, abstraída da tradicional, e das influências do Espírito de Deus!
5. E não tendo conhecimento, não podemos ter o amor de Deus: Não podemos amar o que não conhecemos. A maioria dos homens fala, de fato, do Deus amoroso, e, talvez, imaginam que eles conheçam; pelo menos, alguns irão reconhecer que eles não O amam: Mas o fato é muito claro para ser negado. Nenhum homem ama a Deus, através da natureza, mais do que ele o faz a uma pedra, ou à terra que ele pisa. No que nós amamos, nós nos deleitamos: Mas nenhum homem tem naturalmente qualquer deleite em Deus. Em nosso estado natural, não podemos conceber como alguém poderia

deleitar-se Nele. Nós não temos prazer nele, afinal; ele é extremamente insípido para nós. Amar a Deus! Está muito além de nossas vistas. Nós não podemos alcançar isto, naturalmente.

6. Pela natureza humana, tão somente, não temos amor, mas também, medo de Deus. Na verdade, é certo que a maioria dos homens tem, mais cedo ou mais tarde, uma forma de medo irracional e inconsciente, propriamente chamado de superstição; embora os descuidados epicuristas tenham dado a isto o nome de religião. Ainda assim, isto não é natural, mas adquirido; principalmente, através de conversa ou de exemplo. Pela natureza, *'Deus não está em todos os nossos pensamentos'*: Nós o deixamos manejar seus próprios assuntos, sentado-se quietamente, como imaginamos, no céu, e nos deixando na terra, para manejarmos os nossos; de modo que não temos mais temor de Deus, diante de nossos olhos, do que o amor de Deus, em nossos corações.
7. Assim, são todos os homens *'ateus no mundo'*. Mas o próprio ateísmo não nos protege da idolatria. Em seu estado natural, cada homem nascido no mundo é um idólatra completo. Talvez, não deve ser de tal maneira no sentido comum da palavra. Nós não adoramos, como os idólatras ateus, ferro fundido ou imagens esculpidas. Nós não nos curvamos a um tronco de uma árvore; ao trabalho de nossas próprias mãos. Nós não oramos para os anjos ou santos nos céus, não mais do que os santos que estão sobre a Terra. Mas o que acontece, então? Nós temos fixado nossos ídolos em nossos corações; e a estes nós nos curvamos e adoramos. Nós adoramos a nós mesmos, quando concedemos que a honra, que é devida somente a Deus, seja dada a nós. E, embora o orgulho não fosse criado para o homem, ainda assim, onde está o homem que nasceu sem ele? Assim sendo, roubamos de Deus seu inalienável direito e idolatricamente usurpamos sua glória.
8. Mas o orgulho não é apenas uma espécie de idolatria, da qual somos todos culpados pela natureza. Satanás tem estampado sua própria imagem em nosso coração na vontade própria também. *'Eu irei'*, ele disse, antes de ser expulso do paraíso, *'Eu me assentarei aos lados do norte'*; Eu farei minha vontade e prazer; independentemente daquela de meu Criador. *'E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, aos lados do norte'*. (Isaías 14:13) O mesmo cada homem nascido no mundo diz, e isto, em milhares de instâncias; mais ainda, e declara isto também, sem nunca corar diante do relato; sem temer ou envergonhar-se. Pergunte ao homem: *'Por que você faria isto?'*. Ele responderá: *'Porque eu estou inclinado a fazê-lo'*. O que é isto, senão, *'porque é da minha vontade'*; ou seja, em efeito, porque o diabo e eu concordamos; porque Satanás e eu governamos nossas ações, através de um e do mesmo princípio. A vontade de Deus, neste meio tempo, não está em seus pensamentos; ela não é considerada no menor grau: embora seja a regra suprema de toda criatura inteligente; quer no céu, quer na terra, resultante da relação essencial e inalterada que toda criatura testemunhe seu Criador.
9. Desta mesma forma, levamos a imagem do diabo, e trilhamos seus passos, Mas, no próximo passo, deixamos satanás para trás; nós seguimos uma idolatria, em que ele não é o culpado: eu quero dizer o amor do mundo; que é agora tão natural a cada homem, quanto amar a sua vontade própria. O que é mais natural para nós, do que buscar felicidade na criatura, em vez do Criador? – buscar aquela satisfação nas obras de suas mãos, e que pode ser

encontrada apenas em Deus? O que é mais natural, do que o *'desejo da carne'*. Ou seja, do prazer do sentido de todo tipo? Os homens, de fato, falam magnificamente de despirem-se desses prazeres inferiores, particularmente, os homens de aprendizado e educação. Eles simulam se libertarem da gratificação desses apetites, em que eles se situam no mesmo nível que as bestas que perecem. Mas é mero fingimento; porque cada homem é consciente de que, neste aspecto, ele é, pela natureza, a mesma besta. Apetites sexuais, até mesmo aqueles do tipo mais inferior, têm, mais ou menos, um domínio sobre ele. Eles o conduzem cativo; eles o arrastam para um lado e para o outro, a despeito de sua razão ostentada. O homem, com toda sua boa educação, e outros complementos, não tem primazia sobre uma cabra: mais ainda, é para se duvidar, se a besta não tem primazia sobre ele. Certamente, ele tem, se nós podemos ouvir atentamente a algum dos seus oráculos modernos, quem muito decentemente nos diz: *Numa determinada época, as bestas também provam do amor; apenas a besta da razão é sua escrava, e, nesta insensatez, ocupa-se o ano todo.* Uma diferença considerável, de fato, deve-se admitir, existe entre os homens (além daquela forjada pela graça preventiva), surgindo da diferença de constituição e educação. Mas, não obstante isto, quem, que não seja ignorante de si mesmo, pode aqui atirar a primeira pedra no outro? Quem pode suportar o teste da observação de nosso amado Senhor, no sétimo mandamento: *'aquele que olhar para uma mulher, para cobiçá-la, já em seu coração, cometeu adultério'*. De modo que não se sabe do que se admirar mais, se da ignorância, ou da insolência daqueles homens que falam com tal desdém daqueles que são dominados pelos desejos que todo homem tem sentido em seu próprio peito; o desejo de cada prazer do sentido, inocente ou não, sendo natural a todo filho do homem.

10. E assim é *'o desejo dos olhos'*; o desejo dos prazeres da imaginação. Esses surgem tanto dos grandes, quando dos objetos bonitos e incomuns; -- se os dois primeiros não coincidem com o último, visto que, talvez, possa parecer, numa sindicância zelosa, que nem os objetos grandes, nem os bonitos agradam mais do que aqueles que são novos; quando a novidade deles acaba, a maior parte, pelo menos, do prazer que eles proporcionavam termina; e na mesma proporção que eles se tornam familiares, eles se tornam vazios e insípidos. Mas mesmo que experimentemos isto tão freqüentemente, o mesmo desejo irá ainda permanecer. A sede inata continua fixada na alma; mais do que isto: quanto mais temos indulgência, mais ela aumenta, e nos incita a seguir atrás de outro, e outro objeto mesmo assim; embora deixemos cada um com uma esperança fracassada, e uma expectativa iludida.
11. Um terceiro sintoma dessa doença fatal, o amor do mundo, que está tão profundamente enraizado em nossa natureza, é *o orgulho da vida'*; o desejo do reconhecimento, da honra que vem dos homens. Os maiores admiradores da natureza humana admitem que isto seja estritamente natural; tão natural quanto ver, ouvir, ou qualquer outro dos sentidos externos. E será que eles estão envergonhados disto, mesmo os homens letrados; homens refinados e de grande entendimento? Muito longe disto, eles se gloriam neste sentido! Eles aplaudem a si mesmos, por causa do amor deles pelo aplauso! Sim; cristãos eminentes, assim chamados, não têm dificuldade em adotar o dizer do velho ateu vaidoso: *'Não considerar o que os homens pensam sobre nós, é a marca de uma mente enfraquecida e abandonada'*. Assim, ir com calma e equilibrado, através da honra e desonra; através de um relato bom ou ruim, é, para eles, sinal de alguém que não está, na verdade, adequado para viver: *'Fora da terra*

com tal disposição'. Mas alguém imaginaria que esses homens ouviram de Jesus Cristo ou de seus Apóstolos; ou que eles soubessem quem foi que disse: *'Como você pode acreditar em alguém que recebe honra de outro, e não busca a honra que vem de Deus somente?'*. Mas, se isto é realmente assim; se for impossível acreditar, e conseqüentemente agradecer a Deus, por quanto tempo recebemos ou buscamos a honra de uns dos outros, e não a honra que vem de Deus apenas, então, em que condição está a humanidade! Os cristãos, assim como os pagãos; uma vez que todos buscam honra um do outro! Uma vez que seja natural para eles procederem desta forma; sendo eles mesmos os juízes; assim como é natural ver a luz que toca seus olhos, ou ouvir o som que entrar por seus ouvidos; sim, uma vez que eles consideram isto um sinal de uma mente vitoriosa, contentar-se com a honra que vem de Deus apenas!

III.

1. Eu prossigo, esboçando algumas inferências do que foi dito. Primeiro, que disto podemos aprender uma grande e fundamental diferença entre o Cristianismo, considerado como um sistema de doutrinas, e a maioria do refinado Ateísmo. Muitos dos antigos ateus têm descrito largamente a tendência habitual condenável de homens específicos. Eles têm falado muito contra a avareza, crueldade, luxúria, e prodigalidade deles. Alguns se atreveram a dizer que *'nenhum homem nasce sem essa tendência condenável, de uma espécie ou de outra'*. Mas como ainda nenhum deles foram avisados da queda do homem, então, nenhum deles sabe de sua total corrupção. Eles não souberam que todo homem foi esvaziado de todo bem, e preenchido com toda forma de mal. Eles eram totalmente ignorantes da completa depravação de toda natureza humana, de cada homem nascido no mundo, em toda faculdade de sua alma; não tanto devido àquelas tendências específicas, que reinam em pessoas específicas, como por meio da inundação geral de ateísmo e idolatria, do orgulho, da vontade própria, e amor do mundo. Isto, por conseguinte, é o primeiro grande ponto de distinção entre Ateísmo e Cristianismo. Um reconhece que muitos homens estão infectados com muitos vícios, e, até mesmo, nascem com uma propensão a eles; mas supõe, além disto, que em alguns o bem natural contrabalança em muito o mal: O outro declara que todos os homens são concebidos no pecado, *'e moldados na maldade'*, -- que, conseqüentemente, existe em cada homem *'uma mente carnal que é inimiga de Deus; que não é, nem pode ser, objeto de'* sua *'lei'*; e que assim infecta toda a alma; que *'habita'* nele, *'em sua carne'*, em seu estado natural, *'nenhuma coisa boa'*, mas *'cada pensamento de seu coração é mau'*, e tão somente mau; e isto, *'continuamente'*.
2. Conseqüentemente, podemos aprender, em Segundo Lugar, que todo aquele que nega isto; que o chama de pecado original; ou por algum outro título, são ainda considerados ateus, no ponto fundamental que diferencia o Ateísmo do Cristianismo. Eles podem, na verdade, admitir que os homens têm muitos vícios; que alguns desses vícios nasceram conosco; e que, conseqüentemente, não nascemos completamente tão sábios, ou tão virtuosos, como deveria ser; existindo poucos que irão afirmar redondamente: *'Nós nascemos com propensão, tanto para o bem, quanto para o mal; e todo homem, pela natureza, é virtuoso e sábio, tanto quanto Adão foi quando de sua criação'*. Mas aqui está o lema: Será que, pela natureza, o homem está preenchido com toda forma de mal? Ele está vazio de todo bem? Ele está totalmente caído? Sua alma é totalmente corrupta?

Ou, para voltarmos ao texto, *'toda imaginação dos pensamentos de seu coração são tão somente maus, e isto, continuamente?'*. Se admitir isto, você estará longe de ser um cristão. Negar isto, você, ainda assim, será um ateu.

3. Nós podemos aprender isto, em Terceiro Lugar, qual é a natureza própria da religião; da religião de Jesus Cristo. A terapia da alma é o método de Deus para curar uma alma que está assim doente. Por isto, o grande Médico das almas aplica medicamentos para curar esta enfermidade, para restaurar a natureza humana, totalmente corrupta, em todas as suas faculdades. Deus cura todo o nosso Ateísmo, através do conhecimento de Si Mesmo, e de Jesus Cristo, a quem Ele enviou; nos fortalecendo na fé, uma evidência e convicção divina de Deus, e das coisas de Deus, -- em específico, desta importante verdade, *'Cristo me amou – e deu a Si mesmo por mim'*. Pelo arrependimento e mansidão de coração, a doença mortal do orgulho é curada; através da resignação, humildade e submissão agradecida à vontade de Deus, a vontade própria é curada; o amor de Deus sendo o remédio soberano para o amor do mundo, em todas as suas ramificações. Agora, isto é propriamente religião; é a *'fé'*, assim, *'operando através do amor'*; operando a mansidão humilde genuína, a morte completa para o mundo, com o amor, e a aquiescência grata nele, e conformidade para com toda a vontade e Palavra de Deus.
4. De fato, se o homem não tivesse, assim, caído, não haveria necessidade de tudo isto. Não haveria oportunidade para este operar no coração; este renovar no espírito de nossa mente. A superficialidade da religiosidade seria, então, uma mera expressão própria, assim como a *'superficialidade da perversidade'*. Porque uma religião exterior, sem qualquer religiosidade, afinal, seria suficiente para todos os intentos e propósitos racionais. Assim sendo, seria suficiente, no julgamento daqueles que negam esta corrupção de nossa natureza. Eles fazem muito pouco mais da religião, do que o famoso Sr. Hobbes fez da razão. De acordo com ele, a razão é apenas *'uma bem organizada série de palavras'*: De acordo com eles, a religião é apenas uma bem organizada série de palavras e ações. E eles falam consistentemente consigo, mesmos, porque se o interior não for cheio de maldade; se isto já estiver limpo, o que permanece, a não ser *'a limpeza do exterior de uma xícara?'*. A reforma exterior, se a suposição deles for justa, é de fato, alguma coisa necessária.
5. Mas nós não temos aprendido assim dos oráculos de Deus. Nós sabemos que aquele que busca o que está no homem faz um relato diferente, tanto da natureza quanto da graça, de nossa queda e nossa recuperação. Nós sabemos que a grande finalidade da religião é renovar nossos corações na imagem de Deus; reparar aquela perda total de retidão e santidade verdadeira, que nós mantivemos, por conta do pecado de nosso primeiro antepassado. Ainda assim, sabemos que toda religião que não responde a esta finalidade; toda sorte de interrupção disto, da renovação de nossa alma na imagem de Deus, em busca da similitude Dele que a criou, não é outra do que uma pobre farsa, e uma mera zombaria de Deus, para a destruição de nossa própria alma. Oh! Previna-se daqueles professores de mentiras, que impingiria isto sobre você, como Cristianismo! Não os leve em consideração, embora eles venham até você, com toda o engano da iniquidade; com toda lisura da linguagem; toda decência; sim, beleza e elegância de expressão; todas as declarações de boa vontade sincera para com você, e reverência para com as Santas Escrituras. Mantenha o plano da velha fé, *'uma vez,*

entregue aos santos; e entregue pelo Espírito de Deus aos nossos corações. Conheça a sua enfermidade! Conheça a sua cura! Você nasceu no pecado: Por conseguinte, *'você deve nascer de novo'*; nascer de Deus. Pela natureza, você é totalmente corrupto. Pela graça, você está totalmente renovado. Em Adão, todos morremos: No segundo Adão, em Cristo, todos fomos trazidos à vida. *'Você que estava morto nos pecados, Ele tem vivificado'*. Ele já deu a você o princípio da vida; até mesmo a fé Nele, que o amou e deu a Si mesmo por você! Agora, *'vai de fé em fé'*, até que toda a doença será curada; e toda aquela *'mente que esteve em Jesus Cristo, esteja também em você'*.

[Editado por George Lyons da Northwest Nazarene College (Nampa, ID), para a Wesley Center for Applied Theology.]

Lição 9: A Humanidade e o Pecado

Deveres Para Esta Lição

Um trabalho de uma página
Leitura de Sermão
Diário

Objectivos de Aprendizagem

Ao completar esta lição, os participantes deverão poder

- compreender as doutrinas da imagem de Deus
- discutir o conceito da “queda” em Wesley
- explicar a doutrina do pecado como idolatria e como algo relacional em Wesley

Trabalho de Casa

Escreva um trabalho de uma página: Que significa ser salvo?

Faça um sumário dos Pontos Principais do Recurso 8-3 **ou** 9-8. Tenha em mente uma audiência contemporânea/cultural. Ofereça uma ilustração contemporânea/cultural de um desses pontos.

Escreva no seu diário. Esta tarefa é contínua. Inclua as suas reflexões, reações, e análises sobre o material apresentado na aula. Leia uma porção do diário de John Wesley e reflecta no que leu. O diário dele pode ser encontrado no seguinte endereço: <http://wesley.nnu.edu>.

Palavras de Wesley

“[O ser humano] não é meramente matéria, um punhado de terra, uma porção de barro, sem qualquer sentido ou entendimento, mas um espírito tal como o seu Criador, um ser dotado não só de sentimento e conhecimento mas também de um livre arbítrio que se manifesta em vários afectos. E a coroar todo o resto, está o facto de que ele foi dotado de liberdade, da capacidade de dirigir os seus afectos e ações, a capacidade de determinar por si próprio se escolherá o bem ou o mal.

Sermão, “A Queda do Homem,” *Works* 2:400-401

Sobre o pecado original, Wesley escreve, “Se, portanto, retirarmos esta base, que [a humanidade] é por natureza louca e pecaminosa . . . o sistema Cristão desmorona de imediato.”

“A Doutrina do Pecado Original” *Works* 9:194

A Humanidade

Na base do conceito que Wesley tinha da humanidade—também conhecido como a doutrina da antropologia teológica—está a ideia de que os seres humanos são relacionais. Foram criados para se relacionarem. Foram criados pelo amor e para amar.

Mildred Bangs Wynkoop . . . a própria definição da imagem de Deus—*imago Dei*—é esta capacidade de amar.

H. Ray Dunning . . . nós fomos criados para amar a Deus, amar ao próximo, e cultivar um amor adequado por nós mesmos e pelo mundo.

“Isto é, a Imagem natural de Deus na humanidade refere-se àquelas características ou faculdades próprias dos seres humanos, enquanto que a Imagem moral de Deus se refere ao ‘carácter’ de santidade e amor designados por Deus para a humanidade.”

Randy Maddox

Deprivação e Depravação

Um elemento central na compreensão do conceito de Wesley da humanidade e salvação é o facto de que depois da Queda, a imagem permanece. Fica distorcida, mas não obliterada. E portanto para Wesley, a salvação—no sentido lato que inclui também a santificação—é o processo de restauração e renovação da imagem de Deus em nós.

Deprivação—Wesley

Com a queda, ficamos *deprivados* do nosso relacionamento original com Deus, e assim sendo os nossos outros relacionamentos também ficam distorcidos, mas a capacidade de amar e a esperança de renovação permanecem. Além disso, a graça preveniente é oferecida para compensar pelos efeitos da Queda.

Depravação—Calvino

Com a Queda, ficamos totalmente depravados, sem Deus no mundo, e corruptos sem possibilidade de reparo nesta vida.

Estados Humanos

Natural

O estado natural é simplesmente um estado hipotético subsequente à Queda. Trata-se do estado em que Deus criou Adão e Eva.

Legal

O estado legal, para Wesley, refere-se à nossa condição perante Deus anterior à experiência do novo nascimento. Vivemos sob a lei, e se deixarmos que a lei cumpra a sua função, ela nos conduzirá ao ponto de reconhecermos a nossa necessidade de salvação.

Evangélico

O estado evangélico, então, é subsequente ao novo nascimento em Cristo; não estamos sob a lei mas sob a graça. Este novo nascimento dá início ao processo de renovação da imagem de Deus em nós.

Pecado

Embora o termo *orgulho* fosse usado frequentemente por Wesley, nunca foi tratado como paradigma dominante do pecado original.

O mais directo sermão de Wesley sobre este assunto—“O Pecado Original” (1854)—revela esta falta de predominância do termo *orgulho*. Aqui, é a idolatria que é nitidamente tida como a principal definição do pecado original.

Diz Wesley, “Todo o pecado é idolatria.”

Idolatria Espiritual

Sem dúvida é desejo de Deus que nos amemos uns aos outros. É Seu desejo que amemos os nossos parentes e irmãos em Cristo com um amor peculiar; e especialmente aqueles a quem Ele conferiu significado particular nas nossas almas. A esses devemos amar “fervorosamente;” mas sempre com “um coração puro.” Mas não é isso “impossível ao homem,” de manter a força de afecto, sem contudo manchar em nenhuma maneira a alma, mantendo-a com pureza total? Não estou sugerindo apenas pureza em relação à cobiça. Sei que isso é possível. Sei que uma pessoa pode nutrir inefável afecto por uma outra sem qualquer desejo desta natureza. Mas será que isso é isento de idolatria? Será que isso não constitui amar a criatura mais do que o Criador? Não é colocar o homem ou a mulher no lugar de Deus? Entregar-lhes o seu coração? Que isso seja ponderado seriamente, mesmo por aqueles a quem Deus ajuntou; por maridos e mulheres, pais e filhos. Sem dúvida que estes devem amar-se ternamente uns aos outros: têm o dever de fazê-lo. Mas não têm nem a obrigação nem a permissão de se amar uns aos outros de maneira idólatra. E entretanto, quão frequentemente isso acontece! Quão frequentemente não é o marido, a esposa, o filho colocado no lugar de Deus? Quantos não são os que, embora sendo considerados bons Cristãos, colocam o seu afecto num ou no outro, não deixando nenhum lugar para Deus! Procuram a sua felicidade na criatura e não no Criador. Podiam até dizer-se um ao outro, “para mim tu és o meu senhor e o alvo dos meus desejos.” Isto é, “nada mais desejo do que tu! É por ti que eu almejo! Todo o meu desejo é para ti, para a lembrança do teu nome.” Pois bem, se isso não é idolatria, então eu não o que poderia ser.

John Wesley

Pecado Original

A teologia Ocidental afirma que o estado de pecado original, a corrupção da humanidade no seio da qual nós nascemos faz-nos culpáveis perante Deus, mesmo que nós nada tenhamos feito individual e voluntariamente para isso merecer. A *culpa* é herdada, assim como a *corrupção*. Wesley, por outro lado, defende que o pecado original não traz culpa mas sim uma predisposição para o pecado. O que nos torna culpados são os pecados que nós cometemos da nossa própria vontade. Wesley é muito cuidadoso em distinguir “pecado nato” de pecados reais. Daí a definição clássica de pecado citada frequentemente pelos Wesleyanos: “O pecado é a transgressão voluntária de uma conhecida lei de Deus.”

Agostinho e Pelágio

Pelágio

Pelágio defendeu que o ser humano não só *não herdou* culpa de Adão, como também *não herdou* qualquer corrupção. Assim sendo, cada pessoa encara a mesma escolha que encararam Adão e Eva no jardim. No seu ver, nós nascemos com *liberdade natural*.

Agostinho

Agostinho, por outro lado, defendeu uma forte doutrina de pecado original, depravação total, e culpa herdada.

Wesley

A *via media* surge na forma da doutrina Wesleyana da graça preveniente. A graça que Deus estende a todo o ser humano que vem ao mundo confere a esse indivíduo *liberdade graciosa*.

Enquanto que a tendência para o pecado é de facto herdada, a graça é oferecida para que o acto de pecado permaneça como uma escolha pela qual somos responsáveis.

Pequenos Grupos

No seu grupo, trabalhem juntos para encontrar/desenvolver respostas para as seguintes perguntas, baseadas no sermão de Wesley que foi lido como trabalho de casa:

Título do Sermão:

Texto:

Tese:

Pontos Chave:

Relevância para Hoje:

Resposta:

Lição 10: O Caminho da Salvação, Parte 1

Deveres Para Esta Lição

Um ensaio de uma página
Paráfrase de Pontos Chave
Diário

Objectivos de Aprendizagem

Ao completar esta lição, os participantes deverão poder

- distinguir o “caminho” da salvação da “ordem” da salvação
- identificar as várias teorias da Redenção
- compreender os papéis de “despertar,” “fé,” e “arrependimento” na salvação
- compreender a doutrina Wesleyana da segurança
- descrever as sete concomitantes da salvação

Trabalho de Casa

Escreva o seu testemunho de salvação e santificação.

Escolha um dos três sermões de Wesley dos quais parafraseou Pontos Chave. Servindo-se da infomação e das ideias geradas na discussão em pequenos grupos, escreva uma nova introdução ao sermão utilizando linguagem, texto, e apresentação contemporâneos/culturais.

Escreva no seu diário. Esta tarefa é contínua. Inclua as suas reflexões, reações e opiniões sobre o material apresentado na aula. Leia uma porção do diário de John Wesley, e reflecta sobre a leitura. O diário pode ser localizado na página: <http://wesley.nnu.edu>.

Palavras de Wesley

“E, em primeiro lugar, perguntemos, o que é a salvação? A salvação de que se fala aqui não é aquilo que frequentemente se deduz desse termo: a ideia de ir ao céu, de felicidade eterna. Não se trata da partida da alma para o paraíso . . . Não se trata de uma bênção que jaz do outro lado da morte . . . As próprias palavras do texto não deixam margem para dúvida, “Vós sois salvos.” Não se trata de algo que distante. É algo presente, uma bênção de que tendes possessão agora, pela livre misericórdia de Deus. Sim, pode-se afirmar por estas palavras, e com igual justeza, “Vós fostes salvos.” De maneira que a salvação de que se fala aqui pode se estender à inteira obra de Deus, desde o despontar da graça na alma até à sua consumação na glória.”
Sermão, “O Caminho Bíblico da Salvação”

Com respeito ao testemunho do Espírito, Wesley escreve:

“Nenhuma pessoa que creia que as Escrituras são a Palavra de Deus pode duvidar da importância de uma verdade como esta; uma verdade nela revelada não apenas uma vez, não de forma obscura, não incidentalmente; mas repetidas vezes e em termos expressos—solenemente e de forma propositada para denotar um dos privilégios peculiares dos filhos de Deus: ‘O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus’ (Rom. 8:16).”

Sermão, O Testemunho do Espírito, Discurso II

Teorias da Redenção

A Teoria do Resgate

Esta teoria vê a humanidade como sendo captiva de Satanás.

A Teoria da Satisfação

Esta teoria assenta-se na ideia de que o pecado constitui uma afronta à honra de Deus.

A Teoria da Satisfação Penal

Esta teoria é muito semelhante à da satisfação, mas aqui não é a honra de Deus que necessita vindicação, mas antes a justiça de Deus.

A Teoria do *Christus Victor*

Esta teoria . . . afirma simplesmente que Cristo saiu vitorioso sobre o pecado ao tomar como inocente o pecado sobre si.

A Teoria da Recapitulação

Ela centra-se em Jesus Cristo como o Segundo Adão. Esta teoria concentra-se em mais do que a Cruz; ela abrange toda a vida de Cristo, vivida obedientemente para Deus.

A Teoria Governamental

Esta teoria é normalmente associada com o Arminianismo . . . A morte de Cristo permitiu a Deus oferecer perdão a todos quantos se arrependerem, ao mesmo tempo que mantém controlo governamental.

A Teoria da Influência Moral

Do ponto de vista desta *teoria*, a expiação encontra-se na Encarnação e não na Crucificação ou na Ressurreição.

Teorias da redenção primariamente falam daquilo que Cristo fez por nós. Mas a doutrina da soteriologia vai mais além perguntando, "Como é que a expiação de Cristo se aplica a nós?"

É correcto falar de Wesley como possuindo uma *via salutis*. em vez de conceptualizar a vida Cristã como uma série de passos, uma "ordem de salvação," seria melhor conceptualizá-la como um "caminho de salvação," como um processo envolvendo de momento a momento a actividade de Deus assim como a nossa resposta.

Graça Preveniente

A salvação começa com o dom gratuito de graça preveniente que Deus concede, desde o momento em que nascemos. Graça preveniente é a presença e obra do Espírito Santo. É a graça preveniente que nos aproxima ou atrai de Deus, despertando nas nossas almas a necessidade de Deus.

É nesse ponto que somos convencidos da nossa própria pecaminosidade e incapacidade longe de Deus.

Há três outras funções da graça preveniente:

- **Primeiro**, o Espírito Santo está tão activo no mundo que é possível afirmar que “toda a verdade vem de Deus.”
- **Segundo**, a graça preveniente, que é dada a todo o ser humano, proverá graça salvadora em situações onde a plena aceitação de Jesus Cristo não é possível.
- **Terceiro**, a graça preveniente faz-nos responsáveis pelo nosso pecado perante Deus.

Arrependimento-Fé-Segurança

Arrependimento

No esquema de Wesley, o despertamento está íntimamente ligado ao arrependimento. Pode ser visto como um “remorso piedoso”—o sentido de que por causa do nosso pecado nós não estamos em relacionamento correcto com Deus, embora queiramos estar. . . . Arrependimento é o real abandono do pecado e reparo dos nossos caminhos. Um ponto chave para Wesley é que este segundo aspecto do arrependimento só é possível *mediante* a fé.

É só a graça, através da fé, que nos capacita a arrepender neste segundo sentido.

Fé

O pensamento de Wesley evoluiu com o tempo. O seu encontro inicial com os Moravianos alterou a sua noção de salvação.

Somos justificados pela fé somente, *sola fide*. Não nos tornamos justos a fim de nos fazermos dignos da justificação Divina. A justificação é um dom gratuito de Deus, tal como o é a própria fé.

A fé é o relacionamento cooperativo que temos com Deus. Isso é conhecido como *sinergismo*—e não monergismo—e é fundamental para toda teologia Wesleyana.

Segurança

A doutrina Wesleyana da segurança evoluiu com o tempo.

O seu contacto com os Moravianos muito influenciou a compreensão que Wesley tinha da doutrina da segurança, ao ponto de ele chegar a defender que todos os Cristãos podiam perceber a obra do Espírito Santo nas suas vidas.

O Wesley sénior chegou a crer que enquanto que nós devemos esperar a segurança de que fala Romanos, é possível possuir fé salvadora sem ela. É igualmente possível perder a nossa segurança sem contudo perder a salvação.

Concomitantes da Salvação

Justificação

Ser justificado por Deus significa que os nossos pecados são perdoados.

Regeneração

O termo favorito de Wesley para salvação era “Novo Nascimento.” Este conceito implica que somos regenerados, “nascidos de novo,” e feitos novas criaturas em Cristo.

Adopção

Este aspecto da salvação também implica que somos nascidos numa família, numa comunidade de irmãos e irmãs em Cristo.

Redenção

Redenção implica libertação do pecado . . . implica receber um novo propósito.

Reconciliação

Somos reconciliados com Deus. Neste sentido, a alienação e separação de Deus implícita no pecado é derrotada quando entramos num novo relacionamento com Deus.

Santificação Inicial

O momento de salvação dá início ao processo pelo qual somos feitos justos.

Lição 11: O Caminho da Salvação, Parte 2

Deveres Para Esta Lição

Testemunhos
Introdução do Sermão
Diário

Objectivos de Aprendizagem

Ao completar esta lição, os participantes deverão poder

- definir a perfeição Cristã
- definir a santificação—inicial, inteira, e gradual em direcção à glorificação
- identificar declarações alusivas à noção de Wesley da santidade

Trabalho de Casa

Escreva um trabalho de uma página: Tipicamente, como é que dirige (ou participa em) um serviço de Santa Ceia? Quais são os atributos de um “bom” culto de Santa Ceia?

Continue a trabalhar com o sermão de Wesley que você escolheu e cuja introdução está a re-escrever. Servindo-se da informação e das ideias que colheu na discussão de grupo, escreva uma nova conclusão/apelo para o sermão, usando linguagem e apresentação contemporânea/cultural.

Leia o Recurso 11-5, “O Dever da Comunhão Constante.”

Escreva no seu diário. Esta tarefa é contínua. Inclua as suas reflexões, reações, e análises sobre o material apresentado na aula. Leia uma porção do diário de John Wesley e reflecta no que leu. O diário dele pode ser encontrado no seguinte endereço: <http://wesley.nnu.edu>.

Palavras de Wesley

Wesley distingue dois aspectos da salvação: “Isso chama -se santificação, que é em verdade, até certo ponto, o fruto imediato da justificação embora sendo um dom distinto de Deus, um dom de natureza totalmente diferente. Enquanto que a justificação refere-se ao que Deus faz por nós através do seu Filho, a santificação é o que ele opera em nós por intermédio do seu Espírito.”
Sermão, “Justificação pela Fé,”

A interpretação da santificação segundo o Movimento de Santidade realça aqui as palavras de Wesley: “É importante observar que existe uma ligação inseparável entre estes três pontos—procura-a *pela fé*, procura-a *tal como estás*, e procura-a *agora!* Negar um deles é negá-los todos. Aceitar um deles é aceitá-los todos. Será que *tu* crês que somos santificados pela fé? Sê fiel então a este princípio, e busca esta benção assim como estás, nem melhor nem pior; como um pobre pecador que ainda nada tem com que pagar, nada a reivindicar, a não ser, ‘Cristo *morreu.*’ E se a buscares tal como estás, então

espera-a *agora*. Que nada te atrase! Não há razão. Cristo está pronto, e ele é tudo o que precisas. Ele está à tua espera! Está à porta! Que a tua alma implore,

Entra, entra, ó Hóspede celestial!
E nem daqui te retires nunca;
Ceia comigo e permite que o banquete
Seja um amor que dure para sempre.”

Sermão, “O Caminho Bíblico da Salvação”

As Fontes de Wesley

Wesley acreditava na perfeição Cristã por ser bíblica, mas também, em larga medida, por crer que ela estava assente na tradição Cristã.

Wesley estava íntimamente familiarizado com

- Inácio de Antioquia
- O Pastor de Hermas
- Irineu
- Clemente de Alexandria
- Orígenes
- Gregório de Niceia
- Macário
- João Crisóstomo
- Efraím Siro

Wesley aprendeu muito com esses escritores sobre o potencial da graça de Deus de possibilitar e capacitar uma vida santa . . . Duma maneira geral, esses escritores deixaram em Wesley um intenso optimismo sobre a possibilidade da transformação da pessoa através da cooperação entre a graça e a resposta humana.

Num sentido, [a Perfeição Cristã] é a pureza de intenções, a entrega de toda a vida a Deus. É entregar a Deus todo o nosso coração; é ter um só desejo e um só desígnio a governar todos os nossos sentimentos. É consagrar não apenas uma parte, mas todo o nosso coração, corpo e substância a Deus. Num outro sentido, é ter toda a mente de Cristo capacitando-nos a andar como Cristo andou. É a circuncisão do coração de toda a sujeza, toda a poluição tanto interna como externa. É a renovação do coração na inteira imagem de Deus, a plena semelhança dAquele que o criou. E ainda noutro sentido, é amar a Deus com todo o nosso coração, e ao próximo como a nós mesmos.

John Wesley, Uma Explicação Clara da Perfeição Cristã

Definição

No sermão “A Perfeição Cristã,” Wesley procurou definir o que é a perfeição Cristã começando por examinar em primeiro lugar o que ela *não* é. Por mais maturidade que os Cristãos possam alcançar nesta vida, eles não atingem as perfeições absolutas de onisciência, infalibilidade, or onipotência. O seu entendimento continua limitado, os seus julgamentos estão sujeitos a erro, e os seus actos são por vezes limitados por “enfermidades” da presente condição humana.

A perfeição Cristã não implica de forma alguma que o Cristão é isento de sofrer tentação continuamente na sua vida. . . . Os Cristãos nunca se tornam incapazes de pecar, mas que o pecado já não tem que *dominar* o coração do crente.

Em 1761, Wesley escreveu a obra “Sobre a Perfeição,” em que afirmou que a perfeição Cristã é

- ter a mente de Cristo
- a renovação da imagem de Deus em nós
- o amor perfeito
- santidade interior e exterior

A santidade não é uma ausência, mas sim uma presença, a presença do amor.

Como é que ela ocorre?

Quando Wesley usa o termo “santificação” ele está a referir-se à vida Cristã na sua totalidade e à restauração “terapêutica” ou espiritual que se dá ao longo da jornada espiritual.

A santificação inicial—a rectidão oferecida por Cristo começa a ter efeito no novo crente. Aqui Deus inicia o processo de fazer-nos rectos e santos.

O crescimento na graça é a “santificação progressiva” ou “gradual” que ocorre entre o novo nascimento e a “inteira santificação,” *bem como* entre a “inteira santificação” e a “santificação final.”

A inteira santificação—uma experiência mais profunda da graça de Deus . . . Ele sublinha que a obra gradual tem que *preceder bem como seguir* a experiência. . . . Ele também lida com a questão da “instantaneidade” através da sua clássica declaração de que o indivíduo pode estar a morrer por algum tempo, mas que inevitavelmente o momento da morte acaba por ocorrer.

A santificação final—também conhecida como glorificação.

Declarações Sumárias de Maddox

1. Wesley mantém que o amor por Deus e pelo próximo é descritivo e normativo da vida Cristã. O amor não é algo apenas presente, mas sim algo que “reina” no coração do crente maduro.
2. Wesley chegou a identificar a inteira santificação com um certo nível de maturidade Cristã e foi cauteloso em reivindicá-la ainda muito cedo na peregrinação Cristã, mas também exortou aos fiéis a procurar a experiência “agora.”
3. A santidade, ou amor perfeito, é uma obra da graça que é tanto progressiva como instantânea.
4. A santidade, ou amor perfeito, é sinérgica; é vivida num relacionamento dinâmico com Deus, o qual concede a graça que necessitamos para ser santos.
5. Wesley chegou a suspeitar de termos como a “destruição” do pecado, que implicavam a impossibilidade do regresso do pecado; mas Wesley permaneceu altamente otimista de que o amor derramado no nosso coração através da fé pode “excluir” o pecado. Ele aborreceu-se da disputa sobre a possibilidade da perfeição Cristã ser impecável. A tônica dele estava no amor, não na impecabilidade como o alvo da maturidade Cristã.
6. Uma das maiores, senão a maior das contenções de Wesley era que a vida Cristã não tinha que continuar a ser uma vida de luta contínua. Para ele, negar este tipo de transformação vitoriosa era negar a suficiência da graça capacitadora de Deus—era fazer do poder do pecado maior do que o poder da graça.

JOHN WESLEY

SERMÃO CENTO E UM

O DEVER DA COMUNHÃO CONSTANTE

(Tradução de Izilda Peixoto Bella,
http://www.imdelrei.com.br/include/sermoes/?cd_secoes=26)

O discurso seguinte foi escrito, por volta de cinqüenta e cinco anos atrás, para o uso de meus alunos em Oxford. Eu acrescentei muito pouco, mas abreviei muito; já que eu usava mais palavras do que uso agora. Mas, eu agradeço a Deus, que eu ainda não tenha visto motivo para alterar meus sentimentos em algum ponto que nele está entregue. 1788 J.Wesley

“Façam isto em memória de mim”. (Lucas 22:19)

Não é de se surpreender que homens que não temam a Deus nunca pensem em fazer isto. Mas é estranho que isto possa ser negligenciado por aqueles que temem a Deus, e desejam salvar suas almas; E ainda assim, nada é mais comum. Uma razão, porque muitos negligenciam, é que eles estão muito temerosos de *“comerem e beberem desmerecidamente”*, de tal maneira, que nunca pensaram, quão maior é o perigo, quando eles não comem e bebem, afinal. Para que eu possa fazer o que posso para trazer esses bem-intencionados homens a uma maneira mais justa de pensar, eu devo:

I. Mostrar que é o dever de todo cristão receber a Ceia do Senhor, tão freqüentemente quanto ele puder;

II. Responder a algumas objeções.

I. Eu vou mostrar que é o dever de todo cristão receber a Ceia do Senhor, tão freqüentemente quanto ele puder.

1. A primeira razão, porque é dever de todo cristão assim fazer, é porque se trata de um claro mandamento de Cristo. Que este é seu mandamento, aparece das palavras do texto: *“Façam isto, em memória de mim”*. Pelo que, como os Apóstolos foram obrigados a abençoar, partir e dar o pão a todos que se reuniam com eles nas coisas santas; então, todos os cristãos foram obrigados a receber aqueles sinais do corpo e sangue de Cristo. Aqui, portanto, o pão e vinho são ordenados que sejam recebidos em lembrança da sua morte, até o fim do mundo. Observem também, que este mandamento foi dado por nosso Senhor, quando ele estava colocando sua vida por nossas causas. Estas são, portanto, por assim dizer, suas últimas palavras a todos os seus seguidores.
2. A segunda razão, porque todo cristão deveria fazer isto, tão freqüentemente quanto ele puder, deve-se aos benefícios que são grandes a todos que fazem isto, na obediência a ele; ou seja, o perdão de nossos pecados passados, e o presente fortalecimento e renovação de nossas almas. Neste mundo, nós nunca estamos livres das tentações. Qualquer que seja o caminho que estejamos, qualquer que seja nossa condição, se estamos doentes ou bem de saúde, em preocupação, ou tranquilos, os inimigos de nossas almas estão vigiando, para nos conduzirem ao pecado. E tão freqüentemente, eles prevalecem sobre nós. Agora,

quando nós estamos convencidos de ter pecado contra Deus, que caminho mais certo para procurarmos o perdão dele, do que aquele de *“anunciar a morte do Senhor”*; e implorar a ele, em nome dos sofrimentos de seu Filho, para apagar todos os nossos pecados?

3. A graça de Deus dada nela nos confirma no perdão de nossos pecados, por nos capacitar a abandoná-los. Já que nossos corpos são fortalecidos, através do pão e vinho, assim são nossas almas, através desses símbolos do corpo e sangue de Cristo. Este é o alimento de nossas almas: isto nos dá força, para executarmos nossa obrigação, e nos conduz para a perfeição. Se, portanto, temos algum respeito pelo mandamento claro de Cristo; se nós desejamos o perdão de nossos pecados; se nós desejamos força para acreditar, amar e obedecer a Deus, então, não devemos negligenciar a oportunidade de recebermos a Ceia do Senhor; então, nunca deveremos voltar nossas costas ao banquete que nosso Senhor tem preparado para nós. Não devemos negligenciar a oportunidade que a boa providência de Deus nos proporciona, para este propósito. Esta é a regra verdadeira: Recebermos tão freqüentemente, quanto Deus nos dá oportunidade. Quem quer, portanto, que não receba, mas sai da mesa, quando todas as coisas estão preparadas, tanto não entende sua obrigação, quanto não se preocupa com o último mandamento de seu Senhor, o perdão de seus pecados, o fortalecimento de sua alma, e a renovação nela, com a esperança da glória.
 4. Que cada um, portanto, que tem tanto algum desejo de agradar a Deus, quanto algum amor a sua própria alma, obedeça a Deus, e tome em consideração o bem de sua própria alma, comungando todo tempo que puder; como os primeiros cristãos, com os quais o sacrifício cristão era uma parte constante da cerimônia diária do Senhor. E por diversos séculos, eles receberam isto quase todos os dias: Quatro vezes por semana, sempre, além de todo dia santo. Assim sendo, aqueles que se reuniam nas orações do fiel, nunca falharam em participarem do sacramento abençoado. Que opinião eles tinham de alguém que virava as costas a ela, nós podemos aprender daquele cânone antigo: *“Se algum crente se juntar em orações do fiel, e ir embora, sem receber a Ceia do Senhor, que ele seja excomungado, uma vez que traz confusão para dentro da Igreja de Deus”*.
 5. Com o objetivo de entender a natureza da Ceia do Senhor seria proveitoso, cuidadosamente ler sobre aquelas passagens no Evangelho, e na primeira Epístola aos Coríntios [I Cor. 11], que fala da instituição dela. De onde aprendemos que o objetivo deste sacramento é a lembrança contínua da morte de Cristo, comendo o pão e bebendo o vinho, que são os símbolos exteriores da graça interior, o corpo e sangue de Cristo.
 6. É altamente expediente para aqueles que se propõem a recebê-la, quando quer que o tempo permita, prepararem-se para esta ordenança solene, através de auto-exame e oração. Mas isto não é absolutamente necessário. E, quando não temos tempo para isto, vejamos que tenhamos a preparação habitual, absolutamente necessária, e que nunca deverá ser dispensada, por qualquer razão ou ocasião que seja. Isto é, Em Primeiro Lugar, um propósito completo do coração, manter todos os mandamentos de Deus; e, Em Segundo Lugar, um desejo sincero de receber todas as suas promessas.
- II. Em Segundo Lugar, eu vou responder às objeções comuns contra receber constantemente a Ceia do Senhor.

1. Eu digo receber constantemente; porque, quanto à frase de comunhão freqüente, é absurda ao último grau. Se ela significa alguma coisa menos do que constante, ela significa mais do que pode ser provado ser a obrigação de qualquer homem. Porque, se nós não somos obrigados a comungar constantemente, por qual argumento pode ser provado que nós somos obrigados a comungar freqüentemente? Sim, mais do que uma vez por ano, ou uma vez em sete anos, ou uma vez, antes que morramos? Todo argumento trazido para isto, ou prova que nós devemos fazer isto constantemente, ou prova nada afinal. Portanto, que esta maneira vaga, sem sentido, de falar, seja colocada de lado, por todos os homens de entendimento.
2. Com o objetivo de provar que é nossa obrigação comungar constantemente, nós podemos observar que a comunhão santa deve ser considerada tanto (1) como um mandamento de Deus, quanto (2) como misericórdia para com o homem. Como um mandamento de Deus, nosso Mediador e Governador, de quem recebemos nossa vida e todas as coisas, de cuja vontade depende se devemos ser perfeitamente felizes ou perfeitamente miseráveis, deste momento, até a eternidade, nos declara que todos que obedecerem aos seus mandamentos serão eternamente felizes; todos que não obedecerem, serão eternamente miseráveis. Agora, um desses mandamentos é: *"Façam isto em memória de mim"*. Eu pergunto, então, porquê vocês não fazem isto, quando vocês podem fazê-lo? Quando vocês têm a oportunidade diante de vocês, por que vocês não obedecem ao mandamento de Deus?
3. Talvez, você irá dizer: *"Deus não me ordenou a fazer isto tão freqüentemente quanto eu puder"*. Ou seja, as palavras, *"tão freqüentemente quanto eu puder"*, não foram acrescentadas neste lugar específico. O que, então? Nós não devemos obedecer a todo mandamento de Deus, tão freqüentemente quanto pudermos? Todas as promessas de Deus não são feitas para esses, e aqueles apenas, que *"prestam toda diligência"*; ou seja, para aqueles que fazem tudo que eles podem para obedecer aos seus mandamentos? Nosso poder é a única regra de nossa obrigação. O que quer que possamos fazer, que façamos. Com respeito a este ou qualquer outro mandamento, aquele que, quando ele puder obedecer, não o fizer, não terá lugar no reino dos céus.
4. E esta grande verdade, de que nós somos obrigados a manter todo mandamento, tanto quanto pudermos, está claramente provada do absurdo da opinião contrária; porque fôssemos admitir que não somos obrigados a obedecer a todo mandamento de Deus, tão freqüentemente, quanto pudermos, não temos argumento restante para provar que algum homem está constrangido a obedecer a qualquer mandamento, a qualquer tempo, que quiser. Por exemplo: Eu poderia perguntar a um homem, porquê ele não obedece algum dos mais claros mandamentos de Deus? Porquê, por exemplo, ele não ajuda seus pais, ele responderia: *"Eu não farei isto agora, mas farei em outro momento"*. Quando aquele momento chega, ao lembrá-lo do mandamento de Deus novamente; ele irá dizer: *"Eu obedecerei, em um momento ou outro"*. Nem é possível, sempre provar que ele deverá fazer isto agora, exceto, provando que ele deverá fazer isto, tão freqüentemente quanto ele puder; e, portanto, ele deverá fazer isto agora, porque ele pode fazer, se quiser.
5. Considerar a Ceia do Senhor, (2), como uma misericórdia de Deus ao homem. Uma vez que Deus, cuja misericórdia é sobre todas as suas obras, e, especificamente sobre os filhos dos homens, sabia que haveria um caminho para

o homem ser feliz como ele mesmo; ou seja, ser como ele na santidade; uma vez que ele sabia que não teríamos coisa alguma, em direção a isto, de nós mesmos, ele nos deu certos meios de obter sua ajuda. Um desses é a Ceia do Senhor, que, de sua infinita misericórdia, ele deu para este mesmo propósito: que, através desse meio nós podemos ser assistido a obter aquelas bênçãos que ele preparou para nós; que podemos obter santidade na terra, e glória eterna no céu. Eu pergunto, então, por que vocês não aceitam de sua misericórdia, tão freqüentemente quanto puderem? Deus agora oferece a vocês sua bênção: -- porquê vocês a recusam? Vocês têm agora uma oportunidade de receberem sua misericórdia; -- porquê vocês não a recebem? Vocês estão fracos: -- porquê vocês não agarram cada oportunidade de aumentarem a força de vocês? Em uma palavra: Considerando este como um mandamento de Deus, aquele que não comunga tão freqüentemente quanto pode, não tem devoção; considerando isto como uma misericórdia, aquele que não comunga, tão freqüentemente quanto pode, não tem sabedoria.

6. Essas duas considerações irão produzir uma resposta completa a todas as objeções comuns que têm sido feitas contra a comunhão constante; de fato, a todas que alguma vez foram ou puderem ser feitas. Na verdade, nada pode ser objetado contra ela, a não ser na suposição de que, neste momento específico, tanto a comunhão não seja misericórdia, ou eu não sou ordenado a recebê-la. Não. Nós poderíamos admitir que não seja misericórdia, isto é, não suficiente; mas a outra razão ainda se manteria: quer ela faça algum bem ou não, você tem de obedecer ao mandamento de Deus.
7. De qualquer modo, vamos ver as desculpas específicas que os homens comumente dão para não obedecerem a isto. A mais comum é: *"Eu não mereço; e 'aquele que come e bebe, sem merecer, come e bebe condenação para si mesmo'.* Portanto, eu não me atrevo a comungar, a fim de que eu não coma e beba a minha própria condenação". O caso é este: Deus oferece a vocês uma das maiores misericórdias deste lado do céu, e ordena a vocês que aceitem. Por que vocês não aceitam esta misericórdia, em obediência ao comando dele? Vocês dizem: *"Eu não sou merecedor de recebê-la"*. E daí? Vocês não são merecedores de receber qualquer que seja a misericórdia de Deus. Mas esta é uma razão para recusarem todas as misericórdias? Deus oferece a vocês perdão para todos os seus pecados. Vocês não são merecedores disto, é certo, e ele sabe disto; mas, desde que ele se agrada de oferecer isto, não obstante, vocês não o aceitarão? Ele oferece livramento de suas almas da morte: Vocês não merecem viver; mas vocês irão, portanto, recusarem a vida? Ele oferece dotar suas almas com novas forças; porque vocês não são merecedores disto, vocês negarão tomar posse delas? O que pode Deus fazer mais por nós, se nós recusamos sua misericórdia porque não somos merecedores dela?
8. Mas suponham que isto não fosse misericórdia para nós (supor o que, de fato, o que é desmentir a Deus, que não é bom para o homem, o que ele propositadamente ordenou para seu bem); ainda assim, eu pergunto: por que vocês não obedecem ao mandamento de Deus? Ele diz: *"Façam isto"*. Por que não? Vocês respondem: *"Eu não sou merecedor de fazer isto"*. O que? Não são merecedores de obedecer a Deus? Não são merecedores de fazer o que Deus ordena que vocês façam? Não são merecedores de obedecer ao mandamento de Deus? O que vocês querem dizer com isto? Que aqueles que não são merecedores de obedecer a Deus, não deveriam obedecer a ele? Quem lhes disse isto? Mesmo que ele seja *"um anjo do céu, que ele seja amaldiçoado"*. Se vocês

pensam que o próprio Deus fala a vocês desta forma, através de Paulo, vamos ouvir suas palavras. Elas são estas: *“aquele que come e bebe sem merecer, come e bebe condenação para si mesmo”*. Porque, esta é uma coisa completamente outra. Aqui não existe a palavra dita de não ser merecedor de comer e beber. De fato, ele fala de comer e beber desmerecidamente; mas isto é uma coisa completamente diferente: de maneira, que ele mesmo nos diz, neste mesmo capítulo que, por comer e beber desmerecidamente significa, tomar o sacramento de uma maneira tão rude e desordenadamente, como se um estivesse *“faminto e o outro bêbado”*. Mas o que é isto para vocês? Existe algum perigo de vocês fazerem desta forma; -- de comerem e beberem assim, sem merecer? De qualquer modo, desmerecedores que vocês sejam de comungar, não existe temor de sua comunhão assim. Portanto, qualquer que seja a punição, por fazer isto desmerecidamente, não diz respeito à vocês. Vocês não têm motivo, do texto, para desobedecerem a Deus, do que se não houvesse tal texto na Bíblia. Se vocês falam de *“comerem e beberem desmerecidamente”*, no sentido que Paulo usa as palavras, vocês podem, da mesma forma, dizer: *“Eu não me atrevo a comungar, por temor que a Igreja possa cair”*, uma vez que, *“por temor, eu poderia comer e beber desmerecidamente”*.

9. Se, então, vocês temem trazer condenação sobre si mesmos, por isto, vocês temem onde o pecado não existe. Temam isto, não por comerem e beberem, sem serem merecedores; porque isto, no sentido de Paulo, vocês não podem fazer. Mas eu direi a vocês, pelo que vocês deverão temer condenação: -- por não comerem e beberem, afinal; por não obedecerem ao seu Mestre e Redentor; por desobedecerem ao seu claro mandamento; por assim desprezarem tanto sua misericórdia, quanto sua autoridade. Temam vocês isto; porque ouçam o que o Apóstolo dele diz: *“Quem quer que mantenha toda a lei, e, ainda assim, ofende em um ponto, é culpado de toda ela”*. (Tiago 2:10).
10. Nós constamos, então, quão fraca é a objeção: *“Eu não me atrevo a receber, [a Ceia do Senhor] porque eu não sou merecedor”*. Nem isto é algo estranho, embora o motivo, porque vocês não se consideram merecedores, seja o de que vocês têm ultimamente caído em pecado. É verdade, nossa Igreja proíbe aqueles *“que cometeram algum crime grave”* de receber, sem arrependimento. Mas tudo que se segue disto, é que nós devemos nos arrepender, antes de irmos; não que devamos negligenciar a vir, afinal. Afirmar, portanto, que *“um homem pode voltar suas costas sobre o altar, porque ele tem caído ultimamente no pecado, que ele pode impor esta penitência sobre si mesmo”*, é falar, sem qualquer garantia das Escrituras. Porque, onde a Bíblia ensina expiar, por quebrar algum mandamento de Deus, quebrando outro? Que conselho é este: -- *“Cometa um novo ato de desobediência, e Deus mais facilmente perdoará o passado?”*.
11. Outros existem que, para desculparem a desobediência deles, reivindicam que eles não são merecedores, em outro sentido, o de que eles *“não podem corresponder à altura dela; que eles não podem pretender levar uma vida tão santa, como comungarem constantemente os obrigaria a levar”*. Para colocar isto em palavras claras, eu pergunto: Por que vocês não aceitam a misericórdia que Deus os ordena a aceitarem? Vocês respondem: *“Porque eu não posso corresponder à altura da profissão que eu devo fazer, quando eu recebê-la”*. Então, fica claro que vocês nunca poderão recebê-la, afinal. Porque não é mais lícito prometer, uma vez, o que vocês sabem que não poderão executar, do que prometer milhares de vezes. Vocês sabem, também, que se trata de uma e da mesma promessa, quer vocês a façam todo o ano, ou todo o dia. Vocês

prometem fazer tanto quanto, se vocês prometessem sempre tão freqüentemente, ou sempre tão raramente. Se, portanto, vocês não podem corresponder à altura da profissão daqueles que comungam, uma vez por semana, nem poderão corresponder à altura dos que comungam, uma vez por ano. Mas vocês não podem, de fato? Então, seria melhor para vocês, que vocês nunca tivessem nascido. Porque tudo que vocês professam na mesa do Senhor, vocês devem tanto professar quanto manter, ou vocês não poderão ser salvos. Porque vocês professam nada lá, a não ser isto: -- que vocês diligentemente manterão os mandamentos dele. E vocês não podem corresponder à altura desta profissão? Então, vocês não poderiam ter nascido.

12. Pensem, então, no que vocês dizem, antes de afirmarem que não podem corresponder à altura do que é requerido dos comunicantes constantes. Isto não é mais do que é requerido de qualquer comunicante; sim, de todos que têm uma alma a ser salva. De tal maneira, que dizer que vocês não podem corresponder à altura disto, nem é melhor, nem pior do que renunciar ao Cristianismo. É, em efeito, renunciarem ao seu batismo, no qual vocês solenemente prometeram manter todos os mandamentos dele. Vocês agora fogem daquela profissão. Vocês propositadamente quebram seus mandamentos, e, para desculparem-se, dizem que vocês não podem mantê-los: Então, vocês não podem esperar receber as promessas que são feitas apenas para aqueles que os mantêm.
13. O que tem sido disto deste pretexto contra a constante comunhão, é aplicável àqueles que dizem a mesma coisa em outras palavras: *"Nós não nos atrevemos a ela, porque ela requer uma obediência tão perfeita, mais tarde, que não podemos prometer executar"*. Não; ela requer, nem obediência mais, nem menos, do que a que vocês prometeram em seu batismo. Vocês, então, empreenderam manter os mandamentos de Deus, através de sua ajuda: e prometem nada mais, quando comungam.
14. Uma Segunda objeção que é freqüentemente feita contra a comunhão constante, é o ter tanta ocupação, de maneira a não permitir tempo para tal preparação, como é necessária a ela. Eu respondo: Toda a preparação que é absolutamente necessária está contida nestas palavras: *"Arrependam-se verdadeiramente de seus pecados passados; tenham fé em Cristo, nosso Senhor"*; (e observem, esta palavra não está aqui tomada em seu sentido mais sublime) *"emendem suas vidas, e sejam misericordiosos com todos os homens; assim, vocês tomarão parte desses mistérios santos"*. Todos que estão assim preparados, podem aproximar-se, sem temor, e receber o sacramento para o conforto deles. Agora, que ocupação pode impedir vocês de estarem assim preparados? – De arrependerem-se de seus pecados passados; de crerem que Cristo morreu para salvar pecadores; de emendarem suas vidas; e serem misericordiosos para com todos os homens? Nenhuma ocupação pode impedi-los disto, exceto, se for tal de maneira a impedi-los de estarem em um estado de salvação. Se vocês decidirem e objetivarem seguir Cristo, vocês estão adequados para aproximarem-se da mesa do Senhor. Se vocês não objetivam isto, vocês estão apenas adequados para a mesa e companhia de demônios.
15. Nenhuma ocupação, portanto, pode impedir homem algum de ter esta preparação, que sozinha é necessária, a menos que seja tal, de maneira a tanto desprepará-lo para o céu, quanto a colocá-lo fora de um estado de salvação. De fato, todo homem prudente examinará a si mesmo, quando tiver tempo, antes de receber a Ceia do Senhor, se ele se arrepende verdadeiramente de seus pecados

anteriores; se ele crê nas promessas de Deus; se ele objetiva verdadeiramente caminhar em Seus caminhos, e ter misericórdia para com todos os homens Nisto, e na oração privada, ele, sem dúvida, gastará todo o tempo que ele convenientemente puder. Mas o que é isto, para vocês que não têm tempo? Que desculpa é esta, para não obedecer a Deus? Ele ordena a vocês para virem, e prepararem-se, através da oração, se vocês tiverem tempo; se não, de qualquer modo, venham. Não façam da reverência ao mandamento de Deus, um pretexto para quebrá-lo. Não se rebelem contra ele, por temor de ofendê-lo. O que quer que vocês façam, ou deixem de fazer além, estejam certos de fazerem o que Deus ordena a vocês. Examinar a si mesmo, e usar da oração pessoal, especialmente antes da Ceia do Senhor, é bom: Mas, observem! *"Obedecer é melhor do que"*, auto-examinar-se; *"e ouvir atentamente"*, do que a oração de um anjo.

16. A Terceira objeção, contra a comunhão constante, é que ela diminui nossa reverência pelo sacramento. Suponham que diminua. E daí? Vocês concluirão disto que vocês não devem recebê-la constantemente? Isto não se segue. Deus ordena a vocês: *"Façam isto"*. Vocês podem fazer isto agora, mas não farão, e desculpam-se: *"Se eu fizer freqüentemente, isto diminuirá a reverência, com a qual faço agora"*. Suponham que diminua; Deus alguma vez disse a vocês que, quando o obedecer ao seu mandamento diminuir sua reverência a ele, então, você pode desobedecê-lo? Se ele o fez, vocês estão sem culpa; se não, o que vocês dizem nada tem a ver com o propósito. A lei é clara. Ou mostra que o legislador faz esta exceção, ou vocês são culpados perante ele.
17. A reverência pelo sacramento pode ser de duas espécies: Tanto tal como é devida puramente à novidade da coisa, tal como os homens naturalmente têm por alguma coisa que eles não estão acostumados; quanto tal como é devida à nossa fé, ou ao amor e temor a Deus. Agora, a primeira dessas não é propriamente reverência religiosa, mas puramente natural. E esta espécie de reverência pela Ceia do Senhor, o receber constantemente dela deve diminuir. Mas ela não diminuirá a reverência religiosa verdadeira, mas, antes a confirmará e a aumentará.
18. Uma Quarta objeção é, *"eu comunguei constantemente, tanto tempo, mas não encontrei o benefício que eu esperava"*. Isto tem sido o motivo para muitas pessoas bem intencionadas, e, portanto, merece ser especificamente considerado. E considere isto: Em Primeiro Lugar, o que quer que Deus nos ordene fazer, nós deveremos fazer, porque ele ordena, quer sintamos algum benefício, por meio disto, ou não. Agora, Deus ordena: *"Faça isto em memória de mim"*. Isto, portanto, nós deveremos fazer, porque ele ordena, quer encontremos algum benefício presente por meio disto, ou não. Mas, indubitavelmente, nós encontraremos, mais cedo ou mais tarde, embora, talvez, inconscientemente. Nós podemos ser inconscientemente fortalecidos, feitos mais adequados, para o serviço de Deus, e mais constantes nele. Pelo menos, nós manteremos de cair de volta, e preservados de muitos pecados e tentações: E certamente, isto seria suficiente para que recebêssemos este alimento, tão freqüentemente quanto pudermos; embora não presentemente sintamos os efeitos felizes dele, como alguns têm feito, e nós mesmos possamos, quando Deus achar melhor.
19. Mas suponham que um homem tem freqüentemente participado do sacramento, e ainda assim, não recebeu benefício: Não foi sua própria falta? Ou ele não estava corretamente preparado, disposto a obedecer todos os mandamentos e

receber todas as promessas de Deus, ou ele não recebeu isto corretamente, confiando em Deus. Apenas vejam que vocês estejam devidamente preparados para ele, e quanto mais vocês vêm à mesa do Senhor, maior o benefício que encontrarão lá.

20. Uma Quinta objeção que alguns fizeram contra a comunhão constante é que *“a Igreja a desfruta apenas três vezes ao ano”*. As palavras da Igreja são: *“Observem que cada paroquiano deverá comungar, pelo menos, três vezes no ano”*. Para isto, eu respondo: Em Primeiro Lugar, qual o problema se a Igreja não desfrutou dela, afinal? Não é suficiente que Deus a desfrute? Nós obedecemos a Igreja, apenas por causa de Deus. E não devemos obedecer ao próprio Deus? Se, então, vocês recebem três vezes por ano, porque a Igreja ordena isto, recebam todas as vezes que vocês puderem, porque Deus ordena. Ou o seu fazerem uma coisa estará tão longe de desculpá-los de não fazerem a outra, que sua própria prática provará sua tolice e pecado, e deixará vocês sem desculpas. Mas, Em Segundo Lugar, nós não podemos concluir dessas palavras, que a Igreja desculpa aquele que recebe apenas três vezes por ano. O claro sentido delas é que aquele que não a recebe três vezes pelo menos, deverá ser expulso da Igreja: Mas eles, de modo algum, desculpam aquele que não comunga mais freqüentemente. Isto nunca foi o julgamento de nossa Igreja: Pelo contrário, ela toma todo cuidado possível para que o sacramento seja devidamente administrado, quando quer que a Oração Comum seja lida, todo domingo e feriado no ano. A Igreja dá uma direção específica, com respeito àqueles que estão nas Ordens Santas: *“Em todas as Catedrais e Colégios, onde existem muitos Sacerdotes e Diáconos, eles deverão receber a comunhão com o Sacerdote, todo domingo, pelo menos”*.
21. Foi mostrado, Em Primeiro Lugar, que se nós consideramos a Ceia do Senhor, como um mandamento de Cristo, homem algum, que não a receba (nem uma vez por mês, pelo menos) tão freqüentemente quando ele puder, pode ter alguma aspiração à devoção cristã. Em Segundo Lugar, que se nós consideramos a instituição dela, como uma misericórdia a nós mesmos, homem algum que não a receba, tão freqüentemente quanto ele puder, tem alguma aspiração à prudência cristã. Em Terceiro Lugar, que nenhuma das objeções usualmente feitas, pode ser alguma desculpa para o homem que, em toda a oportunidade, não obedece a este mandamento e aceita esta misericórdia.
22. Foi mostrado, especificamente, Em Primeiro Lugar, que não ser merecedor não é desculpa; porque, embora em um sentido sejamos todos indignos, ainda assim, nenhum de nós precisa ficar temeroso de não ser merecedor, no sentido em que Paulo fala, de *“comer e beber desmerecidamente”*. Em Segundo Lugar, que o não ter tempo para a preparação não pode ser desculpa; uma vez que a única preparação que é absolutamente necessária, é aquela que nenhuma ocupação pode impedir, nem, de fato, alguma coisa sobre a terra, exceto até onde ela impeça o nosso estar em um estado de salvação. Em Terceiro Lugar, que o diminuir nossa reverência não é desculpa; uma vez que ele que nos deu o comando, *“faça isto”*, em nenhuma parte acrescenta, *“exceto, se diminuir a reverência de vocês”*. Em Quarto Lugar, que nosso não proveito disto, não é desculpa; uma vez que é nossa própria falta, em negligenciar aquela preparação necessária que está em nosso próprio poder. Por fim, que o julgamento de nossa própria Igreja é completamente a favor da comunhão constante. Se aqueles que têm até aqui negligenciado a ela, em qualquer um desses pretextos, colocarem essas coisas no coração, eles virão, pela graça de Deus, para uma mente melhor, e nunca renunciarão às suas próprias misericórdias.

[Editado por Jason Coyle, estudante da Northwest Nazarene College (Nampa, ID),
com correções de George Lyons para a Wesley Center for Applied Theology.]

tradução: izilda bella

Lição 12: Os Meios da Graça e os Sacramentos

Deveres Para Esta Lição

Um ensaio de uma página
Encerramento do Sermão
Leitura de Sermão
Diário

Objectivos de Aprendizagem

Ao completar esta lição, os participantes deverão poder

- discutir e identificar os meios da graça
- articular o conceito Wesleyano do baptismo infantil e adulto
- explorar o significado da Santa Ceia em contraste com outras posições

Trabalho de Casa

Escreva um trabalho de uma a duas páginas: qual é a sua crença em relação ao fim do mundo?

Continue a trabalhar com o sermão de Wesley cuja introdução e conclusão você escolheu escrever de novo. Servindo-se da informação vinda do seu grupo de trabalho, escreva de novo o corpo—pontos chave—do sermão usando linguagem, ilustrações e apresentação culturais.

Escreva no seu diário. Esta tarefa é contínua. Inclua as suas reflexões, reações e opiniões sobre o material apresentado na aula. Leia uma porção do diário de John Wesley, e reflecta sobre a leitura. O diário pode ser localizado na página: <http://wesley.nnu.edu>.

Palavras de Wesley

“Para mim, os ‘meios da graça’ são os sinais externos, palavras, ou ações, ordenadas por Deus, para servirem de canais através dos quais Ele pode estender às pessoas graça preveniente, justificadora e santificadora . . . Todos quantos desejam a graça de Deus devem esperar por ela através dos meios que ele tem provido.”

Works, Jackson Edition, vol 5:189

“Se, portanto, temos qualquer atenção para o mandamento directo de Cristo, se desejamos o perdão dos nossos pecados, se desejamos força para crer, amar e obedecer a Deus, então não devemos desperdiçar qualquer oportunidade de receber a Ceia do Senhor.”

Sermão, “O Dever da Comunhão Constante”

Os Meios da Graça Segundo Wesley

Os meios **gerais** da graça

- Guardar os mandamentos
- Negar-nos a nós mesmos
- Tomar a nossa cruz
- Cultivar a presença de Deus

Os meios **instituídos ou particulares** da graça

- A Oração
- A Leitura da Bíblia
- A Ceia do Senhor
- O jejum
- A "Conferência Cristã"

Os meios **prudentes** da graça

- Reuniões de classe (pequenos grupos)
- Reuniões de oração
- Cultos de testemunho e de vigília
- Celebrações de amor (um tipo de culto de testemunho)
- Visitação aos doentes
- Fazer todo o bem possível
- Leitura de devocionais clássicos

Batismo

Batismo Infantil

Quando batizamos crianças, estamos reconhecendo ao mesmo tempo várias características importantes de Deus.

- Em primeiro lugar, proclamamos juntos a nossa crença na realidade da graça proveniente de Deus.
- Aos apresentarmos uma criança para o batismo . . . reconhecemos que o próprio Deus se compromete com a criança profunda e duradouramente—para além do que podemos pedir ou imaginar.
- Cremos que o batismo, como sinal da nova aliança, é o sinal das promessas de Deus mesmo para a criança.

Batismo do Crente

- Levar a marca de Cristo
- Morrer a morte de Cristo
- Viver a vida de Cristo
- Receber o Espírito de Cristo
- Tornar-se parte do Corpo de Cristo

Santa Ceia

As interpretações clássicas da Santa Ceia.

Transubstanciação

Consustanciação

Presença Espiritual

Memorial

A maior parte dos entendidos concorda que a posição de Wesley é intermédia, entre o conceito de presença espiritual e a posição memorialista.

Wesley escreve:

A ceia do Senhor foi ordenada por Deus para servir como meio de comunicar graça preveniente, ou justificadora, ou santificadora, conforme a necessidade da pessoa. Aqueles para quem ela foi ordenada são todos quantos sabem e sentem que querem a graça de Deus, seja para livrá-los do pecado, para mostrar que os seus pecados já foram perdoados, para renovar as suas almas na imagem de Deus, ou para entrar na presença de Deus em comunhão com ele. Nenhuma preparação é necessária para além de um desejo de receber qualquer graça que Deus achar por bem conceder. Nenhuma aptidão é exigida para além de um sentido da nossa total pecaminosidade e invalidez longe de Cristo. Assim, se desejares a graça que Deus deseja conceder-te, aproxima-te e recebe conforto e força.

É impossível crescer na nossa caminhada espiritual sem assistir aos meios da graça de uma maneira geral. Mas para Wesley, a Santa Ceia era o meio mais importante, e negligenciá-la era inconcebível.

Lição 13: Últimas Coisas

Deveres Para Esta Lição

Um trabalho de duas páginas
Corpo do Sermão
Diário

Objectivos de Aprendizagem

Ao completar esta lição, os participantes deverão poder

- identificar a “mais” Wesleyana das teorias do fim dos tempos
- definir o conceito Wesleyano do seguinte:
 - o morte
 - o ressurreição
 - o julgamento
 - o estados intermédios
 - o nova criação

Trabalho de Casa

Escreva um trabalho sobre um dos seguintes tópicos:

- O que é a Igreja?
- O que é o pastor?

Continue a trabalhar com o sermão de Wesley que você escolheu e cuja introdução está a re-escrever. Servindo-se da informação e das ideias que colheu na discussão de grupo, escreva uma nova conclusão/apelo para o sermão, usando linguagem e apresentação contemporânea/cultural.

Leia o Recurso 13-4, “Discurso ao Clero.”

Escreva no seu diário. Esta tarefa é contínua. Inclua as suas reflexões, reações, e análises sobre o material apresentado na aula. Leia uma porção do diário de John Wesley e reflita no que leu. O diário dele pode ser encontrado no seguinte endereço: <http://wesley.nnu.edu>.

Palavras de Wesley

Wesley sempre relacionou o Reino vindouro com a salvação presente: “Ele está já a renovar a face da terra. E temos forte razão para esperar que a obra que ele iniciou, ele a concluirá no dia do Seu Senhor Jesus; que ele jamais interromperá esta bendita obra do seu Espírito até que haja cumprido as suas promessas; até colocar ponto final ao pecado e à miséria, à enfermidade e à morte; e restabelecido santidade e felicidade universais, e levado todos os habitantes da terra a cantar juntos, ‘Aleluia! O Senhor Deus Omnipotente reina!’”

Sermão, “A Expansão Geral do Evangelho”

A visão que Wesley tinha do futuro, “uma nova terra” estava cheia de referências de esperança: “Suponha agora que a plenitude dos tempos já chegou, e as profecias já se cumpriram—que expectativa! . . . Aqui não há som de armas, ‘barulho de confusão,’ nem ‘trajes ensanguentados’ . . . nem nação ou cidade dividida contra si mesma e destruindo-se a si mesma . . . Aqui não existe opressão para levar até mesmo o ‘sábio à loucura,’ nem extorção que ‘esmague a cara do pobre;’ nem furto nem mal; nem abuso nem injustiça; porque cada um acha-se ‘satisfeito com aquilo que possui.’ Assim ‘a rectidão e a paz se beijaram;’ ‘estabeleceram-se e encheram a terra;’ a rectidão florescendo da terra, e a ‘paz olhando desde o céu.’”

Sermão, “Cristianismo Bíblico,” *Works*, 1:170-

171.

Últimas Coisas

É parecer geral dos entendidos de Wesley que a especulação sobre o fim do mundo está fora do campo do que é considerado "Wesleyano." Isso não quer dizer que Wesley não deu nenhuma atenção a tais questões. Quer sim dizer que a escatologia é por natureza teologia especulativa. E uma vez que a doutrina principal de Wesley, da qual fluem todas as outras doutrinas, é a soteriologia, então a doutrina do fim dos tempos é teologicamente relevante *apenas* na medida em que ela tem a ver com a doutrina da salvação.

Faria pouco sentido Wesley insistir na dinâmica entre a graça divina e a cooperação humana na sua soteriologia onde é chave o livre arbítrio humano, para de seguida defender uma noção unilateral da escatologia, onde a humanidade senta e espera um fim preordenado e predeterminado em que a soberania absoluta de Deus é completamente divorciada da actividade humana.

Morte, Imortalidade, Ressurreição, Estados Intermediários, e Julgamento

Morte

A característica distinta da morte Cristã é a ausência do temor, aliada ao anseio de ver Cristo.

Imortalidade/Ressurreição

Wesley tomou claramente o lado da posição ortodoxa em relação à imortalidade: "Creio na ressurreição do corpo."

Estados Intermediários

Em certos momentos do desenvolvimento do seu pensamento, Wesley afirmou o que se conhece como "estados intermediários."

Julgamento

Em conformidade com a sua teologia sinérgica, ele reiterou que em última instância qualquer julgamento que conduza ao inferno só poderia resultar da decisão deliberada do indivíduo de resistir à graça.

Nova Criação

Uma característica distinta da teologia escatológica de Wesley é o conceito da nova criação. Nos seus últimos anos, Wesley mudou o foco da sua esperança do céu para o futuro de uma nova criação, um lugar físico real.

Wesley também sugeriu que o crescimento Cristão continuará nesse lugar.

**Obras (*Works*) de Wesley (1872 Jackson ed.),
vol. 10
DISCURSO AO CLERO**

(Tradução de Izilda Peixoto Bella,
<http://www.metodistasonline.kit.net/wesleydiscursoaoclero.htm>)

Irmãos e Anciãos.

Que não seja imputado à precipitação, vaidade ou presunção, que alguém que é de pouca estima na Igreja, tome para si, endereçar-se ao corpo de pessoas; a muitas das quais, ele deve a mais elevada reverência. Eu devo ainda um maior respeito Àquele que, eu acredito, requer isto de minhas mãos; ao grande Bispo das almas; diante de quem, tanto você quanto eu devemos brevemente dar um relato de nossa mordomia. É um débito, devido ao amor, à verdadeira e desinteressada afeição, declarar o que há muito tem sido o fardo de minha alma. E possa o Deus do amor capacitá-lo a ler essas linhas, no mesmo espírito em que elas foram escritas! Facilmente parecerá a um leitor sem preconceito, que eu não falo de um espírito de ira ou ressentimento. Eu conheço bem, *"a ira do homem não operada da retidão de Deus"*. Muito menos, eu expressaria uma palavra de desprezo; um espírito justamente abominado por Deus e homem. Nenhum desses podem consistir com aquele amor, sincero e terno, motivo de meu presente empreendimento. Neste espírito, eu desejo lançar meu pão nas águas; é suficiente que eu possa encontrá-lo novamente depois de muitos dias.

Entretanto, você está consciente de que o amor não proíbe, antes, requer clareza de discurso. Isto sempre não o constrangeu, assim como a mim, a colocar de lado, não apenas a dissimulação, mas a reserva também, e *"pela manifestação da verdade, recomendar a nós mesmos a toda consciência do homem aos olhos de Deus?"*. E, enquanto eu me esforço para fazer isto, deixe-me sinceramente pedir a você, pelo amor de Deus; pelo amor de nossa própria alma; pelo amor das almas colocadas, sob sua responsabilidade; sim, e de toda a Igreja de Cristo, a não inclinar sua mente, ao pensar em quem fala; mas imparcialmente considerar o que é falado. E, se for falso ou tolo, rejeitar; mas não rejeitar *"as palavras da verdade e juízo"*.

Meu primeiro objetivo foi oferecer alguns poucos pensamentos claros ao Clero de nossa própria Igreja apenas. Mas, depois de refletir um pouco mais, eu não vejo motivo para ser tão *"restrito em meus próprios sentimentos"*. Eu sou um devedor a todos; e, portanto, embora eu primeiro fale àqueles com os quais eu estou mais imediatamente ligado, ainda assim, não gostaria que entendessem que eu excluiria alguém, de qualquer denominação, a quem Deus chamou para *"vigiar as almas das outras, como se delas tivesse de prestar contas"*.

Com o objetivo de dar este relato com alegria, não existem duas coisas que mais altamente nos importa considerar? Em Primeiro Lugar: Que tipo de homens, nós devemos ser? Em Segundo Lugar: Nós somos, deste tipo, ou não?

- I. Em Primeiro Lugar, se nós devemos *"vigiar a Igreja de Deus, que foi comprada com seu próprio sangue"*, que tipo de homens, devemos ser, nos dons, assim como na graça?
1. Para começar com os dons; e (1) com aqueles que são da natureza, o ministro não deve ter, primeiro, um bom entendimento, uma clara compreensão, um julgamento sadio, e uma capacidade de raciocínio, com algum retraimento? Isto não é necessário, em um grau mais elevado, na obra do ministério? Do contrário, como ele será capaz de entender os vários estados daqueles sob seus cuidados; ou guiá-los, através de milhares de dificuldades e perigos, ao céu, onde eles estariam? Não é necessário, com respeito aos numerosos inimigos, os quais ele deve encontrar? Um tolo pode contender com todos os homens que não conhecem a Deus, e com todos os espíritos da escuridão? Não, ele nem estará desperto quanto às artimanhas de satanás, nem quanto às astúcias de seus filhos.

(2) Não é altamente expediente que um guia de almas tenha igualmente alguma clareza e prontidão de pensamento? Ou como ele será capaz, quando a necessidade requerer, de *"responder ao tolo, conforme a sua tolice?"*. Quão freqüente é isto necessário! Uma vez que, em quase todos os lugares, nós nos encontramos com aquelas criaturas vazias, ainda assim, petulantes, que estão tão *"mais sábias aos seus próprios olhos, do que sete homens que podem apresentar uma razão"*. O raciocínio, portanto, não é a arma a ser usada com eles. Você não pode lidar com eles assim. Eles desprezam, o fato de serem convencidos; nem podem ser silenciados, a não ser em sua própria maneira.

(3) Para um entendimento sadio, e uma mudança de pensamento eficaz, deverá se juntar uma boa memória; se for possível, pronta, para que você possa fazer o que quer que lhe ocorra em sua própria leitura ou conversação; mas, de qualquer modo, retentiva, a fim de que não estejamos *"sempre aprendendo, e nunca sendo capaz de chegar ao conhecimento da verdade"*. Do contrário, *"cada escriba instruído junto ao reino dos céus"*, cada professor adequado para sua obra, *"são igualmente um dono de casa que exhibe de seus tesouros, coisas novas e velhas"*.

2. E quanto a adquirir dons, ele pode dar um passo correto, sem primeiro uma competente porção de conhecimento. (1) Conhecimento, do seu próprio ofício; da alta confiança em que ele se situa, da importante obra para a qual ele foi chamado? Existe alguma esperança que um homem possa executar seu ofício bem, se ele não sabe qual é ele? Que ele possa desobrigar-se fielmente de uma confiança, a mesma natureza, que ele não entende? Ao contrário, se ele não conhece a obra que Deus deu a ele para executar, ele não pode terminá-la. (2) Não menos necessário, é o conhecimento das Escrituras, que nos ensina como ensinar os outros; sim, um conhecimento de todas as Escrituras; uma vez que escrituras interpretam escrituras; uma parte fixa o sentido da outra. De maneira que, quer seja verdade ou não, de que cada bom textuário é um bom Clérigo; é certo que não pode ser um bom Clérigo, quem não é um bom textuário. Ninguém mais pode ser poderoso nas Escrituras, tanto capaz de instruir quanto de fechar as bocas dos contraditores.

Com o objetivo de fazer isto corretamente, ele não deve conhecer o significado literal de cada palavra, verso, e capítulo; sem o que, não pode existir um alicerce firme no qual o significado espiritual possa ser construído? Ele não deveria igualmente ser capaz de deduzir os corolários apropriados, especulativos, e

práticos, de cada texto; para resolver as dificuldades que surgem, e responder as objeções que se levantam, ou podem se levantar contra ele; e fazer uma aplicação adequada, afinal, às consciências de seus ouvintes?

Mas ele pode fazer isto, da maneira mais efetiva, sem um conhecimento da língua original? Sem isto, ele freqüentemente não está em dúvida, até mesmo, com respeito aos textos que dizem respeito à prática apenas? Mas ele estará sob dificuldades ainda maiores, com relação às escrituras controvertidas. Ele será capaz de livrá-las das mãos de algum homem erudito que poderia pervertê-las: Porque, quando quer que um apelo é feito para o original, sua boca é fechada, imediatamente.

Não é o conhecimento de história profana, igualmente, de costumes antigos, de cronologia e geografia, embora não absolutamente necessária, ainda assim, altamente expediente, para aquele que entenderia as Escrituras totalmente? Uma vez que a falta, até mesmo deste conhecimento é apenas pobremente suprido pela leitura de comentários de outros homens.

Algum conhecimento das ciências também é, para dizer o mínimo, igualmente expediente. Mais do que isto, nós não podemos dizer que o conhecimento de uma (se de arte ou de ciência), embora agora completamente em desuso, é até mesmo necessária junto, e com o objetivo do conhecimento das próprias Escrituras? Eu quero dizer a lógica. Porque o que é isto, se entendida corretamente, a não ser a arte do bom senso? Da apreensão das coisas claramente, julgando verdadeiramente, e raciocinando conclusivamente? O que é ela, vista sob uma outra luz, do que a arte do aprendizado e ensino: quer convencendo ou persuadindo? O que há, então, em todo o compasso da ciência, a ser desejado em comparação a ela?

Alguma familiaridade com o que tem sido denominada de segunda arte da lógica (metafísica); se não tão necessária como esta, ainda assim, é igualmente expediente. (1) Com o objetivo de clarear nossa apreensão, (sem o que é impossível, tanto julgar corretamente, quanto raciocinar atentamente ou conclusivamente), por agrupar idéias sob assuntos gerais? (2) Com o objetivo de entender muitos escritores úteis, que podem muito dificilmente se entendidos sem ela?

Um ministro não pode estar familiarizado também, pelo menos, com os fundamentos gerais da filosofia natural? Esta não é uma grande ajuda para o correto entendimento de diversas passagens das Escrituras? Assistido, através desta, ele mesmo pode compreender, e nas ocasiões apropriadas explicar a outros, como as coisas invisíveis de Deus devem ser vistas, desde a criação do mundo; como *"os céus declaram a glória de Deus, e o firmamento mostra este trabalho manual"*; até que clamem alto: *"Ó, Senhor, quão múltiplas são tuas obras! Na sabedoria tu as tens feito todas"*.

Mas quão longe ele pode ir nisto, sem algum conhecimento de geometria? Que é igualmente necessária, não meramente sobre este relato, mas para dar clareza à apreensão, e um hábito de pensamento estrita e coerentemente.

Deve-se admitir, de fato, que alguns desses ramos do conhecimento não são tão indispensavelmente necessários quanto o restante; e, portanto, nenhum homem

pensante condenará os patriarcas da Igreja de Cristo, por terem, em todas as épocas e nações, designados alguns para o ministério, que, suponho, eles tinham a capacidade, ainda assim, não tinham a oportunidade de obtê-los. Mas que desculpa é esta para alguém que tem a oportunidade, e não faz uso dela? O que pode ser argumentado para uma pessoa que teve uma educação universitária, se ele não as entende, afinal? Certamente, supondo que ele tenha alguma capacidade de ter entendimento comum, ele está sem desculpas, diante de Deus e homem.

Pode alguém que passou diversos anos nestas cadeiras de aprendizado, serem desculpadas, se elas não acrescentarem a isto as línguas e ciências, o conhecimento dos Patriarcas? Os mais autênticos comentadores das Escrituras, ambos mais perto da fonte, e eminentemente dotados com aquele Espírito, através do qual, as Escrituras foram dadas. Será facilmente percebido, que eu falo principalmente daqueles que escreveram antes do Concílio de Nice. Mas quem não desejaria igualmente ter alguma familiaridade com aqueles as seguiram? Com Crisóstomo, Basil, Jerome, Austin; e, acima de todos, o homem de um coração quebrantado, Ephraim Syrus?

Existe ainda um outro ramo do conhecimento, altamente necessário para um clérigo, ou seja, o conhecimento do mundo: o conhecimento dos homens, de suas máximas, temperamentos e maneiras, tal como eles ocorrerem na vida real. Sem isto, ele estará propenso a receber muito dano, e capaz de fazer pouco bem; uma vez que ele não saberá, quer como lidar com homens de acordo com a vasta variedade de seus caracteres, ou preservar-se daqueles que, em quase em todos os lugares, mentem, na esperança de enganar.

Quão proximamente aliado a isto está o discernimento dos espíritos! Até onde pode ser obtido, pela diligente observação. E pode um guia de almas existir sem ele? Se ele está, ou se ele não está propenso a tropeçar em cada passo?

Ele pode ficar, sem uma eminente porção de prudência? Aquela coisa mais incomum que é usualmente chamada de bom-senso? Mas como deveremos defini-la? Nós devemos dizer, com os Eruditos que se trata de uma "*recta ratio rerum agibilium particularium*?" Ou que é uma consideração habitual de todas as circunstâncias de uma coisa. "*Quis, quid, ubi, quibus auxiliis, cur, quomodo, quando*?" e a facilidade de adaptar nosso comportamento às várias combinações delas? Como quer que seja definido, não deverá ser estudado com todo o cuidado, e buscado com toda a sinceridade de aplicação? Porque, que terríveis inconveniências resultam, quando quer que esteja notavelmente faltando!

Próxima à prudência ou bom-senso (se puder ser incluído nisto), um clérigo deve certamente ter algum grau de boa educação: Eu quero dizer, endereçamento, desembaraço, e propriedade de comportamento, onde quer que sua sorte seja lançada: Talvez, alguém poderia acrescentar: ele teria (embora não a pompa; porque ele é "*servo de todos*") toda a cortesia de um cavalheiro, juntamente com as correções de um sábio. Nós precisamos de um modelo disto? Nós temos um em Paulo, mesmo diante de Felix, Festos, rei Agripa. Alguém dificilmente ajudaria ao pensar que ele fosse um dos mais bem educados, um dos mais finos cavalheiros no mundo. Ó, que nós igualmente tenhamos a habilidade de "*agradar a todos os homens para o bem da edificação deles*".

Com o objetivo disto, especialmente em nossas ministrações públicas, alguém não pediria por uma voz musical, clara, forte, e uma boa entrega, com respeito à pronúncia e ação? Eu citei esses aqui, porque eles são muito mais adquiríveis do que se tem comumente pensado. Uma voz notavelmente fraca e desafinada tem, através de uma aplicação firme, se tornado forte e agradável. Esses que gaguejam, em quase toda palavra, têm aprendido a falar claramente e abertamente. E muitos que foram eminentemente deselegantes em sua pronúncia e inábeis em seus gestos, têm, em algum tempo, pela capacidade e trabalho, não apenas corrigido aquela inaptidão de ação e falta de elegância na elocução, mas têm se tornado excelente em ambas, e, nestes aspectos, igualmente os ornamentos de sua profissão.

O que pode grandemente encorajar aqueles que se entrega ao trabalho, com respeito a todos esses dons, muitos dos quais não podem ser obtidos, sem considerável empenho, é isto: Eles estão seguros de serem assistidos em todos os seus esforços, por Aquele que ensina ao homem o conhecimento. E quem ensina como Ele? Quem, assim como Ele, dá sabedoria ao simples? Quão fácil é isto para Ele, (se desejarmos isto, e acreditarmos que ele é capaz e está disposto a fazer isto) através das influências poderosas, embora secretas, do seu Espírito, para abrir e ampliar nosso entendimento; fortalecer todas as nossas faculdades; trazer à nossa lembrança as coisas que forem necessárias, e fixar e estimular nossa atenção para elas: de maneira que possamos nos beneficiar acima de todos que dependem totalmente de si mesmos, no que quer que possa nos qualificar para a obra de nosso Mestre!

3. Mas todas essas coisas, quão grandes elas possam ser em si mesmas, são pouco em comparação com aquelas que se seguem. Porque o que são todos os outros dons, quer naturais ou adquiridos, quando comparados à graça de Deus? E como estes devem animar e governar toda a intenção, afeição e prática de um Ministro de Cristo!

(1) Quanto à intenção dele, no empreender este importante ofício, e no executar cada parte dele, não deve ser singularmente para isto, para glorificar a Deus, e salvar as almas da morte? Isto não é absoluta e indispensavelmente necessário, antes de tudo e acima de todas as coisas? *"Se seus olhos forem puros, todo seu corpo"*, toda sua alma, toda sua obra, *"será cheia de luz"*. *"Deus que ordena que a luz brilhe da escuridão"*, brilhará em seu coração; o dirigirá em todos os seus caminhos, e fará com que ele veja a angústia de sua alma, e estará satisfeito. Mas se seus olhos, sua intenção não forem puros, se existir alguma mistura de motivos mais desprezíveis (quão muito mais, se aqueles forem ou são seus motivos guias no empreendimento ou exercício deste seu alto ofício!) *"todo seu corpo"*, toda sua alma, *"será cheia de trevas"*, até mesmo tais que saem do abismo sem fim: Que tal homem não pense que ele deve ter alguma bênção do Senhor. Não: a maldição de Deus habita sobre ele. Que ele não espere desfrutar de alguma paz estabelecida, algum conforto verdadeiro em seu próprio peito; nem ele pode esperar que haja algum fruto de seus esforços, alguns pecadores convertidos a Deus.

(2) Quanto às suas afeições. *"Um mordomo dos mistérios de Deus"*, um pastor de almas, pelas quais Cristo morreu, não deve ser dotado com uma eminente medida de amor a Deus, e amor a todos os seus irmãos? Um mesmo amor, quanto ao tipo, mas em grau muito além daquele dos cristãos comuns? Ele pode,

por outro lado, corresponder ao alto caráter que ele carrega e a relação em que ele se situa? Sem isto, como ele pode seguir, através de todas as labutas e dificuldades que necessariamente atendem a execução fiel de seu ofício? Seria possível para um pai seguir pela dor e fadiga, conduzir e educar, até mesmo um filho, não fosse por aquela afeição veemente, aquele inexpressível amor paternal, que o Criador tem dado para aquela mesma finalidade? Quanto menos, será possível para algum Pastor, algum pai espiritual, atravessar a dor e luta da *"agonia do nascimento"*, e educar muitos filhos, para a medida da estatura total de Cristo, sem uma larga medida daquela afeição inexprimível que *"um estranho não intervém!"*.

Portanto, deve ser totalmente nulo de entendimento, deve ser um louco do tipo mais grave, aquele que, qualquer que seja a importância, empreenda este ofício, enquanto ele é um estranho a esta afeição. Mais do que isto, eu tenho freqüentemente me admirado que algum homem, em sã consciência, preferivelmente a trabalhar, ou agite-se pelo sustento da vida, do que continue nela, exceto se ele sente, pelo menos (o que é extrema *linea amare*), tal preocupação sincera pela glória de Deus, e tal sede em busca da salvação de almas, de maneira que ele está pronto a fazer qualquer coisa, a perder qualquer coisa, a sofrer qualquer coisa, preferivelmente a que alguém, por quem Cristo morreu, pereça.

E este grau de amor a Deus e ao homem não é até mesmo absolutamente inconsistente com o amor ao mundo; com o amor ao dinheiro ou louvor; com o grau mais baixo de qualquer ambição ou sensualidade? Quanto menos, ele pode consistir com aquele principio pobre, vil, irracional, infantil, do amor às diversões? (certamente, até mesmo um homem, não fosse ele um ministro, ou um cristão, *"deixaria de fora as coisas infantis"*). Não apenas isto, mas o amor ao prazer, e o que se situa mais profundo na alma, o amor à comodidade, desapareceria diante dele.

(3) Quanto à sua prática: *"Junto ao descrente, diz Deus, porque tu pregas minhas leis?"*. O que é um ministro de Cristo, um pastor de almas, exceto se ele for todo devotado a Deus? Exceto se ele se abstém, com o extremo cuidado e diligência, de toda palavra e obra má; de toda aparência do mal; sim, da maioria das coisas inocentes, por meio das quais, alguém seria ofendido ou se tornaria fraco? Ele não é chamado, acima de outros, para ser um exemplo para o rebanho, com seu caráter privado, assim como público? Um exemplo de todos os temperamentos santos e divinos, preenchendo o coração, de maneira a brilhar através dele? Conseqüentemente, toda sua vida, se ele caminha merecedor de seu chamado, não é um trabalho incessante de amor; um tratado contínuo de louvar a Deus, e ajudar o homem; uma série de gratidão e beneficência? Ele não é sempre humilde, sempre serio, embora se regozijando sempre mais; compassivo, gentil, paciente, moderado? Você pode não se assemelhar a ele como um anjo guardião, ministrando àqueles *"que deverão ser herdeiros da salvação?"*. Ele não é alguém enviado por Deus, para estar entre Deus e o homem; para guardar e assistir o pobre, aos filhos desamparados dos homens, para supri-los, ambos com a luz e força; guiá-los, através de muitos perigos conhecidos e desconhecidos; até o momento em que ele retorna, com aqueles comprometidos com sua incumbência, ao Pai dele e deles, que está nos céus?

Ó, quem é capaz de descrever tal mensageiro de Deus, a fé executando totalmente seu alto ofício! Trabalhando junto com Deus, com o grande Autor, ambos da velha e nova criação! Veja seu Senhor, o eterno Filho de Deus, partindo para aquela obra de onipotência, e criando céu e terra, através do sopro de sua boca! Veja o servo a quem ele tem o prazer de honrar, cumprindo a determinação de sua vontade, e em seu nome, falando a palavra, por meio da qual se ergue uma nova criação espiritual. Capacitada por ele, ele diz para as trevas informes, vazias da natureza: *"Haja luz"; "e houve luz. As coisas velhas se passaram: observe, que todas as coisas se tornaram novas"*. Ele está continuamente empregado, naquilo que os anjos de Deus não têm a honra de fazer, -- co-operar com o Redentor de homens, *"no conduzir muitos filhos para a glória"*.

Tal é o verdadeiro Ministro de Cristo; e tal, além de toda possibilidade de discussão, devemos ser você e eu.

II. Mas nós somos tais? O que somos nós, nos aspectos acima mencionados? Esta é uma consideração melancólica, mas necessária. É verdade que muitos têm escrito sobre este assunto; e alguns, admiravelmente bem: Ainda assim, poucos, pelo menos em nossa nação, tem levado a sua pergunta, através de todas essas particularidades. Nem eles falaram sempre, de maneira tão clara, e tão familiar, quanto a natureza da coisa requereu. Mas, por que eles não fizeram isto? Será porque eles não estavam dispostos causar dor naqueles que eles amaram? Ou eles foram impedidos pelo medo da descortesia ou de incorrer em alguma inconveniência temporal? Temor miserável! Será que alguma inconveniência temporal que seja deve ser colocada na balança, com as almas de nossos irmãos? Ou eles foram impedidos pela vergonha, surgindo da consciência de seus muitos e grandes defeitos? Sem dúvida, isto atenuaria a falta, mas ela não seria completamente removida. Porque não é um conselho sábio, *"Não se sinta envergonhado, quando isto disser respeito a tua alma?"*; especialmente quando diz respeito às almas de milhares também? Nesse caso, Deus poderá tornar inabalável nossa face, como pederneira, endurecer como a um diamante nossa testa.

Mas não existe um outro obstáculo? A compaixão, a ternura, não nos impediria de causar dor? Sim, de causar dor desnecessária. Mas que tipo de ternura é esta? É como aquela de um cirurgião que deixa seu paciente morrer, porque ele se compadeceu muito de examinar suas feridas. Compaixão cruel!

1. Nós somos, então, tão conscientes, como deveríamos ser, (1) com respeito aos dons naturais? Se formos, quantas pedras de tropeço seriam removidas do caminho dos infieis sinceros? Ainda de mim, que efeitos terríveis vemos continuamente, daquela imaginação comum, embora inconsciente. *"O garoto, se ele é capaz para nada mais, será bom o suficiente para ser um Pároco!"*. Por esta razão, é que vemos (eu pediria a Deus que não houvesse tal exemplo em toda a Grã Bretanha, ou Irlanda!) ministros grosseiros, abatidos, estúpidos; homens sem vida, sem espírito, sem prontidão de pensamento; que são, conseqüentemente, a zombaria de todo tolo atrevido, todo janota vivaz, e afetado, que eles encontram. Nós vemos outros cuja memória retém coisa alguma; portanto, eles nunca poderão ser homens de considerável conhecimento; eles nunca poderão saber muito, até mesmo daquelas coisas que eles estão escassamente preocupados em conhecer. Ai de mim, eles estão derramando água em um vaso mal vedado; e a cisterna quebrada não pode reter

a água! Eu não diria com Platão que *"todo conhecimento é nada, mas memória"*. Ainda assim, é certo que, sem a memória, não podemos ter a menor porção de conhecimento. E, até mesmo, aqueles que desfrutam da mais memória retentiva, encontram grande motivo para assim se queixarem.

A habilidade vem tão devagar, e a vida tão rápida voa; nós aprendemos, tão pouco, e esquecemos tanto!

E, ainda assim, vemos e lamentamos um defeito ainda muito grande em alguns que estão no ministério. Falta-lhes sabedoria, eles são falhos no entendimento; a capacidade deles é baixa e superficial, sua compreensão é turva e confusa; em consequência, eles são completamente incapazes de formar um julgamento verdadeiro das coisas, ou de raciocinar justamente sobre algo. Ó, como aqueles que não sabem coisa alguma podem conceder conhecimento a outros? Como instruí-los em toda a variedade de obrigação para com Deus, seu próximo e si mesmos? Como eles irão dirigi-los, através de todas as confusões de erros; através de todos os embaraços do pecado e tentação? Como eles podem se certificar das artimanhas de satanás, e protegê-los contra toda a sabedoria do mundo?

É fácil perceber que eu não falo isto por causa deles; (por eles são incorrigíveis), mas por causa de seus pais, para que eles possam abrir os olhos deles, e verem que um cabeça-dura nunca *"será bom o suficiente para se tornar um Pároco"*. Ele pode ser bom o suficiente para um negociante; tanto quanto para ganhar cinqüenta ou cem mil libras. Ele pode ser bom o suficiente para um soldado; mais do que isto, (se você pagar bem), para um oficial bem vestido, e bem montado. Ele pode ser bom o suficiente para um marinheiro, e pode brilhar no tombadilho de um navio-de-guerra. Ele pode ser bom, na capacidade de um advogado, ou médico, assim como para dirigir em sua carruagem. Mas não como um Ministro, exceto se você quisesse trazer uma mácula sobre sua família; um escândalo sobre nossa Igreja, e uma reprovação sobre o Evangelho, que ele pode assassinar, mas não pode ensinar.

Nós somos aquilo que estamos conscientes de que poderíamos ser, (2) com respeito aos dons adquiridos? Aqui o assunto (suponha que tenhamos entendimento comum) se coloca mais diretamente dentro de nosso próprio poder. Mas incluindo este, assim como os assuntos seguintes, eu penso que eu não consideraria afinal, quantos ou quão poucos são excelentes ou imperfeitos. Eu apenas desejaria que cada pessoa que lesse isto o aplicasse em si mesmo. Certamente, alguém, na nação é imperfeito. Eu não sou o homem?

Que cada um de nós examine-se seriamente:

- (1) Eu tenho tal conhecimento das Escrituras, de maneira a me tornar alguém que se encarregue assim de explicá-la a outros, para que elas possam ser uma luz em todos os caminhos deles? Eu tenho uma visão completa e clara da analogia da fé, que é a chave para me guiar através do todo? Eu estou familiarizado com as diversas partes das Escrituras; com todas as partes do Velho Testamento e do Novo? Na menção de algum texto, eu sei o contexto e os lugares paralelos? Eu

tenho, pelo menos, aquele sinal de um bom Clérigo, o de ser um bom textuário? Eu conheço a construção gramatical dos quatro Evangelhos; dos Atos; das Epístolas; e eu sou um mestre do sentido espiritual (assim como o literal) do que eu li? Eu entendo a extensão de cada livro e como cada parte dele tende a isto? Eu tenho a habilidade de traçar as inferências naturais dedutíveis de cada texto? Eu conheço as objeções que se erguem neles, ou deles, pelos judeus, deístas, papistas, arianos, socinianos, e todas as outras seitas, que mais ou menos corrompem ou adulteram a palavra de Deus? Eu estou pronto a dar uma resposta satisfatória a cada uma dessas objeções? E eu aprendi a aplicar cada parte dos escritos sagrados, como os vários estados de meus ouvintes requerem?

- (2) Eu entendo Grego ou Hebraico? Do contrário, como eu posso empreender (como todo Ministro faz), não apenas explicar os livros que estão escritos nele, mas defendê-los contra todos os opositores? Eu não estou à mercê de todo aquele que entende, ou até mesmo pretende entender o original? Porque, de que maneira eu poderei contestar sua pretensão? Eu entendo a linguagem do Velho Testamento? Criticamente? Afinal? Eu posso extrair um sentido não explícito de um Salmo de Davi, na Língua Inglesa; ou, até mesmo, o primeiro capítulo de Gênesis? Eu entendo a linguagem do Novo Testamento? Eu sou um mestre crítico dele? Eu tenho suficiente disto, até mesmo para extrair na Língua Inglesa, o primeiro capítulo de Lucas? Se não, quantos anos, eu gastei no colégio? Quantos, na Universidade? E o que eu estive fazendo todos esses anos? A vergonha não deveria cobrir minha face?
- (3) Eu entendo o meu próprio ofício? Eu tenho considerado profundamente diante de Deus o caráter que eu tenho levado? O que é ser um Embaixador de Cristo, um Enviado do rei do céu? E eu conheço e sinto o que está inserido em *"vigiar as almas"* dos homens, *"como se delas tivesse prestar contas?"*.
- (4) Eu entendo tanto da história profana, de maneira a confirmar e ilustrar o sagrado? Eu estou familiarizado com os costumes antigos dos judeus e outras nações mencionadas nas Escrituras? Eu tenho um conhecimento competente de cronologia, pelo menos, no que se refere às coisas sagradas? Eu sou tão habilidoso (se não mais além), de maneira a conhecer a situação, e dar algum relato de todos os lugares consideráveis, mencionados nela?
- (5) Eu sou um mestre tolerável das ciências? Eu tenho seguido pelo mesmo portão delas, a lógica? Se não, eu igualmente não vou muito além, quando eu tropeço na soleira da porta. Eu a entendo de modo a ser sempre o melhor por ela? Tê-la sempre pronta a ser usada; aplicar suas regras, quando existe oportunidade, quase tão naturalmente quanto eu viro minha mão? Eu a entendo, afinal? Até mesmo, os modos e figuras acima de minha compreensão? Eu pobremente me esforço para ocultar minha ignorância, simulando rir de seus nomes excêntricos? Eu posso até mesmo converter um modo indireto em um direto; um silogismo hipotético em um categórico? Antes, a minha estúpida indolência e preguiça não me fizeram pronto a acreditar, no que a pouca sabedoria e finos cavalheiros afirmam: *"que a lógica e boa para coisa alguma?"*. É útil, pelo menos (onde quer que seja entendida), para fazer com que as pessoas falem menos; mostrando a elas tanto qual é o ponto em questão, e qual não é; e quão

extremamente difícil é provar alguma coisa. Eu entendo de metafísica; se não das profundezas dos Professores, as sutilezas de Scotus ou Aquino, ainda os primeiros rudimentos, dos princípios gerais, daquela ciência útil? Eu tenho bastante domínio disto, de modo a clarear minha compreensão e situar minhas idéias, sob tópicos apropriados; o suficiente para me capacitar a ler com facilidade e prazer, assim como com proveito, as *Obras*, do Dr. Henry More; a "*Busca pela Verdade*", a de Malebranche, e a "*Demonstração da Existência e Atributos de Deus?*", do Dr. Clarke? Eu entendo de filosofia natural? Se eu não tenho me aprofundado nisto, eu tenho digerido os fundamentos gerais dela? Eu sou mestre em Gravesande, Keilil, no Principio de Sir Isaac Newton, com sua "*Teoria da Luz e Cores?*".

Com este objetivo, eu coloquei no mesmo sortimento do conhecimento matemático? Eu sou mestre em matemática A B C dos Elementos de Euclides? [Ao escrever os Elementos, Euclides pretendia reunir num texto três grandes descobertas do seu passado recente: a teoria das proporções de Eudoxo, a teoria dos irracionais de Teeteto (417 a.C. - 369 a.C.) e a teoria dos cinco sólidos regulares, que ocupava um lugar importante na cosmologia de Platão]. Se eu não tenho ido até ai, se eu sou tal aprendiz ainda, o que eu tenho sido, desde que sai da escola?

[JOHN DUNS SCOTUS - (1265-1308) Filósofo escocês - Conhecido também por "o doutor sutil", em razão de ser um autor de acesso difícil, que lhe valeu essa reputação de sutileza. Pertenceu à Ordem dos Franciscanos. Estudou nas Universidades de Oxford e Paris. Foi mestre em teologia nessas duas universidades, assim como em Cambridge e Colônia. Diverge das doutrinas platônica e aristotélica, no que se refere à valorização do indivíduo, tanto do ponto de vista metafísico, ao estabelecer a inteligibilidade como uma propriedade do singular, quanto do ponto de vista ético, ao defender o livre-arbítrio]

[TOMÁS DE AQUINO - (1227-1274) nasceu em um castelo próximo à cidade de Aquino, Itália, de uma família nobre. Entrou cedo para a ordem Dominicana. Não se sabe com precisão os acontecimentos da sua vida. Escreveu um opúsculo quando ainda era jovem, *O ente e a Essência*, entre os anos de 1252 e 1253. Aborda questões metafísicas, explicando o percurso da consciência humana entre a sensação e a concepção. Diz, o que cai imediatamente no alcance do saber humano é composto. O homem se eleva do composto ao simples, do posterior ao anterior. A essência existe no intelecto. A substância composta é matéria e forma. A forma e matéria, quando tomadas em si, ou seja, sem o aparato do entendimento racional considerando-as, é incognoscível, mas existem caminhos para a investigação das possibilidades].

[MALEBRANCHE, Nicolas, (1638-1715) Filósofo e teólogo francês e provavelmente o maior expoente do *ocasionalismo*. Nasceu em Paris em agosto de 1638, de família bem relacionada. Foi Malebranche um racionalista tão radical como Descartes, admitindo, como este, um conhecimento intelectual independentemente de origem em dado experimental. Situou-se também no realismo mediato cartesiano.

Todavia foi mais radical ainda, porque lhe deu a explicação do *ocasionalismo*. A base remota de tal doutrina se encontra no agostinianismo, o qual destacava a independência do conhecimento em relação à experiência sensível e ainda a ação divina, tanto na formação dos universais pela iluminação divina natural, como ainda da predestinação decidindo pelo homem. Santo Agostinho, sempre destacou a ação de Deus, inclusive para a formação dos universais por efeito de uma iluminação divina natural. Para Malebranche os objetos já não causam os fenômenos do conhecimento, como ainda admitia Descartes.

[HENRY MORE, nasceu em 1614, em Grantham, Lincolnshire, faleceu a 1 de setembro, 1687, em Cambridge, Cambridgeshire) poeta e filósofo da religião cuja afinidade pela metafísica de Platão o coloca entre os grupo de pensadores conhecidos como Platonistas de Cambridge. Educado como calvinista, More tornou-se um anglicano na juventude].

- (6) Eu estou familiarizado com os Patriarcas; pelo menos, com aqueles homens veneráveis, que viveram nas primeiras eras da Igreja? Eu li, repetidas vezes, os remanescentes áureos de Clemente Romano, de Inácio e Policarpo; e tenho feito uma leitura, pelo menos, das obras de Justino Mártir, Tertuliano, Orígenes, Clemente Alexandrino, e Cipriano?

[CLEMENTE I (também conhecido como CLEMENTE ROMANO) foi papa da Igreja Cristã Romana entre 89 (?) e 97. Nascido em Roma, foi o sucessor de Anacleto I (ou Cleto) e provável autor da Epístola de Clemente Romano (segundo Clemente de Alexandria e Orígenes), o primeiro documento de literatura cristã, endereçada à Igreja de Corinto pela Igreja de Roma, e que chegou até nós anônima. Por vezes identificado com Tito Flávio Clemente (Titus Flavius Clemens), primo do imperador Domiciano que foi consul em 95, é mais provável que se tratasse de um antigo escravo ou filho de um, libertado pelo seu senhor, que adquiriu o seu nome. Condenado a trabalhos forçados nas minas de cobre de Galípoli, converteu muitos presos e por isso foi atirado ao mar com uma pedra amarrada ao pescoço, tornando-se num mártir dos princípios da Cristandade. Foi sucedido por Santo Evaristo].

[INÁCIO de Antioquia, reverenciado como mártir, na época do Imperador Trajano, no começo do século 11, deu à Igreja inúmeras epístolas, consideradas os primeiros documentos cristãos após o Novo Testamento, escritas na rota de seu próprio martírio em Roma].

[POLICARPO de Esmirna (c. 70 — c. 160) foi um bispo de Esmirna (atualmente na Turquia) no segundo século. Morreu como um mártir, vítima da perseguição romana, aos 87 anos. É reconhecido como santo tanto pela Igreja Católica Apostólica Romana quanto pelas Igrejas Ortodoxas Orientais].

[JUSTINO MÁRTIR – 100-165 d.C - A convicção de Justino da verdade de Cristo era tão completa que ele teve morte de mártir por volta de

165 d.C. Eusébio, o historiador da Igreja antiga, disse que ele foi denunciado por cínico Crescêncio com quem ele entrou num debate brevemente antes de sua morte. Justino foi decapitado junto com seis de seus alunos].

[TERTULIANO - Tertuliano nasceu em Cartago por volta de 150 e 155 d.C., exercendo sua profissão de advogado até quando, em 193, converteu-se ao Cristianismo, passando a exercer também a atividade de catequista junto à Igreja. Em 207, ingressa no movimento montanista. Um dos seus mais importantes textos é sobre a apologia, principalmente em sua obra Contra Práxeas, onde defende a doutrina da Santíssima Trindade].

[ORÍGENES - (185-254) - Filósofo grego, natural de Alexandria. Nasceu de pais cristãos em 185 ou 186 da nossa era, provavelmente em Alexandria. O pai, Leônidas, morreu mártir na perseguição comandada por Sétimo Seuro, em 202 ou 203. Orígenes foi salvo pela mãe. Aos 18 anos assumiu a direção da escola catequista como sucessor de Clemente, mas em 215 os massacres praticados por Caracalla obrigaram Orígenes a deixar Alexandria, fugindo para Palestina, onde os bispos Alexandre de Jerusalém e Teócito de Cesaréia o acolheram com honra e o fizeram pregar nas suas igreja].

[CLEMENTE ALEXANDRINO - Tito Flávio Clemente - nasceu no ano 150, provavelmente em Atenas, de família pagã. Converteu-se ao cristianismo talvez levado por exigências filosóficas; desejoso de um conhecimento mais profundo do cristianismo, empreendeu uma série de viagens em busca de mestres cristãos. Depois de ter visitado a Magna Grécia, a Síria e a Palestina, foi, pelo ano 180, para Alexandria do Egito, onde o seu espírito achou finalmente paz junto do eminente mestre Panteno. Falecido este no ano 200, Clemente foi chamado para dirigir a famosa escola catequética, cabendo-lhe a glória de ter o grande Orígenes entre seus discípulos. Devido às perseguições anticristãs do imperador Setímio Severo, que mandou fechar a escola, Clemente teve de suspender o seu ensino alguns anos depois. Retirou-se para a Ásia Menor, junto de um seu antigo discípulo, o bispo Alexandre de Capadócia, e morreu nessa cidade entre 211 e 216].

[Táscio Cecílio CIPRIANO nasceu no norte da África, provavelmente em Cartago, entre os anos 200 e 210 dC. Filho de família abastada, recebeu formação superior, dedicando-se à oratória e advocacia. Converteu-se ao Cristianismo, já adulto, por volta de 245. Três anos depois foi eleito bispo de Cartago. Foi degolado nas imediações da cidade, na presença de grande multidão de cristãos e pagãos, aos 14 de setembro de 258, durante a perseguição de Valeriano].

- (7) Eu tenho algum conhecimento do mundo? Eu tenho estudado homens (assim como livros), e observado seus temperamentos, máximas e maneiras? Eu tenho aprendido a me precaver de homens; a adicionar a sabedoria da serpente e a inocência da pomba? Deus tem me dado, através da natureza; ou eu tenho adquirido, alguma medida de discernimento da coragem; ou de seu parente próximo, a prudência,

capacitando-me em todas as ocasiões a considerar todas as circunstâncias, e a adequar e diversificar meu comportamento, de acordo com as várias combinações dele? Eu nunca me esforço para ser rude, ou grosseiro; nem para estar notavelmente em falta com a boa educação? Eu me esforço para seguir conforme aqueles que são eminentes para discurso e facilidade de comportamento? Eu sou (embora nunca frívolo ou superficial, quer na palavra ou ação, ainda assim) afável e cortês com todos os homens? Eu não omito meios, que estejam em meu poder, e consistente com meu caráter, de *"agradar todos os homens"*, com os quais eu converso, *"para a boa edificação deles?"*. Se eu estiver em falta, até mesmo com respeito a esses dons menores, eu não deveria habitualmente lamentar essa falta? Quão freqüentemente, eu deveria me mover pesadamente, e ser tão menos útil do que eu teria sido! Quanto mais eu deveria sofrer com minha inutilidade, se eu tivesse desperdiçado as oportunidades que eu, uma vez, tive de me familiarizar com os grandes pensadores da Antigüidade, os Patriarcas Ante-Nicene [- Escritos que foram feitos antes do Concílio de Niceia (325 d.C), por Clemente Romano, Policarpo, Inácio, Justino Mártir, etc.]; ou se eu tenho desperdiçado aquelas horas preciosas em que eu poderia ter me tornado um mestre das ciências! Quão pobremente, eu muitas vezes, ainda me arrasto, por falta da ajuda que eu vilmente joguei fora! Mas o meu caso não seria ainda pior, se eu tivesse perdido tempo, naquilo em que eu me aperfeiçoaria em Grego e Hebraico? Eu deveria antes disto, ter estado criticamente familiarizado com esses tesouros do conhecimento sagrado. Mas eles estão agora escondidos de meus olhos; eles estão trancados, e eu não tenho a chave para abri-los. No entanto, eu tenho usado de toda a diligência possível para suprir aquele defeito grave (até onde eu possa ser suprido agora), pelo mais acurado conhecimento das Escrituras inglesas? Eu medito nisto, dia e noite? Eu penso (e conseqüentemente falo) nisto, *"quando eu me sento em casa, e quando eu caminho pela rua; quando eu me deito, ou quando eu me levanto?"*. Através destes meios, eu tenho, por fim, obtido um conhecimento completo, quanto ao texto sagrado, com respeito ao seu significado literal e espiritual? Do contrário, como eu posso tentar instruir outros? Sem isto, eu sou um guia de cego, de fato! Eu sou absolutamente incapaz de ensinar meu rebanho, aquilo que eu mesmo nunca aprendi; não mais adequado a conduzir as almas a Deus, do que eu sou para governar o mundo.

2. E ainda assim, existe uma maior consideração do que aquela dos dons; mais elevada do que alguma ou todas essas juntas; uma consideração, em vista da qual, todos os dons externos e todos os intelectuais desapareceram no nada. Eu sou como eu deveria ser, com respeito à graça de Deus? O Senhor Deus me capacite a julgar corretamente isto!

E (1) Qual foi a minha intenção em tomar sobre mim este ofício e ministério? Qual foi ela, em cuidar desta paróquia, quer como Ministro ou Cura? Ela foi sempre, e é agora, total e somente para glorificar a Deus, e salvar almas? Meus olhos têm sido puros nisto, desde o princípio? Eu nunca tive, ou tenho agora, alguma mistura em minha intenção; alguma liga de metal desprezível? Eu tive, ou tenho, nenhum pensamento de ganho mundano; *"lucro imundo"*, como o

Apóstolo o denomina? Eu, à princípio, tive, ou tenho agora, nenhum objetivo secular? Nenhum olho para honra ou cargo honorífico? Para a renda abundante; ou, pelo menos, meios suficientes para subsistência? Um meio de vida prazeroso e confortável?

Ai de mim, meu irmão! *"Se a luz que está em ti for trevas, quão grandes são estas trevas!"*. Foi um modo de vida confortável, então, seu motivo para entrar no ministério? E você admitiu isto na face do sol, e sem ruborizar-se? Eu não posso comparar você com Simão Mago: você está muitos graus abaixo dele. Ele ofereceu dinheiro pelo dom de Deus, o poder de conferir o Espírito Santo. Por meio disto, no entanto, ele mostrou que ele colocou um valor mais elevado no dom, do que no dinheiro que ele teria desistido por ele. Mas você não; você coloca um valor muito mais alto no dinheiro, do que no dom; de tal maneira, que você não deseja, você não aceitará o dom, exceto se o dinheiro vier junto. O Bispo disse, quando você foi ordenado: *"Recebe, tu, o Espírito Santo"*. Mas isto foi o menor de seu cuidado. Deixe para quem irá receber isto, assim você recebe o dinheiro, o rendimento de um bom benefício. Enquanto você ministra a palavra e sacramentos diante de Deus, ele dá o Espírito Santo àqueles que devidamente o recebem: De maneira que, *"através de suas mãos"*, igualmente, *"o Espírito Santo é"*, neste sentido, *"dado"* agora. Mas você se preocupa pouco, se ele é dado, ou não; tão pouco, que você não ministrará por mais tempo; ele não deverá ser dado mais, quer através de seus lábios ou mãos. Se você não tem dinheiro para seu trabalho. Ó, Simão, Simão! Que santo és tu, comparado a muitos dos mais honrados homens agora na Cristandade!

Que ninguém, por ignorância, ou obstinadamente se equivoque comigo. Eu não *"amordaçaria o boi que pisoteia o milho"*. Eu sei que o *"trabalhador"* espiritual, também, *"é merecedor de sua recompensa"*; e que, se *"nós semeamos junto"* ao nosso rebanho, *"coisas espirituais"*, é adequado que *"colhamos de suas coisas carnis"*. Eu, portanto, não censuro, em grau algum, um Ministro receber um salário anualmente; mas censuro o seu ir de buscá-lo. O que eu censuro é ter isto como objetivo, como o motivo, ou parte do motivo, para entrar em seu ofício sagrado.

Se o cargo honorífico, a honra, ou proveito estava em seus olhos, seus olhos não eram puros. E nosso Senhor não conheceu meio termo entre um olho puro e um olho pecaminoso. O olho, portanto, que não é puro, é pecaminoso. Este é o caso claro, declarado. Ele, então, que tem algum outro objetivo, ao empreender, ou executar o ofício de um Ministro do que puramente este, de glorificar a Deus e salvar almas, seu olho não é puro. Em consequência, ele é mal; e, portanto, *"todo seu corpo"* deve ser *"cheio de trevas"*. *"A luz que está"* nele, *"é"* de muitas *"trevas"*; as trevas cobrem sua alma toda, ele não tem paz verdadeira; ele não tem a bênção de Deus; e não existe fruto de seus esforços.

Não é de se admirar que aqueles que não vêem dano nisto, não vejam dano em acrescentar um benefício a outro, e, se eles puderem, outro àquele; ainda assim, limpam suas bocas, e dizem que eles não praticam o mal. Já no primeiro passo, seus olhos não são puros; portanto, suas mentes são preenchidas com escuridão. De maneira que eles cambaleiam ainda na mesma lama, até que seus pés *"tropecem nas montanhas escuras"*.

De fato, ele contesta que *"um pequeno benefício não manterá uma família grande"*. Manterá! Como? Ele não irá vesti-los *"em púrpura, e fino linho"*; não irá capacitá-los a alimentarem-se *"suntuosamente todos os dias"*. Mas o benefício que você tem agora não fornecerá a você e aos seus as necessidades básicas; sim, e as conveniências da vida? Ele não irá mantê-los na frugal simplicidade cristã, que se torna um Ministro de Cristo? Ele não manterá você na pompa e grandiosidade, na luxúria elegante, na sensualidade moderna. Muito melhor. Se seus olhos foram abertos, como quer que seja sua renda, você fugiria disto, como do fogo do inferno.

Foi argumentado, (2): *"Tendo uma grande renda, eu sou capaz de praticar mais o bem"*. Mas você se atreve a afirmar, na presença de Deus, que foi simplesmente com este objetivo; apenas com esta finalidade, que você buscou por um rendimento maior? Se não, você ainda está condenado diante de Deus; seus olhos não foram puros.

Então, não se preocupe com minúcias e esquive-se. Este não foi sua razão de agir. Este não foi o desejo de praticar mais o bem, se para as almas ou corpos dos homens; não foi por amor a Deus: (Você sabe que não foi; sua consciência é como milhares de testemunhas): Mas foi *"por amor ao dinheiro"*, e *"desejo de outras coisas"*, que animou você nesta busca. Se, então, a Palavra de Deus é verdadeira, você está em escuridão ainda: Ela preenche e cobre sua alma.

Eu acrescentaria, que uma renda maior não necessariamente implica uma capacidade maior de praticar mais bem espiritual. E este é o mais sublime tipo de bem. É bom alimentar o faminto, vestir o nu: Mas é muito mais nobre *"salvar almas da morte"*, *"retirar"* o pobre *"tição do fogo"*. E foi para isto que você foi especialmente chamado, e para o qual você tem solenemente prometido *"aplicar todos os seus estudos e esforços"*. Mas você, de maneira alguma, estará certo de que, acrescentando um segundo benefício ao primeiro, você será mais capaz de fazer o bem deste tipo, do que você teria sido se colocasse todo seu tempo, e todas as suas forças, em seu primeiro rebanho.

"No entanto, eu seria capaz de praticar mais bem temporal". Você não está certo, nem mesmo disto. *"Se as riquezas aumentam, elas são aumentadas para aqueles que comem delas"*. Talvez, suas despesas possam aumentar proporcionalmente com sua renda. Mas, se não, se você tem uma maior habilidade, você teria uma maior disposição para fazer o bem? Você não tem motivo no mundo para acreditar nisto. Existem milhares de exemplos contrários. Quantos têm menos vontade, quando eles têm mais poder! Agora, que eles têm mais dinheiro, eles o amam mais; quando eles tinham pouco, eles praticavam sua *"diligência alegremente para dar daquele pouco"*; mas, desde que tiveram muito, eles estão tão longe de *"dar abundantemente"*, de maneira que eles dificilmente podem se dispor a dar, afinal.

"Mas, por ter um outro benefício, eu mantenho um homem valoroso, que, ao contrário, estaria em falta com o necessário da vida". Eu respondo: (1) Este foi todo e único motivo em buscar aquele outro benefício? Se não, este argumento não o isentará da culpa; seus olhos não foram puros. (2) Se foi, você pode colocar isto além de disputa: você pode provar, de imediato, a pureza de sua intenção: -- Faça daquele valoroso homem, Reitor, de uma de suas paróquias; e você está limpo diante de Deus e homem.

Mas o que pode ser reivindicado por aqueles que têm dois ou mais rebanhos, e cuidam de nenhum deles? Quem exatamente olham para eles, ocasionalmente, por alguns dias, e, então, se desloca para uma distância conveniente e diz: *"Alma, tu tens muitos bens ajuntado para muitos anos; desfrute; coma, beba e seja feliz?"*.

Alguns anos atrás, eu homem simples me perguntou: *"Aquele que alimenta o rebanho, não deve comer do leite do rebanho?"*. Eu respondi: *"Amigo, eu não tenho objeção a isto. Mas o que é isto para aquele que não alimenta o rebanho? Ele permanece do outro lado da cerca, e alimenta a si mesmo. É outro que alimenta o rebanho; e ele deve ter o leite do rebanho? O que tu podes dizer por ele?"*. Verdadeiramente, nada, afinal; e ele não terá coisa alguma a dizer a si mesmo, quando o grande Pastor pronunciar aquela justa sentença: *"Amarre" o servo inútil, "mãos e pés, e o lance na escuridão exterior"*.

Eu não tenho me demorado mais tempo sobre este assunto, porque uma intenção correta é o primeiro ponto de todos, e o mais necessário, afinal; visto que a necessidade disto não pode ser suprida por qualquer coisa mais que seja. O empreender algo da maneira errada, é uma falta que nunca será emendada, exceto se você retornar ao lugar de onde você veio, e fazê-lo da maneira correta. É impossível, portanto, colocar ênfase muito grande em um olho simples, uma intenção pura; sem o que, todo nosso sacrifício, nossas orações, sermões e sacramentos, são abominação ao Senhor.

Eu não posso descartar este importante artigo, sem tocar em uma coisa mais. Quantos estão diretamente preocupados com isto, eu deixo ao Sondador dos corações.

Você foi colocado em um benefício eclesiástico ou um curato, por algum tempo. Você troca-o agora por um outro. Porque você faz isto? Por que razão, você prefere este diante de seu primeiro benefício ou curato? *"Porque eu tenho apenas cinquenta libras por ano, onde eu estava antes, e agora eu posso ter cem"*. E este é seu real motivo de agir assim? A verdadeira razão por que você fez a troca? *"É: E não é uma razão suficiente?"*. Sim, para um ateu, mas não para alguém que chama a si mesmo de cristão.

Talvez, uma mais grosseira obsessão do que esta, não foi ainda conhecida sobre a terra. Lá vai alguém que é autorizado a ser um embaixador de Cristo, um pastor de almas imortais, uma atalaia sobre a Israel de Deus, um mordomo dos mistérios que *"os anjos desejam examinar"*. Para onde, ele está indo? *"Para Londres, para Bristol, para Northampton"*. Por que ele vai até lá? *"Conseguir mais dinheiro"*. Uma razão tolerável para dirigir um rebanho de bois para um mercado, preferivelmente a outro; embora, se um guia fizer isto, sem qualquer visão adicional, ele age como um ateu, e não como um cristão. Mas qual a razão para abandonar as almas imortais, das quais o Espírito Santo o fez inspetor! E ainda assim, este é o motivo que não apenas influencia em secreto, mas é reconhecido abertamente e sem um rubor! Mais do que isto, é desculpado, justificado, defendido; e isto, não por poucos, aqui e ali, que estão aparentemente nulos quer de piedade ou de vergonha; mas, pelos inúmeros de homens aparentemente religiosos, de uma extremidade da Inglaterra a outra!

(2) Eu sou, Em Segundo Lugar, tal como deve ser, com respeito às minhas afeições? Eu sou tirado, de dentre os homens, e ordenado, nas coisas pertinentes a Deus. Eu permaneço entre Deus e homem, pela autoridade do grande Mediador, na relação, mais próxima e mais afetuosa, tanto para com meu Criador quanto meus companheiros. Eu dei, conseqüentemente, meu coração a Deus, e aos meus irmãos, por causa dele? Eu amo a Deus, com toda minha alma e força? E meu próximo, e todo homem, como a mim mesmo? Este amor me absorve, possui meu todo, constitui minha felicidade suprema? Ele anima todas as minhas paixões e temperamentos, e regula todos os meus poderes e faculdades? Ele é a fonte que produz todos os meus pensamentos, e governa todas as minhas palavras e ações? Se for assim, não junto a mim, mas junto a Deus seja o louvor! Se não, *"Deus seja misericordioso comigo, um pecador!"*.

Pelo menos, será que eu sinto tal preocupação pela glória de Deus, e tal sede em busca da salvação dos homens, que eu estou pronto a fazer qualquer coisa, o que quer que seja contrário à minha inclinação natural, separar-me do que quer que seja agradável a mim, suportar o que for, como quer que seja grave à carne e sangue, de maneira que eu possa salvar uma alma do inferno? O meu temperamento predominante é este, em todos os momentos, e em todos os lugares? Ele torna todo meu trabalho leve? Se não, que cansaço é isto! Que trabalho penoso! Não seria muito melhor segurar o arado?

Mas é possível que isto possa ser meu temperamento predominante, se eu ainda amo o mundo? Não, certamente, se eu *"amo o mundo. O amor do Pai não está em"* mim. O amor de Deus não está em mim, se eu amo o dinheiro, se eu amo o prazer, assim chamado, ou diversão. Nem ele está em mim, se eu amo um amante da honra ou prazer, ou do vestuário, ou da boa comida e bebida. Mais do que isto, até mesmo a indolência, ou o amor à comodidade, é inconsistente com o amar a Deus.

Que criatura, então, é um clérigo avarento, ambicioso, luxurioso, indolente, um amante da diversão! É de alguma surpresa que a infidelidade pudesse aumentar, onde algum desses é encontrado? Que muitos, comparando seus espíritos com sua profissão, possam blasfemar daquele nome meritório, por meio do qual eles são chamados? Mas *"ai daquele, através de quem a ofensa vem! Seria bom para esse homem, que ele nunca tivesse nascido"*. Seria bom para ele agora, preferivelmente a que continue a tirar o fraco do caminho, *"que uma pedra de moinho fosse dependurada em volta de seu pescoço, e ele fosse jogado na profundidade do mar!"*.

(3) Você que é de um espírito melhor, não pode considerar, Em Terceiro Lugar, se eu sou como devo ser com respeito à minha prática? Eu pretendo nesta única coisa, -- fazer, em cada ponto, *"não a minha própria vontade, mas a vontade Daquele que me enviou?"*. Eu cuidadosa e resolutamente me abstenho de toda palavra e obra pecaminosas? *"De toda a aparência do mal?"*. De todas as coisas indiferentes, que colocariam uma pedra de tropeço no caminho do fraco? Eu sou zeloso das boas obras? Quando eu tenho tempo, eu faço o bem a todos os homens? E este de todos os tipos, e em um grau tão elevado quanto sou capaz?

Como eu me comporto no trabalho público a que sou chamado, -- em meu caráter pastoral: Eu sou *"um modelo"*, para meu *"rebanho, na palavra, no comportamento, no amor, no espírito, na fé, na pureza?"*. Minha *"palavra"*,

meu modo de vida diário, são *"sempre na graça"*, sempre *"adequados para ministrarem graça aos seus ouvintes?"*. Meu comportamento é apropriado para a dignidade de meu chamado? Eu caminho como Cristo também caminhou: O amor a Deus e ao homem, não apenas preenche meu coração, mas brilha através de todo meu modo de vida? O espírito, o temperamento que aparece em todas as minhas palavras e ações, tais que me permitem dizer com audácia humilde: Nisto, *"sejam meus seguidores, como eu sou de Cristo?"*. Todos que têm discernimento espiritual tomam conhecimento (julgando a árvore pelos seus frutos) que *"a vida que eu agora vivo, eu vivo pela fé no Filho de Deus"*; e que, em toda a *"simplicidade, e sinceridade santa, eu tenho meu modo de vida no mundo?"*. E sou exemplarmente puro de todo desejo mundano, de todas as afeições vis e vãs? Minha vida é um trabalho contínuo de amor, um tratado de louvar a Deus e ajudar o homem? Em todas as coisas, eu vejo a *"Ele que é invisível?"*. E *"observando, com a face descoberta, a glória do Senhor"*, eu sou *"transformado na mesma imagem de glória em glória, pelo Espírito do Senhor?"*.

Irmãos, este não é nosso chamado, até porque, somos cristãos; mas mais eminentemente porque somos ministros de Cristo? E por que (eu não direi, que não o cumprimos, mas por que) estamos satisfeitos em assim não cumpri-lo? Existe alguma necessidade colocada junto a nós, de mergulhar tão infinitamente abaixo nosso chamado? Quem requereu isto de nossas mãos? Certamente, não Aquele, por meio de cuja autoridade ministramos. A vontade dele não é a mesma com respeito a nós, assim como com respeito aos seus primeiros embaixadores? O amor dele, e seu poder, não são o mesmo, assim como foram nos tempos antigos? Nós não sabemos que Jesus Cristo *"é o mesmo ontem, hoje, e sempre?"*. Por que, então, você não pode ser como *"lâmpadas que queimam e brilham"*, como aqueles que brilharam setecentos anos atrás? Você não deseja compartilhar do mesmo amor ardente, da mesma santidade brilhante? Certamente que sim. Você não pode deixar de ser consciente de que esta é a maior benção que pode ser concedida a algum filho do homem. Você deseja isto; anseia por isto; *"segue para" esta "marca do prêmio do alto chamado de Deus, em Cristo Jesus?"*. Você constantemente e sinceramente ora por isto? Então, assim como o Senhor vive, você a obterá. Apenas nos permita orar, e *"permanecer em Jerusalém, até que sejamos revestidos com o poder do alto"*. Vamos continuar em todas as ordenanças de Deus, particularmente na meditação de sua palavra; *"no negar a nós mesmos, e tomar nossa cruz diariamente"*, e, *"quanto tivermos tempo, fazer o bem a todos os homens"*; e, então, seguramente, nosso *"grande Pastor"* e de nosso rebanho *"nos fará perfeitos em toda boa obra para fazer sua vontade, e operar em nós tudo que é bem agradável à suas vistas!"*. Isto eu desejo e oro.

Seu irmão e servo,

Em nosso Senhor comum,

J. Wesley

Tradução de Izilda Bella

Lição 14: A Vida na Comunidade Cristã

Deveres Para Esta Lição

Um ensaio
Leitura de Sermão
Diário

Objectivos de Aprendizagem

Ao completar esta lição, os participantes deverão poder

- Desenvolver uma eclesiologia Wesleyana
- Incorporar uma identidade pastoral na sua vida pessoal e ministério
- fazer uma apreciação do empenho de Wesley na busca da formação espiritual, como por exemplo através das sociedades Metodistas
- reconhecer a dedicação de Wesley à educação Cristã no treinamento de pastores e pregadores

Trabalho de Casa

Escreva um trabalho de uma a duas páginas sobre esta pergunta: O que é a justiça social?

Nos dias de Wesley, os termos “liberal” e “fundamentalista” não eram usados da mesma forma como são usados na igreja hoje. Como é que Wesley se posicionaria em relação a esses termos? Como é que ele consideraria o movimento Metodista em relação a estes termos? Qual seria a reação dele se fosse rotulado com um desses termos? Escreva um trabalho de duas páginas.

Esteja preparado para mostrar o seu diário ao professor na próxima aula. O trabalho não será submetido, nem lido em detalhe pelo professor. Será apenas brevemente inspecionado para determinar a regularidade, qualidade e organização das anotações.

Escreva no seu diário. Esta tarefa é contínua. Inclua as suas reflexões, reações e opiniões sobre o material apresentado na aula. Leia uma porção do diário de John Wesley, e reflecta sobre a leitura. O diário pode ser localizado na página: <http://wesley.nnu.edu>.

Palavras de Wesley

Antes de 1784, Wesley firmemente declarou o seguinte: “Deus podia ter feito [dos Metodistas] um povo separado . . . [mas] isso teria sido uma directa contradição do seu grande plano de levantá-los, nomeadamente para espalhar a religião das Escrituras pela nação, entre gente de todas as denominações, permitindo a cada um formar as suas próprias opiniões e seguir o seu próprio modo de adoração. Isso só podia ter sido feito efectivamente, se estas coisas tivessem sido deixadas como estavam, e procurando levedar a nação inteira com a ‘fé que opera através do amor.’”

Sermão, “Na Vinha de

Deus”

No coração da doutrina Wesleyana da igreja está o cuidado mútuo. Ele lamenta a perda disso em muitas paróquias, e admoesta o Metodismo a ser diferente: "Quem cuidou deles em amor? Quem observou o seu crescimento na graça? . . . Quem orou com eles e a favor deles, conforme a sua necessidade? Isto, e isto sómente constitui comunhão Cristã. Mas, aonde encontrá-la? Olha para o este e para o oeste, norte ou sul; identifica a paróquia que quiseres. Encontra-se nela esta comunhão Cristã? Antes, não são a maioria dos seus membros uma mera linha na areia? Que conexão Cristã existe entre eles? . . . Que compartilhar dos fardos uns dos outros?"

*Uma Explicação Clara do Povo Chamado Metodista, Works
8: 251-52*

Qualidades do Ministro

1. Bom entendimento, bom senso, e capacidade racional
2. Discernimento
3. Boa memória
4. Compreensão profunda da natureza da chamada pastoral
5. Profundo conhecimento das Escrituras
6. Conhecimento das línguas Bíblicas originais
7. Conhecimento da ciência, filosofia e lógica
8. Conhecimento dos escritores Patrísticos
9. Conhecimento de personalidade e carácter nas pessoas
10. Senso comum
11. Cortesia e sabedoria
12. Foco
13. Amor a Deus e ao próximo
14. Desejo de santidade pessoal
15. Desejo de cooperar com a graça de Deus

A Formação Espiritual

No coração do Wesleyanismo está a formação espiritual.

Num contexto Wesleyano, também acrescentamos a interdependência que temos com os nossos irmãos Cristãos como parte integral do nosso próprio crescimento em santidade e amor. Formar-se espiritualmente é um processo colectivo tal como individual. É o processo de santificação que continua até à nossa morte. Era este o alvo de Wesley: que o seu povo Metodista alcançasse o amor perfeito e daí continuasse vivendo o amor santificador que tinham experimentado. Para Wesley, isso era impossível fora da igreja.

A Educação Cristã

Era expectativa de Wesley que a educação fosse parte integrante das sociedades e bandos. O ensino estava na linha da frente do Metodismo.

O conhecimento e a devoção são ambos cruciais para a vida Cristã. Wesley queria que o seu povo conhecesse uma vasta gama de tópicos, desde a interpretação Metodista dos "Artigos de Religião," até como interpretar correctamente as Escrituras, bem como os grandes clássicos devocionais dos séculos anteriores, e as acepções mais recentes da santidade debatidas na última conferência Metodista.

Lição 15: A Vida no Mundo

Deveres Para Esta Lição

Um trabalho de duas páginas
Diário

Objectivos de Aprendizagem

Ao completar esta lição, os participantes deverão poder

- compreender como é que “missão” decorre naturalmente da soteriologia de Wesley
- apreciar como é que a graça preveniente afecta o evangelismo
- relacionar a prática de Wesley de “Actos de Misericórdia” com oportunidades contemporâneas de ministério de compaixão
- reconhecer as implicações do Wesleyanismo para a justiça social
- relacionar a teologia Wesleyana com a “teologia da libertação”

Trabalho de Casa

Decida aplicar a teologia e as práticas de John Wesley—a base da teologia Nazarena—ao seu ministério.

Escreva no seu diário. Reflicta sobre a sabedoria e o poder da *via media* de Wesley.

Palavras de Wesley

Wesley “fugiria” do próspero para poder ministrar ao pobre. Assim, Wesley podia dizer aos seus críticos: “Vós os grandes e os honráveis, estamos completamente dispostos a deixar-vos. Deixai-nos apenas com os pobres, os vulgares, os baixos e os desprezados de entre os homens.”

Mais um Apelo aos Homens da Razão e da Religião, Works
8:239

Do teólogo Wesleyano Theodore Runyon: “Alguns teólogos têm descoberto uma afinidade peculiar entre a doutrina Wesleyana da santificação e os movimentos de transformação social. Sempre que no nível individual a perfeição Cristã se torna o alvo, emerge a esperança fundamental de que o futuro pode ultrapassar o presente. Ao mesmo tempo, uma santa insatisfação emerge em relação ao presente estado das coisas—uma insatisfação que traz consigo o ímpeto necessário para empurrar o processo de transformação individual. Além disso, esta santa insatisfação é facilmente transferida to campo individual para o da sociedade, aonde confere uma constante motivação para reforma à luz de “um caminho mais excelente” que ultrapassa qualquer status quo.”

The New Creation: John Wesley's Theology Today, Theodore Runyon,
p. 168.

A Teologia Wesleyana

A teologia Wesleyana é otimista, intensamente otimista, não só no tocante à transformação individual como também à transformação social; não só no tocante à diferença que o amor perfeito pode fazer na vida do indivíduo e na Igreja, como também no mundo.

Todas as facetas da persistente atenção de Wesley à santidade do indivíduo tinham por finalidade fazer desse indivíduo um agente do amor perfeito para com os que o cercam. A transformação interior, se verdadeira e real, levaria necessariamente ao que Wesley chamou de “actos de misericórdia.”

Na sua totalidade a teologia de Wesley visa tocar vidas reais com amor real.

Evangelismo

“Nada mais tendes a fazer do que salvar almas. Assim, gastai e deixai-vos gastar no seu trabalho. E ide sempre, não só àqueles que vos querem, mas àqueles que vos querem mais. Notai: não é vosso dever pregar este determinado número de vezes, ou tomar conta desta ou daquela sociedade; mas sim salvar tantas almas quantas puderdes; trazer tantos pecadores quantos puderdes ao arrependimento.”

“Notas de Várias Conversas,” *Works, Jackson, 8:310.*

“Salvação quer dizer não apenas, segundo a versão vulgar, libertação do inferno, ou ida ao céu; mas uma libertação presente do pecado, uma restauração da alma à sua saúde primitiva, sua pureza original; uma restauração da natureza divina; a renovação das nossas almas à imagem de Deus, em rectidão e verdadeira santidade, em justiça, misericórdia e verdade.”

“Mais um Apelo aos Homens da Razão e Religião,”
Works, Jackson, 8:47

Ministério de Compaixão e Justiça Social

Ministério de Compaixão

Os Metodistas deram aos pobres, viveram com os pobres, e preferiram os pobres. Isso era matéria de princípio em Wesley, de base bíblica e teologia segura. Mas era impelida por contacto com pessoas reais que Wesley identificou como seu povo, para os amar em nome de Cristo.

Justiça Social

Wesley estava interessado não só em alimentar, vestir e cuidar dos pobres, mas também em transformar e reformar as estruturas sociais que os mantinham pobres. Não era, e não é, suficiente dizer que tais estruturas opressivas são infelizmente o resultado do mal que veio ao mundo como consequência da Queda. Trabalhar, específica e intencionalmente por aquilo que é conhecido como “justiça social” tem que estar no centro da teologia Wesleyana.

A Teologia da Libertação

Como já foi dito, ele tomou o lado dos oprimidos, dos pobres, e dos esquecidos da sociedade. Existe definitivamente um tema de *libertação* na visão individual e social de Wesley. Com base no seu optimismo sobre a verdadeira libertação do domínio do pecado nesta vida, ele defendeu a libertação social para certas classes e grupos marginalizados, e exigiu que o seu povo Metodista trabalhasse na busca de tais liberdades humanas.

A "santidade" e o "amor perfeito" ensinados e vividos por John Wesley e os seus seguidores, não constituem apenas o nosso passado mas também o nosso futuro, se permitirmos que eles nos guiem—não apenas como nosso "distintivo," mas também como nossa directiva.

Avaliação do Módulo

Explorando a Teologia de John Wesley

Como é que este módulo o beneficiou?

Como é que ele afectará o seu ministério?

Como é que ele afectará a sua pregação e/ou programa de educação Cristã?

Como é que ele afectará o seu serviço no mundo?

Se lhe perguntassem, "Quem foi John Wesley?" como responderia?

Se lhe perguntassem, "O que é que faz a teologia Wesleyana distinta?" como responderia?

Algum comentário final?

Glossário

Termos, Eventos Importantes, e Pessoas

Adopção—Wesley mantém firmemente a importância de ser filho de Deus e co-herdeiro com Cristo. Este aspecto da salvação também implica que nós nascemos no seio de uma família, uma comunidade de irmãos e irmãs em Cristo. Isso evita-nos de imaginar a salvação como um evento e vida puramente individuais.

Aldersgate—o local de um encontro Moraviano onde, enquanto o prefácio de Lutero ao livro dos Romanos estava sendo lido certa noite, John Wesley teve a experiência de sentir o “coração estranhamente aquecido.” Continua o debate no seio dos entendidos (em parte devido às diferentes opiniões que o próprio Wesley dá do evento nos seus escritos) sobre a natureza desse evento, se se trata de uma experiência de conversão, ou de uma crise subsequente.

Amilenialismo—a teoria do final dos tempos que mantém que Cristo não terá um reinado de mil anos na terra, mas que nós estamos vivendo num milénio figurativo, pois que estamos entre o primeiro e o segundo Adventos de Cristo.

Anabaptistas—surgiram de determinados grupos do século 16, os quais negaram o baptismo infantil e reinsituíram o baptismo dos crentes. As suas crenças eram semelhantes às dos Irmãos Suiços, colocando muita ênfase no pacifismo e a não-resistência.

Anacrónico—fora de tempo em relação a um período particular na história. (Por exemplo, o uso de computadores laptop por monges num mosteiro do século 16 seria anacrónico.)

Analogia de fé—o tema de interligação das Escrituras. Para Wesley ele podia ser traduzido em quatro verdades em particular: a corrupção do pecado, a justificação pela fé, o novo nascimento, e a santidade actual tanto interior como exterior. Estes elementos unem as Escrituras e funcionam com guia na interpretação de passagens difíceis.

Antropologia teológica – o ramo da teologia que tem a ver com o estado metafísico e moral da humanidade.

Apostolicidade—um dos quatro marcos da Igreja consoante o Credo de Niceia, o qual determina a autenticidade da doutrina e prática em virtude da sua continuidade desde os tempos dos apóstolos à sucessão apostólica.

Aristóteles (384-322 AC)—o aluno de Platão que se tornou filósofo influente. Os seus escritos copreendem uma vasta gama de assuntos, desde a ética e a política até à física e metafísica. Embora sendo discípulo de Platão, as suas ideias eram bem diferentes das do seu mestre. Em vez de atribuir perfeição somente às ideias, Aristóteles manteve que a matéria podia ser progressivamente melhorada na direcção da perfeição. A perfeição é julgada pela realização por parte da matéria do seu pleno potencial. A sua filosofia, e especialmente o conceito de força prima, causa autónoma de tudo quanto existe, teve muita influência sobre o teólogo e filósofo medieval S. Tomás de Aquino e em formulações teológicas subsequentes.

Arrependimento – literalmente, “uma mudança de pensamento.”

Atributos morais de Deus – descrições das formas como Deus age em relação aos seres humanos. Atributos como justiça, perdão, misericórdia, e graça são geralmente incluídos nesta categoria.

Atributos Naturais de Deus – os atributos sem os quais Deus não podia ser Deus. Tradicionalmente, onipotência, onipresença, e invulnerabilidade fazem parte desta categoria.

Christus Victor (Teoria de Redenção)—surgiu no período da Igreja Primitiva. Afirma simplesmente que Cristo venceu o pecado, ao tomar como inocente o pecado sobre si e ao ser levantado dos mortos pelo poder de Deus. Este é o mesmo poder que pode vencer o pecado em nós.

Clemente de Alexandria—[c. 150-c. 215] um teólogo conhecido pela sua tentativa de defender o Cristianismo perante os críticos pagãos. O Logos—que segundo ele foi encarnado em Jesus—é o tema principal na maior parte dos seus escritos. Ele é também conhecido como um “Cristão Estóico.”

Clube de Santidade—nome pejorativo dado pelos estudantes de Oxford ao grupo formado informalmente em 1730 por John e Charles Wesley e amigos, para estudo. O seu disciplinado grupo logo expandiu o seu foco para além do estudo, para incluir responsabilidade mútua e obras de caridade (ensino aos órfãos, visitação de presos e idosos).

Concelho de Niceia --convocado pelo Imperador Constantino para resolver divisões no seio da Igreja Cristã, este primeiro concelho (325 dC) debruçou-se sobre a controvérsia Ariana. A divisão teológica surgiu na diferença no entender da Cristologia. Os apoiantes Arianos acreditavam que Cristo é da mesma substância que o Pai (dando-lhe assim mais ou menos um estatuto de semi-deus), enquanto que Atanásio e os seus apoiantes mantiveram que Cristo e o Pai eram “homousios,” ou seja, da mesma substância. Com muita política pelo meio, Atanásio e os seus seguidores foram considerados ortodoxos, afirmando a divindade plena de Cristo.

Consubstanciação—semelhante à transubstanciação, o corpo e sangue de Cristo estão literalmente presentes no pão e vinho. A diferença está em que se trata de um paradoxo na medida em que o pão e vinho são o Cristo ao mesmo tempo que continuam sendo em essência pão e vinho.

Controvérsia Perfeccionista – a ênfase de Wesley na perfeição Cristã, ou seja, amar a Deus com todo o coração, alma, e conhecimento, e amar ao próximo como a si mesmo, foi questionada. Grande parte da discordância surgiu da falta de entendimento da terminologia, com “perfeição” vista como um estado final, obtido por esforço humano. Esta distorção foi promovida pela Sociedade de Londres na década de 1760. Wesley repreendeu-os severamente e despediu os seus líderes. Isso também levou Wesley a ser mais claro no tocante à santificação. Na sua maneira de ver, a perfeição consistia da cooperação humana, movida pela graça, com a vontade salvadora de Deus, em resposta à obra justificadora de Cristo.

Criação ex nihilo—literalmente, “criação a partir do nada.”

Depravação total – a doutrina Calvinista pessimista do estado da humanidade segundo a qual somos totalmente depravados em resultado da queda, sem Deus no

mundo, e corruptos sem esperança de reparo nesta vida. Essencialmente, a *imago dei* não é apenas distorcida, antes é completamente perdida.

Deprivação total – doutrina Wesleyana otimista oposta à teoria Calvinista que dita que na queda ficamos destituídos do nosso relacionamento principal com Deus. Assim sendo, os nossos outros relacionamentos são distorcidos, mas a capacidade para amor e esperança perduram. Essencialmente, a *imago dei* não é completamente perdida mas sim apenas distorcida.

Dispensacionalismo—originou entre os Plymouth Brethren, nomeadamente John N. Darby. Esta teoria goza de popularidade nas igrejas evangélicas, sendo essencialmente pessimista no tocante à condição do mundo. É caracterizada por três pontos principais: (1) a divisão da História em eras [geralmente em grupos de sete], (2) a referência a uma dupla Segunda Vinda que inclui um rapto secreto precedendo uma revelação pública, (3) e a divisão da igreja entre igreja dos Judeus e igreja dos Gentios.

Ditado (teoria de inspiração)—uma teoria apoiada em círculos conservadores. Implica que Deus comunicou as Escrituras, palavra por palavra, aos autores. Portanto, se cada palavra foi escrita por Deus, então a Bíblia não contém erro de qualquer natureza—seja em termos da ciência, história, ou cosmologia.

Ecletismo—a prática de ajuntar e combinar informações ou crenças de uma série de fontes diferentes.

Eduardo VI (1537-53)—o filho inválido de Henrique VIII (do seu terceiro casamento com Jane Seymour) que ascendeu ao trono na idade de nove anos, após a morte do pai. Tendo tido pensadores Protestantes por tutores, Eduardo era também Protestante. Dada a sua pouca idade, o seu reinado esteve em grande parte nas mãos dos seus conselheiros, os quais implementaram muitas reformas Protestantes radicais ao longo do seu curto reinado.

Efraim Siro—[c. 306-c. 373] um escritor clássico da Igreja Síria que fez uso de retórica colorida para ensinar a ortodoxia. Os seus colegas deram-lhe a alcunha de “lira do Espírito Santo” embora os seus dons poéticos não tenham compensado pelas deficiências em estudo teológico.

Elizabetano (Acordo)—posição alcançada pela Rainha Elizabeth I e o seu parlamento, na base do *Acto de Supremacia* e do *Acto de Uniformidade* passado em Janeiro de 1559, com vista ao equilíbrio tanto político como religioso entre o Catolicismo conservador e o Protestantismo radical.

Elizabeth I (1533-1603)—conhecida como a “rainha virgem” ou “Glorianna,” é uma das figuras mais bem sucedidas da monarquia Britânica. Ela era filha da segunda esposa de Henrique VIII, Anne Boleyn. Protestante moderada, Elizabeth ansiava ter a segurança política e religiosa que tinham tão claramente escapado a ambos os seus irmãos durante os seus reinados. Assim, ela procurou estabilidade e acordo entre as facções rivais de conservadores e reformistas. Na sua longa vida ela nunca se casou, mas assegurou à Inglaterra o estatuto de nação independente e poderosa.

Empiricismo—a dependência em factos observáveis no estabelecimento da verdade.

Entusiasmo—um fanatismo irracional baseado na revelação e interpretação individualistas

Epistemologia—a disciplina filosófica que concerne a natureza, meio, e validade do conhecimento humano.

Escatologia—o ramo da teologia que lida com a doutrina do fim dos tempos.

Estado humano evangélico—um dos estágios da vida humana no parecer de Wesley, é subseqüente ao novo nascimento em Cristo, em que não se está mais debaixo da lei, mas debaixo da graça.

Estado humano legal – um dos estados da vida humana de acordo com Wesley—esta é a nossa condição perante Deus antes do novo nascimento. Vivemos debaixo da lei, e se permitirmos que a lei cumpra a sua função, ela nos levará ao ponto de reconhecermos a nossa necessidade de salvação.

Estado Natural Humano – um dos estados da vida humana de acordo com Wesley—após a queda, este é apenas um estado hipotético. Era o estado em que Deus criou Adão e Eva.

Eucaristia—literalmente, “acção de graças,” é o nome tradicional do sacramento mais popularmente conhecido como a Comunhão ou Ceia do Senhor nos círculos evangélicos.

Fé—o relacionamento cooperativo que temos com Deus. A essência da confiança em Cristo para cada momento no caminho de salvação

Francis Asbury—um pregador enviado por Wesley à América, o qual no curso da Guerra da Revolução se simpatizou com os Americanos e se tornou o único ministro Metodista a permanecer ali. Juntamente com Thomas Coke, ele liderou os Metodistas Americanos após a separação com a Igreja Anglicana.

Francis Fenelon/François Fénelon (1651-1715)—escritor Católico, professor, e arcebispo, Fenelon era firme na sua ortodoxia, mas gentil no seu método. As suas ideias sobre a necessidade de comportamento moral mesmo da parte da monarquia encontrou desaprovação do monarca Francês Louis XIV. Ele foi muito procurado como líder espiritual. As suas ideias e escritos tiveram grande influência no pensamento do século 18, mesmo no seio dos Protestantes não-Franceses (particularmente John Wesley).

Fundamentalismo—surgiu nos finais do século 19 e começos do século 20 como uma resposta conservadora ao Protestantismo liberal. É definida pela sua adesão a certas doutrinas chave, nomeadamente o Nascimento Virginal, a teoria *satisfação penal*, a infalibilidade das Escrituras, a ressurreição física, e a teoria dispensacionalista do fim dos tempos.

George Whitefield—popular evangelista, teologicamente Calvinista, contemporâneo de Wesley. Como Wesley, ele também passou a pregar ao ar livre quando as autoridades eclesiásticas o impediram de pregar nas suas igrejas. Foi muito popular na América.

Glorificação—refere-se à ressurreição do corpo para um estado de perfeição final.

Graça preveniente – no pensamento do Wesley adulto, foi essa graça que deu uma certa luz a todo o ser humano, despertando-lhe os sentidos espirituais. Essa noção assim permite a Wesley realçar a actividade salvadora de Deus, sem entrar em território Pelagiano. A graça preveniente significa que Deus toma a iniciativa na questão da conversão, inclinando-nos na direcção dEle, incitando-nos, dando-nos a oportunidade de arrepender e crer, mas nunca de forma irresistível.

Gregório de Niceia—[330-c. 395] bispo de Niceia. A sua principal contribuição teológica foram os seus pontos de vista sobre a Cristologia, a Trindade, e a “perfeição” humana.

Henrique VIII (1491-1547)—rei da Inglaterra que, dado o seu desejo de um divórcio e independência política de Roma, se separou do Catolicismo Romano e se tornou líder da Igreja Anglicana. Durante a sua vida ele teve um total de seis mulheres, uma das quais lhe deu um filho, o inválido Eduardo VI, o qual herdou o trono ainda criança. As filhas de Henrique, Maria e Elizabeth também reinaram subsequentemente. No decorrer do seu reinado, Henrique, que era altamente instruído e profundamente religioso, agiu por vezes na base de necessidade política (soberania, ameaça de oposição interna e externa), e por vezes na base de convicção religiosa (conservadora). Apesar de independente do Catolicismo Romano, as mudanças que Henry introduziu na igreja foram relativamente pequenas. Contudo, o seu reinado deu início a um período tumultuoso e em última instância formativo da história religiosa e política da Inglaterra.

Imago Dei—literalmente “imagem de Deus,” A Mildred Bangs Wynkoop, interpretando Wesley, define a imagem de Deus na humanidade como sendo a capacidade de amar.

Inácio—[c. 35-c. 107] bispo da Antioquia. Ele foi persistente na sua oposição às heresias da Igreja Primitiva, especialmente as que negavam a plena humanidade de Cristo. É conhecido pelos seus ataques a tais heresias, escritos em várias cartas que foram preservadas.

Infalibilidade (a controvérsia)—começou na primeira parte do século 20. Este é o ponto de vista de que as Escrituras são livres de erro *nos manuscritos originais*. Esta especificação tem por objectivo lidar com os erros que podem ser encontrados nas Escrituras hoje. Frequentemente o termo “infalibilidade” é defendido por igrejas mais conservadoras para identificar a autoridade bíblica na base da teoria de inspiração verbal ou ditado.

Inteira Santificação—a doutrina central do Movimento de Santidade. Uma segunda experiência de crise a seguir à regeneração; é uma experiência que nos limpa do pecado original, ou cancela a “natureza carnal” e a “inclinação para o pecado,” capacitando assim o individuo inteiramente santificado a progredir na vida de santidade e virtude de vida.

Irineu—[c. 130-c. 200] bispo de Lyons. Grande crítico do Gnosticismo, a sua obra mais importante é *Against Heresies*. Foi um dos primeiros grandes teólogos que—durante um período anterior à canonização das Escrituras—colocou ênfase sobre

textos bíblicos (incluindo o VT e a maior parte dos livros agora conhecidos como o NT), e a tradição religiosa e teológica para opôr a heresia Gnóstica.

Jeremias Taylor (1613-67)—bispo Anglicano e escritor das obras devocionais *Viver em Santidade* e *Morrer em Santidade*. Dele Wesley adoptou a sugestão de que a primeira regra da vida de santidade é a mordomia do tempo (demonstrada através da fiel adesão a um diário pessoal).

João Crisóstomo – [c. 344-407] bispo de Constantinopla, conhecido como “boca dourada” por causa das suas extraordinárias habilidades como pregador e da sua ênfase no amor perfeito.

João da Cruz (1542-91) – um místico doutor da Igreja que, convencido por Santa Teresa a tornar-se parte da Ordem Carmelita, escreveu poética e teologicamente sobre as suas experiências místicas. Nas suas obras, ele realçou a transformação da alma e a sua participação em Deus, resultando em obras de amor.

Justificação – por Deus implica que os nossos pecados são perdoados. A culpa do pecado é retirada. Deus não mais nos condena pelas nossas transgressões contra Ele. Wesley deu ênfase à justificação. Contudo, ele acreditava que a salvação plena vai para além da justificação, até alcançar o problema ou mal básico. O seu modelo “terapêutico” leva-o mais além.

Livro da Oração Comum—a obra litúrgica criada e adaptada por Thomas Cranmer, o arcebispo de Canterbury, em resposta à necessidade de reforma na igreja Inglesa (edições em 1549, 1552, e 1553). Escritas em linguagem vernacular, as liturgias mais simples permitiram participação leiga, reflectindo convicções teológicas mais Reformistas. Também incluídos no livro estavam leituras Bíblicas e sermões, todos em Inglês.

Livro de Homilias—o livro Anglicano de sermões.

Maria Tudor (1516-58) – popularmente conhecida como “Maria a Sanguinária,” filha mais velha de Henrique VIII e Catarina de Aragão, uma Católica devota. Tendo começado o seu reinado com a morte do seu irmão (e a execução de uma outra concorrente ao trono), Maria procurou unir a Igreja Anglicana com Roma.

Memorialista – a doutrina da Santa Ceia desenvolvida por Ulrico Zuínglio [1484-1531], que mantém que a Ceia do Senhor é tomada como memorial da morte de Cristo, semelhante à celebração do Dia dos Heróis Nacionais.

Método teológico – lente para análise de assuntos teológicos e a forma como examinação, avaliação e decisões são feitas.

Misticismo – a experiência directa de Deus. A experiência mística leva a pessoa a atravessar as fronteiras normais da razão para alcançar uma revelação profundamente pessoal de Deus. A validade de práticas ou fenómenos cujo alvo é esta união mística é questionável entre os pensadores Cristãos.

Monofisitismo – esta heresia Cristológica diz que o Cristo encarnado só possuía uma natureza, a divina.

Moravianos – Pietistas Alemães cuja ênfase na disponibilidade (e necessidade) da segurança da salvação teve profundo impacto no desenvolvimento espiritual de John Wesley.

Natureza Pecaminosa—nomeadamente, o pecado original, este é o termo preferido de Wesley. Trata-se do pecado que é inato na pessoa antes do novo nascimento e não traz culpa, mas antes é involuntário; é essencialmente uma predisposição para o pecado.

Nova Criação – no contexto da escatologia Wesleyana, esta teoria refere-se literalmente à ressurreição do corpo. Esta nova criação será uma verdadeira realidade física. Nesse lugar, toda a criação será redimida e participará em Deus num plano mais elevado, seguindo a glorificação, e assim o pecado não entrará questão.

Orígenes – [c.185-c.254] um dos Pais Gregos de Alexandria; um dos primeiros teólogos sistemáticos da Igreja Primitiva. Infelizmente, no final da sua vida ele foi condenado como herético. Contudo as suas obras são consideradas fundamentais para a teologia Cristã e ainda altamente respeitadas.

Patrística – o ramo de estudo teológico que tem a ver com os escritos dos Pais da Igreja (após os escritos que vieram a constituir o Novo Testamento, entre o século 1 e o século 8). Este estudo traz à luz a história, doutrina, e política da Igreja Primitiva.

Platão (427-347 AC) – filósofo Grego cujas ideias filosóficas e políticas são expressas (à exceção de uma pequena coleção, as *Epístolas*), nos seus escritos por intermédio de Sócrates, seu mentor. Escritor prolífico, os seus escritos (com destaque para *A República*), são em formato dialógico. A sua influência no pensamento teológico é quase imensurável. A sua metafísica em que o mundo superior de “Ideias” ou “Formas” representa a perfeição, da qual o mundo físico da experiência humana é meramente uma imitação.

Plenária – este entendimento da inspiração descreve a noção de Wesley de que a Escritura é inspirada no seu todo. Leva autoridade na vida e prática Cristãs, informando tudo quanto é necessário para a salvação.

Pneumatologia – o ramo da teologia que tem a ver com a doutrina do Espírito.

Pós-milenialismo – a cooperação humana na história é crucial para trazer o reino de Deus à terra.

Pregadores Leigos – o crescimento e expansão geográfica das sociedades Metodistas criou a necessidade de pregadores leigos. Enquanto que John e Charles Wesley (e mais tarde outros ministros ordenados) itineraram por entre os grupos, eles dependeram de membros locais que serviam de líderes na sua ausência, de acordo com orientações estabelecidas.

Pré-milenialismo – os seus aderentes normalmente baseiam as suas conclusões numa interpretação literal do Livro de Apocalipse. Esta crença é acompanhada da ideia de que o mundo ser tornará cada vez pior até ao dia do regresso de Cristo.

Presença espiritual – a doutrina Calvinista da Santa Ceia. A Ceia do Senhor é tomada como um memorial e um realce da presença espiritual de Cristo entre os participantes.

Puritanismo – crenças dos Protestantes Ingleses extremistas que não estavam satisfeitos com o Acordo Elizabetano e defenderam que a igreja devia distanciar-se mais do Catolicismo de acordo com o modelo (Reformado) de Genebra. Todos os tipos de decoração eclesiástica foram considerados ídólatras e cultos de adoração tinham que ter expressa base bíblica. O movimento também tinha ambições políticas e eventualmente produziu a Grande Rebelião (ou Revolução Puritana) na Inglaterra em 1642.

Quadriláteros – critérios pelos quais ideias teológicas são testadas para determinar a sua veracidade. Esta designação para a prática Wesleyana de verificação surgiu mais tarde, mas ao longo de todas as suas obras há evidência de um método pelo qual a Escritura, a razão, a tradição, e a experiência juntas testemunham da verdade.

Quietismo – crença de alguns grupos pietistas de que a vida de santidade deve ser uma vida de meditação e quietude. Obras de piedade e a busca dos meios da graça são desencorajadas a favor de uma devoção “não-activa.”

Racionalismo – dependência da razão para o estabelecimento da verdade religiosa, reconhecendo frequentemente um conhecimento interior.

Reconciliação – em referência a Deus. Este é o tema que encontramos nos escritos de Wesley, e também nos hinos de Charles. Significa que a alienação e o distanciamento de Deus implícitos no pecado são conquistados quando entramos num novo relacionamento com Deus.

Redenção – a redenção implica libertação do pecado. O Exodo é uma metáfora da redenção. A redenção também significa receber um novo propósito, nomeadamente, de amar a Deus com todo o nosso ser, e ao próximo como a nós mesmos. As nossas vidas são redimidas do pecado e para o amor.

Regeneração – o termo favorito de Wesley em relação à salvação é “novo nascimento.” Este conceito implica que somos regenerados, “nascidos de novo,” novas criaturas em Cristo. Wesley jamais desejou que a sua doutrina de santificação minimizasse o poder e significado do novo nascimento.

Remonstrantes – apoiantes da doutrina Arminiana (articulada formalmente na “Remonstrancia”) que questionou as doutrinas Calvinistas extremas da expiação limitada e da graça irresistível. Foram condenados por uma aliança de Contra-Remonstrantes no Sínodo de Dort (1618-19).

Reuniões de Bando/Class—grupos de Metodistas que se reuniam para oração, confissão, e edificação. Os seus encontros seguiam um determinado “método” e tinham linhas orientadoras de participação. Elas foram fundamentais para o crescimento e impacto do movimento Metodista.

Revelação especial – revelação da natureza de Deus, revelada na sua plenitude em Jesus Cristo e testemunha nas Escrituras.

Revelação Geral—aquilo que se pode conhecer universalmente sobre Deus através da observação da natureza e reflexão nas características humanas (tais como a consciência e o desejo de justiça).

Santificação gradual—este é o processo que precede a inteira santificação e que leva o indivíduo a um conhecimento gradual do seu estado pecaminoso, ou pecado original. Logo que a pessoa rejeitar completamente o seu estado pecaminoso por intermédio do Espírito Santo, dá-se uma purificação instantânea [inteira santificação], continuando a santificação gradual até ao ponto da morte. Veja “santificação progressiva.”

Santificação Inicial—este termo nunca foi realmente usado por Wesley, mas reflecte a sua convicção de que o momento de salvação dá início ao processo de justificação.

Santificação progressiva – crescimento na semelhança de Cristo e aprofundamento de carácter santo após o momento da inteira santificação. O uso do termo “progressivo” **não** significa limpeza gradual do pecado. Ver “santificação gradual.”

Segurança—a certeza espiritual interior de estar em relacionamento correcto com Deus. Veja o “testemunho do Espírito.”

Sentidos espirituais – a capacidade que Deus dá ao ser humano de conhecer a existencia de Deus bem como a realidade espiritual. Todo o ser humano possui sensibilidade espiritual, mas precisa ser despertado pelo Espírito Santo.

Sinergismo – na teologia, a ideia de que Deus e o ser humano cooperam em prol da salvação humana. A graça de Deus não é sufocante, mas toma iniciativa de um relacionamento ao qual o ser humano tem que responder.

Sola fide – “fé sómente” como requisito para salvação. Foi esse o lema de Lutero na sua confrontação com a ênfase Católica nas boas obras.

Sola Scriptura – “Escritura sómente” uma doutrina desenvolvida no século 15 pelo reformador Martinho Lutero em reacção à autoridade da Igreja Católica. Esse princípio insiste que a Escritura sómente é a fonte de autoridade para o Cristão e a Igreja.

Soteriologia – um ramo da teologia que lida com a doutrina da salvação.

Subordinação – uma heresia Cristológica sub-Cristã que insiste que Cristo é menos importante do que Deus.

Teologia Ecológica—o ramo da teologia que se interessa no cuidado da criação no seu todo, bem como a interligação entre a humanidade e os elementos não humanos (isto é, animais, o meio ambiente, etc.)

Teoria da Influência Moral – estabelecida por Abelardo [1079-1142], esta teoria da redenção aparentemente procura resolver alguns dos problemas da teoria da satisfação penal. De acordo com a teoria da influência moral, a Redenção assenta-se na Encarnação e não na Crucificação e Ressurreição. Cristo veio para constituir o perfeito exemplo do amor, e a sua morte foi uma demonstração de entre outras

desse amor. A salvação obtém-se como um acto de reconhecimento deste exemplo soberano de amor.

Teoria da Recapitulação – teoria da redenção desenvolvida cedo na história da Igreja. Centra-se em Jesus Cristo como o Segundo Adão. Esta teoria centra-se em mais do que a Cruz, para lidar com toda a vida de Cristo, vivida em obediência a Deus. O que Adão fez em errado por desobediência, Jesus corrigiu através da obediência. A Cruz é a expressão máxima dessa obediência. Num sentido, Jesus redime a vida humana ao dar-nos um modelo de como viver uma vida totalmente consagrada à vontade de Deus.

Teoria da Satisfação – esta teoria da redenção centra-se na ideia de que o pecado é uma afronta à honra de Deus. Essa honra tem que ser vindicada, e assim Deus envia Jesus para morrer na Cruz como meio de fazer expiação pelo pecado e de restaurar o sentido de satisfação Divina de que o preço pelo pecado foi pago.

Teoria da Satisfação Penal – teoria da redenção, muito semelhante à *teoria da satisfação*. Mas aqui não se trata da honra de Deus que necessita de vindicação, mas sim a justiça de Deus. É justo que o pecado seja punido. Assim, Cristo toma sobre si a punição, permanecendo Deus como um Deus justo.

Teoria do Resgate – esta teoria da redenção vê a humanidade como capturada por Satanás. A morte de Cristo é o resgate, ou pagamento feito a fim de nos libertar da prisão de Satanás. A ressurreição de Cristo, contudo, é a forma de Deus tomar o resgate de volta de Satanás.

Teoria Governamental da Redenção— Esta teoria é normalmente associada com o Arminianismo, desenvolvida formalmente por um aluno de Tiago Armínio, Hugo Grotius. A morte de Cristo permitiu a Deus oferecer perdão a todos quantos se arrependem, ao mesmo tempo que mantém controlo governamental. Uma importante distinção tem que ser feita com referência à *teoria da satisfação*, no sentido de que Cristo não pagou o preço pelo nosso pecado mas em vez disso sofreu por nós. Tal distinção é crucial para os Arminianos porque esta expiação é ilimitada. Assim, se Cristo tivesse pago o preço por todos então ninguém estaria em necessidade de redenção porque Cristo já teria recebido a punição. Em vez disso, a teoria governamental insiste que o sofrimento de Cristo foi um substituto pelo preço para que o homem pudesse receber perdão mas ao mesmo tempo compreender a seriedade do seu pecado a fim de não voltar a ele.

Teresa de Ávila (1515-82) – freira e mística Carmelita Espanhola. Escreveu amplamente sobre a sua “união espiritual” e meditação em busca da perfeição Cristã. Santa Teresa também desencadeou reformas no seio da sua Ordem e (em colaboração com S. João da Cruz) estabeleceu comunidades conhecidas como as Carmelitas Descalças.

Testemunho do Espírito – geralmente referida como a doutrina da segurança, esta doutrina distintamente Wesleyana tem sido objecto de muito debate (na base do entusiasmo ou da acusação de que implica contínua revelação especial do Espírito ao indivíduo). Wesley descreveu esta experiência como sendo a impressão directa da parte do Espírito de Deus no seu espírito da certeza de que ele era aceito e amado por Deus—isto é, relacionamento restaurado.

Tiago Armínio/James Arminius/Jacobus Arminius (1560-1609)—conhecido pensador Reformista Holandês, começou a ter dúvidas sobre a doutrina Calvinista da Predestinação. Defendendo repetidamente as suas adaptações doutrinárias contra os teólogos Calvinistas rígidos, Armínio veio a defender uma soberania divina que era compatível com o verdadeiro livre arbítrio humano, acreditando que a morte de Cristo era em prol de todos, não sómente dos eleitos. A teologia Arminiana teve muita influência sobre João Wesley.

Tomás à Kempis (c.1380-1471) – o monástico místico que escreveu *A Imitação de Cristo*, e cujos escritos devocionais refletem interesses ascéticos, homiléticos, poéticos e biográficos.

Tomás Coke – um sacerdote Anglicano que veio a tornar-se o principal auxiliar de Wesley. Era dado ao trabalho missionário, e foi especialmente ordenado por Wesley antes de partir para a América a fim de poder ordenar o desejado clero lá.

Tomás de Aquino (c.1225-1274) – possivelmente o maior filósofo e teólogo medieval. As suas obras importantes são *Summa Contra Gentiles* e *Summa Theologiae*. Empiricista Aristotélico, Tomás realçou a necessária relação entre a fé e a razão mas admitiu que a fé tem que se estender para além das capacidades da razão. Na *Summa Theologiae*, Tomás pretendeu formar um tratado consistente e sistemático envolvendo a inteira vida da Igreja, incluindo doutrina, moralidade, adoração e prática espiritual.

Transubstanciação – a doutrina Católica Romana da Santa Ceia que estabelece que pão e vinho se tornam verdadeiramente o corpo e sangue de Cristo, em essência invisível embora não em manifestação visível.

Via media – a “posição intermédia” característica da teologia Anglicana que veio subsequentemente a caracterizar o pensamento Wesleyano. Originalmente tratava-se do equilíbrio entre os Protestantes (Reformados) e os Católicos Romanos (tradicionais), estabelecido pelo Acordo Elizabetano, mas continua como o desejo de equilíbrio entre pólos radicais no espectro teológico.

William Law (1686-1761) – um Não-Jurado (membro do clero que, em reconhecimento do Divino Direito Real, recusou prestar juramento a William e Mary, em reconhecimento do juramento feito ao anterior monarca) cujos escritos realçaram a vida santa, devoção, e perfeição Cristã.